

Entre sonhos, obstáculos e resistências:

Meninas da periferia em
engenharias da UnB



Organizadoras

Valérie Ganem

Luísa Gabriela Ferro da Frota



Editora Poisson

Organizadoras
Valérie Ganem
Luísa Gabriela Ferro da Frota

Entre sonhos, obstáculos e resistências:
Meninas da periferia em engenharias da UnB

1ª Edição

Belo Horizonte
Editora Poisson
2026

Editor Chefe: Dr. Darly Fernando Andrade

Conselho Editorial

Dr. Antônio Artur de Souza – Universidade Federal de Minas Gerais

Ms. Davilson Eduardo Andrade

Dra. Elizângela de Jesus Oliveira – Universidade Federal do Amazonas

MSc. Fabiane dos Santos

Dr. José Eduardo Ferreira Lopes – Universidade Federal de Uberlândia

Dr. Otaviano Francisco Neves – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Dr. Luiz Cláudio de Lima – Universidade FUMEC

Dr. Nelson Ferreira Filho – Faculdades Kennedy

Ms. Valdiney Alves de Oliveira – Universidade Federal de Uberlândia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G456e

Entre sonhos, obstáculos e resistências: Meninas da periferia em engenharias da UnB / Valérie Ganem, Luísa Ferro, Brenda Alves Cordeiro, Kelly Cristina Moura Teixeira *et al.* – Belo Horizonte MG: Editora Poisson, 2026. 98 p.

Formato: PDF

ISBN: 978-65-5866-688-2

DOI: 10.36229/978-65-5866-688-2

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

1. Engenharia. 1. GANEM, Valérie 2. FERRO, Luísa 3. CORDEIRO, Brenda Alves 4. TEIXEIRA, Kelly Cristina Moura 5. Título

CDD-620

SÔNIA MÁRCIA SOARES DE MOURA – CRB 6/1896



O conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença de Atribuição Creative Commons 4.0.

Com ela é permitido compartilhar o livro, devendo ser dado o devido crédito, não podendo ser utilizado para fins comerciais e nem ser alterada.

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

Esse e outros títulos podem ser baixados gratuitamente em www.poisson.com.br

Entre em contato pelo contato@poisson.com.br

Organizadoras

Valérie Ganem

Valérie Ganem tem mestrado em sociologia e psicologia do trabalho. Ela é doutorada em psicologia, orientada por Christophe Dejours. Está habilitada à orientar teses e atualmente é Mestra de conferência titular à Universidade Sorbonne Paris Nord, Unidade Transversal de Pesquisa em Psicogênese e Psicopatologia (UTRPP), (EA 4403), F- 93430, Villetaneuse, France. Ela é também associada à Universidade Paris 5-Descartes, Sorbonne Paris Cité, Psicologia Clínica, Psicopatologia, Psicanálise (PCPP), (EA 4056) THEMA " Sociedade, Violência, Trabalho " - 92774 Boulogne - Billancourt, France. No âmbito de suas pesquisas sobre a relação subjetiva ao trabalho em Guadeloupe-Caribe, ela pode colocar em evidência uma estratégia de defesa coletiva, jamais descrita até o dia de hoje, que passa pela resistência e pela desobediência ao trabalho assalariado. A particularidade desta estratégia coletiva de defesa é que ela se mostra transversal às profissões e ao gênero, contrariamente às estratégias analisadas previamente por sua equipe no Laboratório de Psicologia do Trabalho e da ação do C.N.A.M dirigido por C. Dejours. Ela foi, deste modo, levada a estudar as relações entre adultos e crianças, no seio das famílias daqueles que tinham participado de suas primeiras enquetes coletivas sobre o trabalho. Esta investigação lhe permitiu propor um novo conceito que qualificou pelos termos de Atribuição da cor da pele. O processo psicológico assim descrito possui similaridade com aquele da atribuição do Gênero, descrito precedentemente por J. Laplanche. Esse processo de atribuição se mostraria polimórfico: ele abrangeria tanto o gênero quanto a cor da pele e poderia exercer um papel determinante na percepção e na experiência de uma " condição", no sentido Gestalt social, e de maneira geral, ele não seria sem consequência para as experiências de relações de dominação, no trabalho em particular. Através desse processo, os adultos contribuiriam, na verdade, para a reprodução das relações de dominações presentes na sociedade. Hoje, Ganem, acabou uma pesquisa comparativa entre Guadeloupe e Brasil afim de estabelecer que há uma ligação entre uma situação histórica como aqui a escravidão transatlântica, " A situação antropológica fundamental " no sentido de Jean Laplanche e a relação subjetiva atual ao trabalho e a dominação. Por isso ela criou uma metodologia específica chamada histórico-clínica. Desde 2021, na extensão deste trabalho, ela está realizando pesquisas com as comunidades quilombolas a fim de entender melhor a relação subjetiva ao trabalho dessas pessoas, herdeiras das fugitivas no tempo da escravidão. Paralelamente a isso, ela perseguiu, desde o início, pesquisas em psicopatologia e psicodinâmica do trabalho, as quais ela procura colocar à serviço da ciência da gestão e medicina do trabalho. Desde 2016, ela empreende também uma pesquisa comparativa entre França e Brasil sobre o tema da saúde, do trabalho e da migração. Desde 2013, faz parte igualmente do projeto de pesquisa ação chamado "Meninas Velozes" que busca ajudar a integração de meninas da periferia de Brasília nos cursos de exatas na UNB e a entender as condições favoráveis por isso. Ministra aulas de psicologia do trabalho aos estudantes de Gestão de Recursos Humanos, aos estudantes de psicologia em nível master da Sorbonne Paris Nord e aos estudantes em psicologia do trabalho em nível master no Conservatoire National des Arts et Métiers.



No Brasil, ensina também para estudantes da faculdade de tecnologia da UnB, para estudantes de pós-graduação em educação e psicologia da UCB e para estudantes de graduação e pós-graduação em ciências da saúde da UnB. Em 2024 ela foi professora visitante na UNB, onde ela administrou a disciplina de 70H de psicopatologia e psicodinâmica do trabalho para a graduação e a pós graduação. Ela aproveitou esse ano no Brasil para aprofundar sua pesquisa com as meninas da periferia e as comunidades quilombolas e iniciar uma pesquisa com empregadas domésticas.

Luísa Gabriela Ferro da Frota

Costumava me sentir distante das engenharias devido ao seu elitismo e predominância masculina e, portanto, nunca sonhei em atuar nessas áreas. Entretanto, hoje tenho orgulho de ser graduanda em engenharia mecatrônica pela Universidade de Brasília (UnB) e de contribuir para a construção de uma engenharia humanizada e contextualizada com o sujeito. Nessa busca, já participei da atlética do curso (2022), de projetos de educação em robótica (IEEE RAS e Edubot em 2022), de uma equipe de competição de robótica autônoma (DROID, de 2022 a 2024) e de iniciações científicas (2023 - atual), que me levaram ao Meninas Velozes. Trabalhar com educação em engenharia, especialmente com meninas, cura as dores da minha criança interior, bem como cultiva uma esperança de que o futuro das exatas possa ser mais acolhedor.

Coautoras

Brenda Alves Cordeiro

Engenheira de produção pela Universidade de Brasília (UnB), atuando na área de gestão de processos e projetos. Movida pela curiosidade e pelo desejo de gerar impacto, possui um perfil analítico e proativo. Dedica-se ao desenvolvimento de soluções que promovam maior eficiência e apoiem a tomada de decisão. Tem interesse em melhoria contínua, ciência de dados e inteligência artificial, aliando pensamento crítico, comprometimento e aperfeiçoamento constante em sua trajetória acadêmica e profissional.

Kelly Cristina Moura Teixeira

Graduanda em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB) e ex-tutora do Projeto Meninas Velozes. Guiada pelo compromisso com a transformação social, transita entre a pesquisa, a extensão e a escrita para compreender as múltiplas formas de viver, aprender, produzir e compartilhar saberes.

Laura Beatriz Lima de Sousa

Sou apaixonada pelo aprendizado e pela natureza desde que me entendo por gente. Fruto do ensino público e criada por uma mãe solo incrível, que sempre foi minha maior referência de força, aprendi cedo o valor transformador da educação. Sou Engenheira Florestal e mestranda em Botânica pela Universidade de Brasília (UnB), atuando ativamente na educação maker e na popularização das áreas *STEM Science, Technology, Engineering and Mathematics* (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática). Acredito que a natureza e a inovação caminham juntas, por isso, integro ecologia, tecnologia e robótica para transformar o ensino de ciências em algo que se pode tocar, construir e experimentar. Um dos meus maiores propósitos é a inclusão feminina na tecnologia, por meio da minha atuação e liderança em projetos como "Meninas Velozes", "Meninas Acelerando no Fundamental" e "SESI Lab Delas", trabalho para incentivar, capacitar e criar oportunidades reais para que mais jovens mulheres conquistem seu espaço e protagonismo nas carreiras científicas e exatas.

Rafaella Borges Ribeiro

Rafaella Borges Ribeiro é estudante de Engenharia de Software na Universidade de Brasília (UnB). Participa de projetos de pesquisa e extensão voltados à tecnologia, inteligência artificial e inclusão. Também desenvolve iniciativas relacionadas à representatividade de mulheres nas áreas de STEM. Acredita que a educação e a ciência são ferramentas fundamentais para promover transformação social.

Talyta Pereira Ferro

Recém graduada em Engenharia Ambiental pela UnB. Foi membro do Projeto Meninas Velozes durante 2013 e 2014 no Ensino Médio, onde plantou seu sonho de se tornar engenheira, uma conquista realizada após enfrentar dos mais diversos desafios durante sua jornada. Hoje sabe que com incentivo e persistência, consegue enfrentar grandes obstáculos.

Tânia Mara Campos de Almeida

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF (1989), mestra e doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília-UnB (respectivamente, 1994 e 2001), com pós-doutorado em Representações Sociais pela UnB (Instituto de Psicologia, 2006), pela Université de Provence e pela EHESS (França, 2007), bem como pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania (PPGDH/UnB, de 2024 a 2025). Atualmente, é pesquisadora e professora do Departamento de Sociologia-UnB, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGSOL), integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres (NEPeM) da mesma universidade, tendo sido sua dirigente entre 2013 e 2018. Nos períodos de 2012 a 2016 e set/2022 a jul/2023, editora-adjunta da revista "Sociedade e Estado" (A1 Qualis CAPES); de jul/2020 a ago/2022 foi sua editora-responsável, além de integrar o corpo editorial de vários periódicos científicos. Pesquisadora PQ2 do CNPq de 2020 a 2023. Tem experiência com docência, ensino e extensão na área das Ciências Sociais e Humanas, com ênfase nos seguintes temas e variadas publicações: gênero, violência, trabalho, saúde e religião. Participa do grupo de pesquisa do CNPq "Diálogos em Sociologia Clínica - UnB", coordenou projeto de pesquisa financiado pela FAP DF 2023-2025, bem como coordenou projeto de pesquisa em parceria com o Ministério das Mulheres de 2024 a 2025.

Dianne Magalhães Viana

Professora associada da Universidade de Brasília (UnB), engenheira mecânica pelo CEFET/RJ, mestre em Engenharia Mecânica pelo IME e doutora em Engenharia Civil pela COPPE/UFRJ. Atua na interface entre Engenharia, Design e Educação, com ênfase em sistemas tecnológicos educacionais, formação em engenharia e educação em STEM. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Design da UnB. Na Faculdade de Tecnologia, é cofundadora do A-LEARN (Active Learning Research Center) e coordenadora do programa Meninas Velozes, voltado à aproximação de meninas e mulheres das áreas de STEM. Integrou a diretoria da Associação Brasileira de Educação em Engenharia (ABENGE) entre 2020 e 2024. Atualmente, coordena o GTAAEE/ABENGE, participa da Rede Lusófona de Pesquisa em Educação em Engenharia e representa a América do Sul e Central na Research in Engineering Education Network (REEN) no período de 2026 a 2029.



Maura Angelica Milfont Shzu

Professora da Faculdade de Ciências e Tecnologias em Engenharias da Universidade de Brasília (UnB). Desenvolve pesquisas e projetos voltados às metodologias ativas de aprendizagem e à promoção da equidade de gênero nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM). Realizou pós-doutorado na Universidad de Salamanca (Espanha), com pesquisa dedicada ao desenvolvimento de metodologias de investigação que articulam gênero e profissões STEM, visando à proposição de estratégias eficazes para despertar o interesse e a curiosidade de meninas pelas engenharias. É doutora em Estruturas e Construção Civil pela Universidade de Brasília e mestre na mesma área pela Universidade Federal de Pernambuco. Atuou como engenheira estrutural na empresa ENGEDATA, em Recife (PE), desenvolvendo projetos de estruturas de edifícios e fundações. Suas áreas de atuação e pesquisa incluem também modelagem e análise estrutural por elementos finitos, otimização estrutural, mecânica dos sólidos e da fratura.

SUMÁRIO

Arte da capa	10
Uma sociedade desigual	11
Panorama acadêmico	11
A interseccionalidade das vivências	12
O Programa Meninas Velozes	14
Método de investigação: entrevistas individuais	17
Primeira entrevista	17
Entre as duas entrevistas	18
A segunda entrevista	19
Perfil das participantes	19
Síntese das entrevistas	20
Síntese da entrevista com A	20
Síntese da entrevista com B	27
Síntese da entrevista com C	36
Síntese da entrevista com D	40
Síntese da entrevista com E	45
Síntese da entrevista com F	54
Síntese da entrevista com G	62
Síntese da entrevista com H	67
Análise transversal das oito entrevistas: as circunstâncias desfavoráveis e favoráveis ao nascimento do desejo de fazer engenharia	73
No mundo acadêmico	73
Na esfera privada ou círculo social	95
Discussão e conclusão	111
Referências	113

ARTE DA CAPA

A ilustração, em estilo de rascunho bicolor (azul marinho e rosa vibrante), apresenta o rosto de uma jovem mulher negra com cabelos cacheados. O topo de sua cabeça está aberto, revelando um ecossistema que mistura o mundo acadêmico e a realidade periférica.

Do lado esquerdo e do lado direito, há elementos da vida acadêmica e estética: um capelo (chapéu de formatura) e pentes garfo, que o sustentam, além de engrenagens, livros, colunas do ICC (Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília - UnB), escada do Restaurante Universitário (RU) e emblema de reconhecimento. Do lado direito e ao centro, emerge uma comunidade com a arquitetura das periferias – escadas, pipas, espadas de São Jorge e paradas de ônibus – e a caixa d'água da região de Ceilândia. O olhar da jovem é sereno e resiliente, sugerindo que ela carrega esses dois mundos e os equilibra com consciência.

Entrar na universidade, sendo uma mulher da periferia, é dividir-se entre dois mundos que, muitas vezes, fingem não se ver.

Existe um capital social que nos é negado desde o berço. Ali, tudo é estrangeiro. Enquanto, para alguns, a entrada no ensino superior é celebrada com o carro presenteado pela família, para nós, a vitória é o simples fato de ter atravessado o portão. Não há monitorias pagas, nem apostilas ou o conforto do recurso ilimitado. O que existe é o peso de, muitas vezes, ser a primeira da linhagem a ocupar aquele espaço, a primeira porta aberta de uma vida inteira.

Na tecnologia, esse abismo é ainda mais gritante. É preciso criar espaços onde não fomos convidadas. Carregamos, no pensamento, o futuro que estamos construindo e o passado que nos sustenta, lembrando, a cada passo, de onde viemos e de quem veio antes de nós.

Entre as filas do RU, o silêncio da biblioteca e a espera infinita nas paradas de ônibus que conectam as RAs do Distrito Federal ao Plano Piloto, eu me mantive inteira. Levo comigo a espada-de-são-jorge no portão, a força da oração de minha mãe e a fé que mora em casa. Eu não deixei a periferia para trás para entrar na academia: eu a trouxe comigo. Minha história é o que me mantém de pé.

Laura Sousa

UMA SOCIEDADE DESIGUAL

PANORAMA ACADÊMICO

A equidade de gênero permanece como um desafio persistente, mesmo diante de avanços globais em educação e trabalho. Entre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, a equidade de gênero permanece como uma meta ainda não plenamente alcançada por nenhum país do mundo (BELLO e ESTEBANEZ, 2022). No âmbito acadêmico e profissional, essa realidade é especialmente pronunciada em profissões correlatas à STEM (sigla em inglês para: Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática), em que as mulheres seguem sub-representadas.

Dados indicam que apenas uma mulher a cada quatro homens seja contratada em ocupações relacionadas à STEM (WEF, 2018), proporção que pode ser ainda mais desigual em áreas específicas, como o aprendizado de máquina, onde mulheres representam cerca de 12% dos profissionais (BELLO, BLOWERS e SCHEEGANS, 2021). No Ensino Superior, as mulheres correspondem a aproximadamente 35% dos estudantes em cursos de ciências exatas (UNESCO, 2018). Entretanto, essa diferença acentuada, correlata ao gênero, não é tão proeminente quando colocados em foco os primeiros anos do Ensino Básico de países latino-americanos, como o Brasil.

De acordo com os dados do Estudo Regional Comparativo e Explicativo (ERCE) e do Estudo Internacional de Tendências em Matemática e Ciências (TIMSS), essa disparidade não se apresenta de forma tão acentuada nos níveis iniciais da educação (Inep, 2024; UNESCO, 2021). As diferenças de desempenho em Matemática, entre meninos e meninas, são relativamente menores nos primeiros anos escolares, mas tendem a se ampliar ao longo da trajetória educacional. Esse crescimento sugere a existência de desigualdades cumulativas que se intensificam com o tempo.

É possível apontar uma pluralidade de fatores que impactam negativamente o percurso das meninas nas áreas relacionadas a STEM. De acordo com a UNESCO (2018), esses fatores podem ser organizados em cinco níveis principais: (i) o nível individual, que abrange aspectos biológicos, hormonais, genéticos, cognitivos e psicológicos; (ii) o nível familiar e de pares, relacionado à influência dos pais, colegas e ao *status* socioeconômico; (iii) o nível escolar, que envolve o ambiente de aprendizagem, as práticas pedagógicas, os recursos disponíveis e a atuação docente; e (iv) o nível social e cultural, no qual se inscrevem as normas de gênero e os estereótipos. Esses fatores não atuam isoladamente, mas se articulam ao longo da vida escolar, influenciando tanto o desempenho quanto a forma como meninas se percebem em relação às áreas científicas.

Assim, a forma como uma menina se relaciona com a Matemática e as ciências pode influenciar profundamente sua percepção sobre si mesma. De acordo com a UNESCO (2018), meninas que internalizam estereótipos de gênero tendem a apresentar níveis mais baixos de “autoeficácia” e menor confiança em suas habilidades, quando comparadas aos meninos. A “autoeficácia”, nesse contexto, refere-se à crença individual na própria capacidade de realizar uma determinada tarefa. Trata-se de uma percepção subjetiva, que não necessariamente reflete as verdadeiras habilidades ou competências da pessoa em uma área específica (PEDERSEN e NIELSEN, 2023). Mesmo quando as meninas demonstram competências equivalentes às de seus colegas do sexo masculino, elas tendem a se afastar das áreas de ciências exatas em decorrência de trajetórias marcadas por estereótipos limitantes, barreiras de acesso e ausência de estímulo. O sentimento de menor “autoeficácia”, cultivado ao longo de suas experiências escolares e sociais, atua como fator de exclusão em suas escolhas (PEDERSEN e NIELSEN, 2023).

Sendo assim, percebe-se que a hegemonia masculina, em cursos e profissões vinculadas às áreas de STEM, não é fruto de uma escolha individual isolada, mas advém de um processo complexo que se inicia precocemente na vida das crianças e se perpetua ao longo da trajetória educacional e profissional das mulheres.

A INTERSECCIONALIDADE DAS VIVÊNCIAS

Para que se promova, de forma efetiva, a liberdade de escolha, a inserção e a permanência de meninas e mulheres em áreas historicamente dominadas por homens, é necessário considerar as características interseccionais de suas vivências. Assim, a análise exclusiva pelo viés de gênero é insuficiente para se compreender a complexidade das desigualdades enfrentadas. Diferentes contextos sociais nos quais esses indivíduos estão inseridos produzem identidades também marcadas por fatores como raça, classe social, território, deficiências, orientação sexual, entre outros, que se articulam e se sobrepõem, resultando em vulnerabilidade e opressão (CRENSHAW, 2002).

Essa abordagem interseccional, proposta por Crenshaw (2002), permite evidenciar que as barreiras enfrentadas por uma mulher negra, periférica ou indígena para acessar o Ensino Superior, nos cursos de STEM, por exemplo, não podem ser tratadas da mesma forma que aquelas vividas por uma mulher branca de classe média.

Nas discussões hegemônicas sobre gênero, o sujeito central geralmente é a mulher branca, enquanto, nas discussões sobre raça, o foco tende a recair sobre o homem negro. Sendo assim, a mulher negra, situada na interseção entre essas duas categorias, ocupa um espaço de invisibilidade, compondo uma espécie de “vácuo narrativo”, em que sua experiência é negligenciada (RIBEIRO, 2017). A ausência de reconhecimento pleno de sua

vivência impede que políticas e discursos contemplem adequadamente suas demandas específicas. Além disso, as raízes do colonialismo, na Modernidade, seguem operando por meio da articulação das desigualdades de raça, gênero e classe, levando a opressão de classe a estar presente nas vivências interseccionais (MAZZETTI, WEDIG e OLIVEIRA, 2020), moldando as posições sociais dos indivíduos e os diferentes níveis de acesso a recursos, oportunidades e reconhecimento.

Segundo Kimberlé Crenshaw (2004), a discriminação interseccional apresenta diferentes formas, o que dificulta tanto sua identificação quanto sua superação por meio de políticas específicas. Para além das formas explícitas de discriminação direcionadas a grupos socialmente marcados, como mulheres negras da periferia, Crenshaw destaca também a existência da opressão mista, a qual é fruto de discriminações a grupos que englobam a pessoa oprimida. De maneira mais sutil, a discriminação também pode ocorrer de modo estrutural, sem ação direta ou intencional, manifestando-se por meio de normas, instituições e práticas sociais, que, ao longo do tempo, perpetuam desigualdades e desfavorecem coletivamente pessoas de grupos marginalizados. Assim, a vivência interseccional, nesse contexto, potencializa as opressões vividas, muitas vezes de forma silenciosa e naturalizada.

No âmbito escolar, a intersecção entre o gênero, a raça e a identidade LGBTQIAPN+ atravessa a experiência das estudantes de maneiras distintas e, muitas vezes, cumulativas, aumentando os níveis de discriminação vivenciados por elas (BELLO e ESTEBANEZ, 2022). Esses atravessamentos comprometem o pleno desenvolvimento acadêmico dessas alunas e também impactam sua permanência e o sentimento de pertencimento no espaço escolar. O ambiente acadêmico, por sua vez, reproduz as estruturas excludentes da sociedade e o acúmulo dessas vivências marcadas por opressões sobrepostas, o que resulta em um distanciamento entre a população socialmente marginalizada e a construção científica do saber.

Assim, o reconhecimento dessas vivências é um passo importante para a compreensão das ferramentas de combate às desigualdades já existentes, bem como para projetar aquelas que ainda precisam ser articuladas. É necessário que os instrumentos legais de enfrentamento à discriminação racial abranjam todos os sujeitos impactados por essa forma de opressão, independentemente de seu gênero. Da mesma forma, políticas voltadas para a equidade de gênero precisam abarcar sujeitos de todas as raças que delas necessitam, estendendo-se também a outras minorias sociais. Essa abordagem interseccional, além de ser uma demanda ética e política, é um princípio previsto em marcos legais e, portanto, sua efetivação precisa ser cobrada com rigor (CRENSHAW, 2004). Além disso, é importante que práticas promotoras de visibilidade interseccional sejam incentivadas em todos os contextos sociais, inclusive nos espaços acadêmicos, de

modo a ampliar a representatividade, o reconhecimento e a legitimidade dos saberes marginalizados.

Nesse contexto, a universidade pública brasileira ocupava um lugar inacessível, principalmente às meninas e, certamente, a possibilidade de cotas para estudantes da escola pública atuou como mobilizador para a quebra desse distanciamento. Alguns instrumentos legais para possibilitar a presença de mais estudantes de escolas públicas e (ou) autodeclarados pretos e pardos, nas universidades federais brasileiras, foram conquistados nos últimos anos, a exemplo da Lei de Cotas (Lei n. 12.711) em 2012 e, mais recentemente, a resolução que reserva vagas para negros, indígenas e quilombolas nos programas de pós-graduação de várias universidades, a exemplo da Universidade de Brasília (UnB). Tais iniciativas se fazem necessárias justamente pelos obstáculos enfrentados por esses segmentos da população.

É nesse cenário que se insere o Programa Meninas Velozes, iniciativa da Universidade de Brasília voltada para a aproximação de alunas da Educação Básica das áreas de STEM. Para além do acesso, o programa busca ampliar referências, promover pertencimento e criar condições para que essas estudantes possam projetar trajetórias acadêmicas e profissionais nessas áreas.

Apesar dos avanços promovidos por iniciativas como essa, permanece uma lacuna importante: compreender como essas experiências são vividas e significadas pelas próprias participantes ao longo de suas trajetórias. Mais do que indicadores de acesso ou desempenho, interessa aqui explorar como diferentes dimensões sociais, institucionais e subjetivas, se articulam na construção dessas trajetórias.

O PROGRAMA MENINAS VELOZES

Inserido no contexto das desigualdades estruturais que atravessam o acesso, a permanência e a projeção de meninas e mulheres nas áreas de STEM, o Projeto Meninas Velozes (MV) foi criado em 2013, no âmbito da Faculdade de Tecnologia da Universidade de Brasília (UnB). Seu surgimento responde a um problema persistente: a distância histórica entre a universidade pública e estudantes oriundas de escolas públicas e territórios socialmente vulnerabilizados, especialmente em áreas acadêmicas e profissionais marcadas pela hegemonia masculina.

Nesse cenário, o projeto começou a atuar em um ponto particularmente sensível da trajetória educacional: a transição entre a Educação Básica e o Ensino Superior, momento em que expectativas sociais, desigualdades de formação, limites materiais e percepções sobre pertencimento tendem a incidir com força sobre os percursos das estudantes. Assim, mais do que promover o contato com conteúdos científicos e

tecnológicos, o Meninas Velozes busca criar condições para que essas jovens possam reconhecer a universidade como um espaço possível, e as áreas de STEM como campos aos quais também podem pertencer.

Atualmente, o Meninas Velozes se organiza como um programa institucional da Faculdade de Tecnologia, articulado a iniciativas de pesquisa e extensão e apoiado por projetos financiados por agências como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF). Essa configuração amplia o alcance do programa e permite acompanhar diferentes momentos da trajetória formativa das participantes.

O projeto Meninas Velozes: Cooperação Universidade-Escola para uma Educação STEAM Sensível a Gênero é apoiado pela Chamada CNPq/MCTI/MMulheres nº 31/2023, do CNPq e envolve universidades das regiões Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste na elaboração de estratégias para a inserção de meninas em STEM. O projeto Meninas Velozes: um estudo sobre o ingresso e a permanência das estudantes da periferia nas engenharias, apoiado pelo Edital 09/2023 - Demanda Espontânea, da FAPDF, envolve escolas públicas do Distrito Federal e estudantes de graduação que ingressam em áreas STEM.

Os quatro projetos de extensão que compõem a estrutura do programa são: Meninas Velozes, para o Ensino Médio, que mantém o nome original dessa iniciativa; Meninas Acelerando no Fundamental (MAF), direcionado para o nono ano do Ensino Fundamental; Construindo Caminhos, que oferece suporte à permanência das estudantes de graduação nas carreiras STEM; e Oficinas Itinerantes, que leva para diversas escolas públicas do Ensino Básico oficinas STEAM, as quais agregam as artes em suas abordagens.

O caráter interdisciplinar constitui um dos traços centrais do programa. Professoras e estudantes de graduação de diferentes áreas, entre elas Engenharia, Educação, *Design*, Psicologia, Serviço social e Comunicação participam da construção das atividades, o que favorece abordagens que articulam formação científica, reflexão crítica e atenção às condições concretas de vida das estudantes. Essa diversidade de saberes e perspectivas contribui para que o trabalho desenvolvido não se restrinja aos conteúdos, seja na construção ou na consolidação de conhecimentos, mas incorpore também questões relativas a gênero, pertencimento, reconhecimento e projeto de futuro.

No desenvolvimento dos encontros formativos, o programa adota estratégias que buscam estimular a participação ativa das alunas, privilegiando propostas práticas, coletivas e contextualizadas. Inspirado por princípios freirianos (FREIRE, 1987), o Meninas Velozes procura deslocar a lógica da transmissão unidirecional do conhecimento, valorizando a mediação realizada por tutoras, estudantes de graduação

que, sob orientação docente, acompanham e dialogam com as participantes ao longo das atividades. Desse modo, o programa pretende favorecer experiências de aprendizagem que integrem conhecimento, vivência e reflexão.

Nesse sentido, o Meninas Velozes não é tomado, neste estudo, apenas como uma iniciativa institucional de incentivo à inserção de meninas em STEM, nem como um objeto a ser avaliado exclusivamente por indicadores de acesso, permanência ou desempenho. Ele é considerado, sobretudo, como um contexto de experiência, no qual se entrelaçam dimensões sociais, institucionais e subjetivas que atravessam a construção das trajetórias das participantes.

É a partir dessa compreensão que se situam as entrevistas realizadas. O interesse não está em medir o “impacto” do programa, em sentido estrito, mas em compreender como essas experiências são vividas, interpretadas e elaboradas pelas próprias participantes ao longo de seus percursos. As narrativas permitem, assim, acessar aspectos que dificilmente emergiriam em análises centradas apenas em resultados objetivos, evidenciando contradições, conflitos vividos, mudanças na forma de se perceber e de se posicionar, formas de sofrimento, estratégias de resistência e modos de atribuição de sentido à inserção em espaços educacionais marcados por desigualdades históricas.

Figura 1 – Anos iniciais do Projeto Meninas Velozes



MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO: ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

Para compreender como essas experiências são vividas e significadas pelas próprias participantes do projeto Meninas Velozes, ao longo de suas trajetórias, utilizamos um método concebido por Valérie Ganem no contexto de suas pesquisas sobre a análise das incidências da herança da escravidão sobre as condutas atuais no trabalho (GANEM, 2024).

O modo de fazer as entrevistas adotado é empírico. Ela o concebeu para encarar a necessidade de dar a palavra aos indivíduos sobre a experiência subjetiva que eles vivenciaram quando crianças, desde o nascimento, com os adultos do meio familiar, e sobre a vivência ligada às relações de dominação, em particular. O fato de realizar uma primeira entrevista, de redigir um relatório dessa entrevista e de validá-lo na ocasião de uma segunda foi inspirado em sua prática de investigação em psicodinâmica do trabalho e entrevistas em psicopatologia do trabalho.

Essas entrevistas, dirigidas às ex-alunas participantes do Meninas Velozes, foram realizadas em português. As duas primeiras, feitas em 2019, foram realizadas por Tânia Mara Campos de Almeida, sob a supervisão de Valérie Ganem. Dentre as seis outras, feitas em 2024, três foram feitas por Valérie Ganem sozinha e três outras em presença de Luísa Ferro, aluna do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que a acompanhou nessa pesquisa.

PRIMEIRA ENTREVISTA

A primeira entrevista foi não diretiva e aprofundada, e durou entre uma e duas horas e meia. A instrução inicial foi: *“Quais são seus sentimentos, impressões sobre estudo, trabalho, especialmente no campo das exatas, e também como isso pode estar relacionado com suas experiências de condição econômica, seu gênero e a cor de sua pele?”*

Mesmo que, no curso dessas entrevistas, as participantes tenham sido levadas a mencionar numerosos elementos biográficos, elas não constituem, contudo, uma aproximação biográfica (CABANES, 2002), tal qual aquela compreendida pela sociologia ou antropologia. A pesquisadora não pedia às participantes que lhe narrassem suas vidas, e os elementos que evocavam não eram sistematicamente relatados em ordem cronológica. Faltavam, às vezes, certos elementos biográficos que o participante não julgava necessário evocar ao olhar a questão, de início. A ordem escolhida pelo

participante para expor esses elementos biográficos e aqueles que não foram expostos constituíam elementos a serem analisados.

O método utilizado é o da *entrevista clínica* para acessar a experiência vivida pelas participantes. As entrevistas foram feitas “a mãos nuas, sem instrumentos” (CHILAND, 1993), pois a pesquisadora foi seu próprio instrumento. Tudo que ela fez foi olhar, escutar e falar para melhor ver e ouvir. É uma entrevista verbal e, portanto, uma comunicação não verbal muito importante acompanha a palavra ritmada pelo silêncio. Contudo, ela não teve, à sua frente, um indivíduo que veio lhe pedir um conselho, uma ajuda, uma terapia. Ela mesma havia solicitado um indivíduo escolhido em função de uma série de critérios, e que tinha boa vontade para participar de uma entrevista. A finalidade imediata da entrevista não era terapêutica, o que podia, sim, ser uma segunda finalidade; a pesquisa visava aprimorar os conhecimentos no campo clínico.

Essas entrevistas de pesquisa foram também do tipo clínico, pois a pesquisadora sempre tinha a preocupação de se deixar surpreender pelas propostas, como as participantes também podiam ser levadas a fazê-lo igualmente. No entanto, ao invés da abordagem clínica tradicional, a transferência na perspectiva psicanalítica não foi usada como objeto de análise nessas entrevistas.

A mira da escuta, nessas entrevistas, estaria próxima daquilo que Thamy Ayouch (2018) descreveu e que ele caracteriza como uma psicanálise menor: “O alvo [nesta escuta] seria como permitir a uma discursividade menor surgir no seio de discursos maiores, às vezes coletivos, e em sua incidência sobre a subjetivação.” (p. 110). Do mesmo modo, trata-se aqui de um estudo “de relações de poder e dos efeitos de domínio, subjetivos e coletivos, pelos quais um sujeito se subjetiva se sujeitando.” (AYOUCHE, 2018, p. 119).

As primeiras entrevistas foram gravadas, e os nomes das participantes foram trocados por letras.

ENTRE AS DUAS ENTREVISTAS

Oito entrevistas foram realizadas, gravadas e transcritas por meio de uma função automática do *Word* e arrumadas depois pela pesquisadora. Cada transcrição foi, em seguida, relida, sendo objeto de uma estruturação. Ou seja, Valérie Ganem acrescentou, dentro do texto, pequenas sínteses do que foi falado, redigidas em português. É o texto da transcrição estruturada, que foi submetido à avaliação das participantes durante a segunda entrevista. Se as participantes não concordassem com a formulação e (ou) o conteúdo das sínteses que ela propunha, a pessoa tinha a oportunidade de reler a transcrição daquilo que foi dito, para encontrar uma resolução mais adequada. Essa

prática garante a veracidade dos relatórios e mostra o protagonismo das participantes nessa pesquisa, evidenciado pela coautoria dessas participantes voluntárias neste livro.

A SEGUNDA ENTREVISTA

Durante essa entrevista, o texto foi submetido à avaliação das participantes, diretamente em seu *notebook*. Valérie Ganem lia com as participantes. Elas trabalhavam mais particularmente com a validação de sínteses redigidas por ela. Conforme o perfil de cada participante, as segundas entrevistas foram, às vezes, mais longas do que as primeiras. A grande maioria das participantes levou essa avaliação bastante a sério, fazendo correções e ajustes.

Houve a justaposição dessas minissínteses em português, redigidas para cada entrevista. Para Valérie, o fato de que as informações foram validadas pelas participantes era mais importante que o conteúdo delas em si. Parecia preferível ter menos volume, desde que ele fosse aprovado. Validar o relatório com as participantes, individualmente, permitia também um retorno do trabalho da pesquisadora e uma reparação, em parte, de suas faltas durante esse segundo encontro.

PERFIL DAS PARTICIPANTES

Quando fazemos esse tipo de investigação clínica individual em Psicologia, somos imediatamente confrontados com a dificuldade de prestar contas. De fato, sempre há o risco de não apresentar uma narrativa em sua integralidade, “retalhando” a clínica, distorcendo-a, interpretando a nosso proveito.

As oito meninas tinham o mesmo perfil sociodemográfico: eram da periferia do Distrito Federal, tinham integrado o projeto Meninas Velozes e tinham conseguido entrar em um curso da Faculdade de Tecnologia da UnB. Todas eram jovens universitárias e se autodeclararam pardas ou pretas.

Apresentaremos integralmente cada uma das oito narrativas, seguidas de um comentário, visando reconstituir e colocar em paralelo os diferentes elementos da instrução inicial presentes em cada narrativa e os elementos que encontramos de uma narrativa a outra.

SÍNTESE DAS ENTREVISTAS

SÍNTESE DA ENTREVISTA COM A

Essa entrevista foi realizada no final do segundo semestre de 2019, em duas partes, em dois dias. A verificação da entrevista foi realizada em meados de 2020, remotamente.

A primeira entrevista foi introduzida assim: *“Eu queria que você então me falasse quais são seus sentimentos e impressões, sobre estudo, trabalho, especialmente no campo das exatas, e como estudo e trabalho podem estar relacionados com suas experiências de condição econômica, seu gênero e a cor de sua pele.”*

Ouvindo essa diretriz, ela respondeu que, dentro da universidade, não experimentou nenhuma discriminação. Para ela, as dificuldades eram mais em casa, pois era a primeira a entrar numa universidade pública. Para a família, o mais difícil na UnB era ter de estudar o dia inteiro, sem poder trabalhar e estudar, o que seria possível numa universidade particular.

Ela falou que não se sente discriminada pela raça, mas pelo gênero, sim. Queixou-se dessa ideia de que a mulher não consegue as mesmas coisas que os homens. Quando a pesquisadora procurou saber de onde vem essa ideia, A respondeu que vem da sociedade, dos empregadores que vão preferir contratar homens, sobretudo na área das exatas, pois eles acham que homens têm mais facilidade e capacidade, embora ela ainda não tivesse sentido isso na universidade.

Para ilustrar, ela falou do salário da mulher, que é sempre menor, porque tem de dar à mulher a licença maternidade. Para ela, isso não tem lógica e é preciso lutar contra.

Para qualificar a entrada na UnB, a pesquisadora propôs a palavra “mito”, mas A recusou essa palavra se queixando de não encontrar a palavra certa, e explicando que, em sua família, sua geração era a primeira a entrar na universidade. E a maioria dos que conseguem entram em faculdades particulares. Contou que apenas um de seus primos conseguiu entrar na UnB, mas acabou desistindo.

Ela contou depois que, em seu meio, o que se dizia é que “na UnB, é fácil entrar, mas é difícil sair formado”. Argumentou que, graças aos programas de cotas e ao Sistema de Seleção Unificada (SISU), era mais fácil agora entrar na faculdade. Mas a diferença de nível entre as escolas particulares e as escolas públicas (de onde saíram a maioria dos alunos da periferia) e as dificuldades para ir à faculdade (pegar uma hora e meia de ônibus) faziam com que muitas pessoas admitidas na UnB desistissem.

Ela continuou falando que, desde o Ensino Médio, queria cursar Engenharia, mas as pessoas não acreditavam nesse seu projeto, inferiorizando-a.

Quando a pesquisadora perguntou quem eram as pessoas que falavam assim, respondeu que ouvia isso da família mesmo. Ela explicou depois que, de onde vem, era mais fácil fazer Ciências Humanas, Português e Licenciatura. Mas, para ser engenheira ou médica, havia um grande obstáculo: a classe econômica. Em seu contexto, achavam que não se ultrapassavam esses limites.

Então, a pesquisadora perguntou de onde ela vinha, e ela respondeu que vinha de uma região, como se fosse a favela de Brasília, onde as pessoas não têm as mesmas condições que na Asa Norte. Acrescentou que seu pai ganhava um salário-mínimo.

Depois, a pesquisadora quis saber se ela experimentou a mesma descrença tanto na escola como na família. Ela respondeu que tinha excelentes professores no Ensino Médio, e eles incentivavam as alunas a procurarem as melhores universidades e a correrem atrás do curso que queriam realmente. Assim, ela conseguiu seguir firme em seu sonho de ser engenheira. Os professores faziam tudo para preparar as turmas para as provas do Enem, por exemplo, propiciando horários de aulas extras.

Entre a descrença da família e a estimulação da escola, contou que sempre preferiu seguir o pensamento dos professores, porque eles tinham mais experiência de entrar no mundo acadêmico, o que não era o caso da família, onde vários membros não tinham feito até o Ensino Médio e viam esse passo nos estudos como algo distante.

Quando a pesquisadora perguntou como foi quando ela passou na UnB, contou que, apesar de saber desde muito tempo o que queria fazer – seja na Universidade Católica de Brasília (UCB) ou na UnB –, no terceiro ano do Ensino Médio, começou a duvidar de suas capacidades. Ela hesitou a indicar essa profissão no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), pois tinha medo de não conseguir, de não ter estudado o bastante. Finalmente, passou na terceira chamada. Quando saíram os resultados, contou que ela nem foi ver. Só foi dois dias depois, e não acreditou. Demorou muito a acreditar e a falar disso com seus próximos. Apenas quando teve de fazer a inscrição na UnB, falou disso com a mãe.

A possibilidade de passar na UnB estava longe, tanto para ela quanto para sua família, mas sua mãe acreditou mais rapidamente do que ela, e ficou a seu lado todo o tempo. Ela e sua mãe sabiam que não era só ingressar na UnB: era passar nas matérias, conviver em outro espaço etc.

Após matriculada na UnB, sua mãe mostrava apoio, liberando-a do trabalho doméstico, por exemplo. Entendia também quando a filha se recusava a visitar uma pessoa, porque precisava ficar em casa para estudar. Ela a encorajava quando estava em

dúvida, porque tinha ido mal numa prova, ou quando duvidava de conseguir terminar um trabalho a tempo.

Às vezes, a mãe lhe dizia que teria de se organizar melhor para contribuir mais em casa, mas, em geral, não ficava mal com isso, tendo consciência de que era a escolha dela se dedicar ao estudo.

Procurando explicar o que ela queria dizer em relação à convivência na UnB, falou que era muito sozinha na faculdade. Não tinha ninguém para almoçar, para andar, vinha às aulas para estudar, resolver algumas coisas, mas não tinha convivência na Universidade. Quando se dava conta disso, se culpava por essa situação.

A contou que, durante o primeiro semestre, havia um grupo de pessoas que fazia os trabalhos, estudava junto com ela. Mas essas pessoas saíram da universidade por várias razões, mudaram, desistiram... E agora ela não conseguia mais se relacionar e achava que era porque era meio difícil de interagir com outras pessoas. Ela se culpava de ser uma pessoa fechada, que não conseguia “chegar nas pessoas”. Mas admitia que, no Ensino Médio, era diferente, porque fez os três anos com as mesmas pessoas, e, nessas condições, conseguiu criar laços que duram até hoje. Como ainda não tinha conseguido construir esses laços na universidade, admitia que, às vezes, estava contribuindo pouco para alterar essa situação, sobretudo quando tinha de fazer trabalho em grupo, em turmas onde não conhecia ninguém. Esperava para ver se algum grupo ficava incompleto e, então, dizia que estava sem grupo. O problema era que, a cada semestre, era uma turma diferente e não conseguia reconstruir aquele grupinho inicial para fazer as matérias junto com ele.

Como estava passando todo tempo na universidade, queria que fosse diferente e estava tentando mudar esse seu jeito, que a atrapalhava para entrar em contato com os outros. Ela se queixava de não conseguir falar, conversar com os outros. Pensava que essa capacidade de se comunicar não estava relacionada a questões de capacidade financeira, mas, sim, a características de sua própria personalidade (depois, confirmou que as condições financeiras eram um dos fatores que influenciavam nas relações). E admitiu, também, que tinha essas dificuldades de comunicação na família: não conseguia conversar, demonstrar afeto, e estava tentando reverter essa situação.

Dentro de si mesma, sentia que era uma pessoa que gostava de outras pessoas, mas não conseguia demonstrar isso: parecia uma pessoa fria. Ela tinha desenvolvido um jeito de demonstrar indiferença frente a tudo o que acontecia ao redor, e nas relações com as pessoas – embora isso não fosse por ela em si: era uma espécie de proteção. Admitiu que tudo começou com um trauma que vivenciou, mas não queria falar sobre isso.

Quando a pesquisadora perguntou o que ela acreditava ser seu futuro, respondeu que queria ir o mais longe possível, academicamente falando, nesse meio da Engenharia,

de que gostava muito. Resolveu acreditar em si mesma e não se preocupar com quem não acreditava nela: apenas dar importância a quem acreditava. Admitiu que a maioria das pessoas próximas acreditava nela, por ter chegado aonde chegou, embora um ou outro achasse que ela não se formaria no curso de Engenharia Ambiental, por ser algo distante da realidade da família.

Sua mãe não acreditava no começo, mas agora acreditava, vendo que ela estava caminhando. Outras pessoas, que tinham construído uma ideia própria sobre a universidade pública, não viam que ela estava caminhando.

Depois que a pesquisadora insistiu para saber quem eram essas pessoas que não viam sua trajetória, A falou de uma tia. Essa tia não tem graduação, e sempre dizia que não era suficiente ser formado para achar trabalho na área, e que, na empresa terceirizada onde ela trabalhava, havia muitas pessoas formadas, desempregadas e pedindo trabalho.

Depois de 51 minutos e 27 segundos, a entrevista foi interrompida porque A tinha de ir a uma aula. Foi retomada quatro dias depois. Foi decidido iniciar esse novo período da entrevista com a questão que era feita a todas as participantes da pesquisa: *“Qual a experiência que você tem sobre estudo e trabalho, especialmente no campo das exatas, e se essa experiência se articula com sua condição econômica, seu gênero e sua cor da pele”*. A essa questão, ela respondeu que o mais importante, na sua situação, era sua condição econômica. Por exemplo, vindo da periferia, tinha de pegar três ônibus, com um tempo considerável de trajeto, além dos atrasos recorrentes dos ônibus, e isso a estressava muito. Falou que viu muitas pessoas desistirem de estudar na UnB por ter de pegar transporte público. Às vezes, acabava chegando atrasada nas provas, o que a deixava estressada.

Admitiu que conviver com pessoas de condição econômica mais elevada chegava a deixá-la com sentimento de inferioridade. Outra coisa que dependia da condição econômica era a diferença de nível entre a escola pública e a escola particular. Ela se dava conta de que não tinha as mesmas capacidades que os outros estudantes que chegavam de boas escolas particulares e obtinham menções melhores nas disciplinas.

Ela também se sentia inferior por ter de pegar tantos ônibus. Alguns outros estudantes pobres precisavam tomar até cinco ônibus, quando os estudantes ricos tinham carro para ir à universidade. Ela se dava conta de que os mais ricos tinham muito mais facilidades e acreditava que não ia conseguir chegar no mesmo lugar que eles. Assim, ela se inferiorizava, mesmo que os estudantes ricos não fizessem nada ou falassem qualquer coisa contra ela.

Com esse sentimento de autodesvalorização, ela não queria se misturar com os estudantes ricos, embora fossem gente boa. Queria mais fazer grupo e amizades com

quem vinha de ônibus como ela. O que a surpreendia é que os estudantes ricos “não demonstravam essa superioridade que a gente coloca neles.”

Ela achava que essa autodesvalorização vinha também do fato de ser mulher e de não precisar sustentar o lar como o homem. Na sua família, eram os homens (pai, tio, avô) que sustentavam os lares. Seu pai era vigia de uma feira informal durante a noite. Um de seus tios era Policial Militar (PM) e o outro, vigilante no DETRAN. Ela não sabia dizer muito mais sobre o trabalho dos avós.

Tinha dois irmãos e, contrariada, tinha de se levantar para arrumar a cama de todo mundo, lavar a louça no horário certo, quando os irmãos não tinham de fazer isso. Tinha a “cabeça dura”, questionava sobre essa situação, e a resposta recebida de sua mãe era sempre: “Porque você é mulher e eles são homens”. Com essa questão de gênero, seu pai não era seletivo: ele colocava todo mundo para limpar a casa ou fazer a comida.

Seu irmão, abaixo dela, com 19 anos, não terminou o Ensino Médio e estava trabalhando com vendas *on-line* de eletrônicos, recebendo bem. Não se importava de não ter diploma, assim como seu pai, que não terminou o Ensino Fundamental e ainda conseguia conquistar as coisas dele, sustentar a família. O irmão mais novo, com 16 anos, ainda estava no Ensino Médio e queria fazer faculdade. Ela pensava que essa divisão das tarefas domésticas ligada ao gênero era por parte de sua mãe, e isso já vinha das gerações anteriores. Nas festas familiares, era sempre ela e suas primas que tinham de lavar a louça, cuidar da comida, enquanto os meninos não precisavam fazer nada.

Sua mãe era dona de casa desde a infância de A, trabalhando de vez em quando na feira onde toda família estava envolvida. Quando A tinha 17 anos, sua mãe foi fazer um curso e começou a trabalhar num hospital como copeira e lactarista.

Essa divisão das tarefas domésticas ligadas ao gênero, dentro de sua família, sempre foi vivenciada por ela como uma injustiça: nunca aceitou essa diferença. Para ela, os homens também tinham braços para fazer o trabalho doméstico. Ela tinha esse sentimento desde criança, mas tinha de obedecer e, portanto, não deixava de fazer. Observava que, quando o pai colocava todo mundo para trabalhar, funcionava melhor, era mais justo. Assim, quando encerrava um serviço, todo mundo podia assistir filme, lanchar, não havia um fazendo as coisas e o outro não fazendo nada.

Em outras situações em que as coisas de homens e mulheres são divididas, ela deu o exemplo da carteira de motorista. Falou que, geralmente, as pessoas acham que as mulheres não precisam disso. Mas, desde criança, tinha o sonho de dirigir. Enquanto seus primos com 18 anos ganhavam a carteira, ela teve de juntar dinheiro para conseguir a sua. Para a carteira de motorista, seu avô ajudou um pouco e o resto vinha da bolsa do projeto Meninas Velozes, que recebia no Ensino Médio. Ela juntava esse dinheiro e outros que ela

ganhava, fazendo a limpeza para sua avó, por exemplo. Acrescentou que, com a bolsa, também comprava suas roupas, não precisava pedir dinheiro para ir a um cinema, lanchar...

Embora já tivesse tirado a carteira, ainda não tinha conseguido dirigir, porque havia um carro só na casa, e o pai não deixava usar. Além disso, quando foi treinar no carro de sua tia, acabou batendo, o que lhe gerou medo de dirigir. Foi essa tia que não acreditava em conseguir um bom trabalho após se formar na universidade, mas teve uma reação tranquila em relação ao carro, apesar de ficar chateada. Toda família de sua mãe achava que, como as mulheres sempre faziam tudo em casa desde sempre, a nova geração de mulheres da família como A também tinha de fazer. É algo que não era questionado nessa família. “Tinha de aceitar”.

Essa tia falava que, quando era jovem, aprendeu que tinha de conquistar as coisas. Assim, ela sempre trabalhou, fez cursos para conseguir algum trabalho, comprou sua casa, seu carro. Ela foi um exemplo de que não tem de desistir de conquistar as coisas, apesar dessa diferenciação entre homens e mulheres na casa. Ela observou que toda família ficou contente por essa tia conseguir juntar dinheiro para ter tudo isso, apesar de ter um trabalho terceirizado e de não receber nem dois salários-mínimos.

Na igreja, também aprendeu que “a mulher tem de se submeter ao marido, como a igreja se submete à Cristo”. Ela achava que era uma interpretação errônea dos textos bíblicos. Toda família da mãe dela era da mesma igreja protestante. Mas seu pai “ele não congregava em lugar nenhum”, nasceu em um lar católico. E, “apesar de ele não ser de igreja nenhuma, acreditava em Deus”.

Ela admitiu que, na universidade, havia muitas condutas contraditórias com sua religião, como festejar, beber e drogar-se. Mas ela respeitava as condutas de cada um: “não era um divisor de águas assim”. Para ela, essas diferenças de crenças não tinham nada a ver com suas dificuldades de se relacionar, as quais vinham de seus traumas. Ela analisou que um acontecimento a machucou muito e a levou a se proteger, começando a criar barreiras para lutar contra o medo dos outros, sem perceber.

O pior, para ela, é que as pessoas que a machucaram eram conhecidas. Esse medo continuava a prejudicá-la, impedindo-a até de ir às provas. Ela sabia que ainda precisava vencer esse medo. Admitiu que ainda não pediu ajuda por medo de sofrer preconceito, discriminação. Na família dela, precisar de psicólogo era ser doido... Então, jamais falou disso com seu círculo social. Até procurou ajuda no Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos da UnB (CAEP/UnB), mas o contato estava desatualizado e desistiu. Contava somente com Deus para ajuda. Na escola do Ensino Médio, alguns amigos percebiam seu mal-estar, mas ela acabava desviando e fingindo que nada estava acontecendo.

Depois, a pesquisadora perguntou quais eram as situações em que essas feridas não eram tão presentes, e ela respondeu que eram as situações em que ela seguia em frente: tirar a carteira de motorista, uma boa nota num seminário, passar em uma matéria, quando conseguia falar com alguém, comer uma refeição saborosa...

Depois, a pesquisadora pediu um exemplo de situação em que ela não estava sozinha, mas com alguém, e ela respondeu que ficava facilmente feliz com a felicidade de outra pessoa que merecesse.

A pesquisadora queria saber, depois, se havia pessoas que ela gostava de ver, de encontrar. Ela falou de uma amizade recente, para a qual não precisava ficar se maquiando e que não “precisava deixar as barreiras de pé”. Sempre conversavam sobre tudo quando se viam.

Foram feitas questões complementares, a partir da transcrição da entrevista.

1. O que a UnB poderia fazer para ajudar estudantes na sua situação?

- Organizar mais apoio pedagógico nas matérias mais difíceis ou divulgar mais sobre o que já existe.
- Divulgar melhor como funciona o processo de trancamento de disciplinas, porque ela teve muitas dúvidas antes de saber que era *on-line* (colocar cartazes com as informações, identificar pessoas qualificadas para transmitir essas informações...).
- Criar uma matéria facultativa que se chamaria “Introdução ao Cálculo”, no primeiro semestre.
- Divulgar mais sobre o processo para obter auxílio socioeconômico.
- Divulgar (colocar cartaz com contatos atualizados) e facilitar também informações sobre como conseguir um apoio psicológico. Em sua tentativa de contato, percebeu que as informações no *site* não são atualizadas, nem têm dispositivo de urgência...
- Organizar reuniões mensais entre as ex-Meninas Velozes e as monitoras e ex-monitoras para trocar experiências e facilitar amizades.

2. "Como o pai se comporta com ela? O que ele falou sobre a entrada dela na faculdade? E os irmãos?"

Seu pai, por ter de trabalhar muito, ficava mais distante do que acontece em casa. Ele nunca falou nada sobre sua entrada na faculdade. Ficou um pouco decepcionado, porque ele queria que ela fosse médica. Por serem mais jovens, eles não queriam interferir nas escolhas dela ou opinar. Ela ajudou o irmão mais novo, que quer entrar na universidade, a preparar-se para esse ingresso.

Comentários

O que é específico, no relato dessa menina, é esse trauma que ela vivenciou, que a leva a se fechar ao relacionamento com os outros, e que intensificou suas dificuldades de se relacionar na universidade. Isso a fragilizou também de um ponto de vista psíquico. Mas ela não quer compartilhar esse sofrimento com ninguém que seja de sua esfera privada, ou procurar atendimento psicológico na universidade, uma vez que, em sua família, isso significaria que ela é doida, o que acrescenta o risco de descompensação

SÍNTESE DA ENTREVISTA COM B

Essa entrevista foi realizada no final do segundo semestre de 2019, em duas partes, em dois dias. A verificação da entrevista foi realizada em meados de 2020, remotamente.

A entrevista começou com a questão: *“Quais são suas experiências e vivências em relação a estudo, trabalho, especialmente no campo das exatas, de maneira articulada com o fato de você ser mulher, com sua condição econômica e, também, com a sua cor da pele?”*. Ouvindo essa questão, **B** respondeu dizendo que teve sorte no Ensino Fundamental de ter tido muitas professoras mulheres de Matemática e Ciências. Só isso já a incentivava. Diferentemente, no Ensino Médio, teve somente uma mulher professora, a de Matemática. Mas, como cresceu vendo essas “mulheres de Matemática”, não pensava: “por eu ser mulher eu não poderia fazer nada relacionado à Matemática”.

Ela se lembrou que decidiu fazer Engenharia quando estava no oitavo ano. Uma das professoras da época não conseguia falar com dor de garganta e pediu para **B** explicar a matéria, porque ela sabia. Depois desse evento, ela começou a pensar que ia fazer algo relacionado à Matemática, porque gostava e tinha facilidade. Começou a pesquisar o que podia fazer no futuro e resolveu por alguma Engenharia. Entrou no Ensino Médio com essa certeza e focou em estudar isso.

Em relação à cor da pele e à condição econômica, contou que foi na universidade que sentiu diferença, principalmente por ter vindo de escola pública, uma vez que, no ensino público, há muito conteúdo que não se aprende e que já deve ser sabido ao entrar nas engenharias. Nos dois primeiros semestres, então, ela teve de correr atrás do que deveria saber e não sabia, “por mais que gostasse”. Nunca sentiu diferença em relação à cor da pele: a diferença existia em relação à escola pública.

Ela especificou que, no ENEM, tudo que os estudantes tinham de saber era bem “por cima mesmo”. Assim, foi entrando na universidade que ela se deu conta de que sua falta de conhecimento era bem profunda. Na escola pública, os conteúdos eram abordados de modo superficial, não aprofundado. Para ilustrar, ela contou que, nas escolas

particulares, parece que havia um ensino chamado “Pré-cálculo”, para preparar quem quer cursar exatas, e parece que esse curso ajudava muito a passar na disciplina de Cálculo 1, do primeiro semestre. Não havia essa preparação na escola pública. Os alunos da turma de seu primeiro semestre diziam que já chegavam tendo noção desses conteúdos, por terem estudado em escolas particulares.

Foi uma professora de Matemática da universidade que ofereceu um cursinho em que ela ensinava um pouco mais os assuntos que alunos da escola pública deveriam saber para conseguir ter bom aproveitamento em Cálculo 1.

No começo da entrevista, B mencionou a questão da cor da pele como uma diferença entre a escola e a universidade, e a pesquisadora retomou o assunto para incentivá-la a falar mais sobre ele. B falou que, na escola, não havia uma diferença tão grande entre as pessoas como na universidade. Mas, depois, ela especificou que ainda não sofreu muito em relação à pele, mas em relação à sua situação econômica. Sabe que essa questão existe por estudos que fez e por ver, na UnB, essa diferença de tratamento entre brancos e negros, embora ela mesma não tivesse passado por isso.

Ela contou, por exemplo, que, no começo, estava com amigos da sua escola e eles ficaram juntos, quando os outros, vindos de outras escolas, faziam o mesmo, e, assim, o grupo do primeiro semestre ficou bem dividido. “A gente ficava com o grupinho”, e isso continuou no segundo semestre. Fora desses grupinhos não havia muito contato entre as pessoas. Pessoas da turma já se conheciam, às vezes, desde o Ensino Fundamental, mantendo seus vínculos.

Depois, a pesquisadora insistiu para saber se ela se lembrava de alguma situação ligada à sua cor da pele, mas ela respondeu que realmente não se lembrava de tal acontecimento e acrescentou que, se tivesse ocorrido, não devia ser tão forte a ponto de ela ter percebido.

Depois, a pesquisadora perguntou se, em sua família, havia pessoas que acreditavam não ser adequado a uma mulher querer fazer Engenharia. Frente a essa pergunta, B respondeu que sua mãe sempre incentivava seus filhos a estudarem. E, quando ela resolveu fazer Engenharia, sua mãe concordou imediatamente. Acrescentou que os comentários negativos foram mais formulados por amigos próximos. Não eram específicas de uma pessoa, mas eram gerais de pessoas conhecidas, e elas achavam muito difícil entrar na UnB. A família dela sempre a incentivava muito, inclusive o pai, que trabalhava na construção, e falava que ela ia estudar alguns aspectos de seu trabalho na universidade.

Ela tem quatro irmãos e duas irmãs, e sua mãe incentivava todo mundo a estudar, contando sua própria história, que não queria estudar, embora tivesse nascido de um casal (os avós maternos) que tinha uma condição boa. Sua mãe, jovem, só queria curtir a vida e se arrependia, porque, agora, sentia falta de ter estudado. A irmã acima dela se formou em Recursos Humanos (RH), que é um curso superior. Os irmãos sempre trabalharam e, talvez por isso, não tenham seguido os estudos. Ela e essa irmã sempre foram muito decididas e sabiam o que queriam fazer, mas os irmãos não. A irmã mais velha não fez curso superior: é dona de casa.

Ela era a caçula, e a maioria de seus irmãos fez cursos técnicos na área de informática ou da saúde. Menos uma irmã, que fez uma graduação em administração (RH) e curso técnico (técnico em Enfermagem), sendo com esse curso de nível médio que ela trabalha atualmente.

Quando a pesquisadora perguntou se ela pensava em entrar na UnB quando fazia o Ensino Médio, ela respondeu que sua escola incentivava muito os alunos a entrarem na universidade. Havia uma matéria que se chamava Projeto Interdisciplinar (PI), que era só voltada para estudar formas de ingresso na faculdade. Eles estudavam como a prova do Programa de Avaliação Seriada da UnB (PAS) era constituída, as questões que iam encontrar, como fazer uma boa prova... A escola levava também os alunos na UnB para que a conhecessem, o que contribuiu para manter acesa a ideia do projeto de cursar Engenharia.

Ela repetiu que sempre foi incentivada a estudar pela mãe e pelo fato de os irmãos estudarem também. Era curiosa, sempre queria fazer curso, se aprofundar em tudo – menos naquilo que a condição financeira da família não permitia, e então tinha de correr atrás de bolsas. O fato de ser mulher e de querer fazer engenharia jamais foi um problema, graças a essas professoras mulheres que ela teve no Ensino Fundamental, que eram uma prova viva de que era possível ser mulher e trabalhar na área de exatas.

Querendo fazer Engenharia, naturalmente, ficou interessada em participar do projeto Meninas Velozes, no Ensino Médio. Para ela, era uma oportunidade de conhecer, de ver se era isso que queria realmente. No primeiro ano em que ela fez o processo seletivo, não conseguiu entrar, e fez o projeto no segundo e no terceiro ano. Ela conversava muito com as monitoras, as quais eram muito sinceras em relação às matérias, por exemplo. E, assim, ela decidiu que realmente queria fazer Engenharia “independentemente de ser difícil ou não”. As monitoras sempre foram muito claras em relação às dificuldades de fazer cursos das exatas na UnB, mas sempre a incentivaram, o que foi muito bom.

Ela acrescentou que, nesse projeto, se sentia muito acolhida por parte das professoras e das monitoras. As monitoras contavam suas histórias, o que mostrava as dificuldades e como elas as tinham vencido, falando como era a UnB e que havia redes de apoio, de onde podiam obter ajuda.

Nas questões sobre as dificuldades ligadas à falta de conhecimento, ela afirmou que resolveu com amigos e com muitas monitorias organizadas pela UnB no Departamento de Matemática. Com essas dificuldades e o fato de ter de acordar muito cedo para ir à UnB, contou que o primeiro semestre foi meio traumático.

Diante dessas dificuldades, o que a salvou foi estudar. Assim, conseguiu saber as matérias para as quais podia conseguir ajuda, até onde podia ir, o que podia fazer. Sabendo das dificuldades, ela recorria às monitorias para tentar superá-las.

Desde o primeiro semestre, estava passando o dia todo na UnB, estudando, aproveitando o máximo para fazer tudo o que podia fazer nesse lugar, para não ficar tanta coisa para estudar depois, porque chegava muito tarde em casa.

Ela tinha um grupo de seis amigos que conheceu na UnB, por se identificarem com as mesmas dificuldades. Conheceram-se no projeto da professora de Pré-cálculo, todos do mesmo curso que ela. Esse grupo se formou desde o primeiro semestre. Eles faziam as refeições juntos, estudavam juntos, e ela se beneficiou dessa convivência dentro da UnB.

Depois, contou que, passando o dia inteiro na UnB e com o curso de inglês que fazia à noite, ela quase não tinha mais convivência com a família, e a mãe, sobretudo, se queixava disso. Não ia mais nos almoços da família extensa, para estudar. No começo, a família estendida a cobrava por isso, mas, depois de certo tempo, os parentes começaram a entender melhor a situação, vendo que ela ficava mal por conta dessa cobrança. Ela queria aproveitar um pouco da família, dos irmãos, dos sobrinhos etc. No começo ela ia, mas, depois, ficava com muito trabalho atrasado e resolveu aprender a dizer “não”. A família sempre foi muito ligada e, então, foi uma difícil readaptação para todos.

Desde que tinha seis anos, sua mãe não trabalhava. Cresceu com sua mãe em casa, praticamente, que sempre fez todo o possível para deixá-la estudar. Sua mãe e seu pai jamais cobraram sua participação nas atividades domésticas. Sua mãe dizia: “Vá estudar...”. Sua irmã mais velha, sim, brigava por isso. Ela e a irmã dividiam o quarto e ela reclamava de B por não arrumar o quarto logo. A irmã não era mais cobrada que ela para fazer o trabalho doméstico. Mas saía para trabalhar e, quando retornava para casa, gostava de ver o quarto arrumado. A irmã é sete anos mais velha.

Ninguém na casa podia ajudá-la a lidar com as dificuldades de conteúdo que tinha na UnB. Ninguém conhecia esse conteúdo; ela tinha de se dar suporte sozinha.

Com o grupo de estudantes com quem ela tinha contato na UnB, raramente conseguia marcar um encontro fora da universidade, porque cada um morava em um lugar diferente. Eles conseguiam marcar um aniversário por exemplo, para se encontrarem em um local perto da universidade.

Contou ainda que, no Departamento de Engenharia da UnB, a maioria é constituída por homens, o que foi uma diferença gritante em relação à escola pública onde estudou antes. Felizmente, com o projeto Meninas Velozes, já sabia isso.

No segundo semestre, ela teve só uma professora de Física na UnB. Essa professora era muito acolhedora e fazia tudo para ajudar os alunos. Se eles tinham alguma dúvida, ela ficava depois da hora, explicando como se chegava ao resultado. Mas a prova dela não era a mais fácil: era a mesma para todos.

Contou também que, entre alunos, havia uma espécie de competição entre homens e mulheres. Os homens, que eram conhecidos por serem melhores nas exatas e eram incentivados nesse sentido, chegavam a se destacar nessas disciplinas. Eles podiam dizer, por exemplo: “Ah, conhece esse conteúdo aqui? Você não conhece porque você é mulher...” Havia essa diferença entre homens e mulheres, ela percebia a competição deles em relação às colegas mulheres, mas não se lembra hoje, especificamente, sobre essa fala.

Na FT, ela ouviu falar de uma roda de conversa, no Departamento de Mecânica, sobre esse assunto da discriminação entre homem e mulher, porque parece que havia muita discriminação desse tipo por parte dos professores nesse Departamento.

No momento da primeira entrevista, B tinha se tornado monitora no projeto Meninas Velozes na mesma escola de Ensino Médio em que estudou. Ela contou que gostava muito desse papel e fazia tudo para incentivar as meninas secundaristas a fazerem faculdade, em qualquer curso. Estava tentando também avisar às meninas sobre as dificuldades (transporte, conteúdos), falando de sua experiência, para que elas chegassem na universidade advertidas sobre o que podia acontecer.

Afirmou ainda que, hoje em dia, como monitora, ela acompanhava todo o trabalho que precisava de organização nas oficinas e tentava sempre levar conteúdo para as meninas do Ensino Médio para ajudá-las no vestibular, por exemplo.

Para ela, o maior objetivo das oficinas era mostrar às meninas que Matemática e Física têm aplicação na realidade, e a Engenharia está em todos os lugares. Achava que isso não era sempre claro na sala de aula do Ensino Médio. Pensava ainda que isso foi um estímulo para ela compreender que não é fazer cálculo por cálculo, mas perceber que isso

tinha aplicação na realidade, e tentava passar isso para as meninas da escola de Ensino Médio. Ela só veio a aprender isso na UnB, pois, em sua escola, não havia essa visão.

Depois de 40 minutos e 28 segundos, a entrevista foi interrompida porque B tinha de ir a uma aula. Foi retomada seis dias depois. Para iniciar esse segundo período da entrevista, a pesquisadora retomou a questão inicial assim: *“Me fale das suas vivências, experiências, no campo dos estudos, especialmente das exatas, o que você percebe nas articulações, nos favorecimentos, nas dificuldades existentes que se relacionem com sua condição social, com a sua condição de gênero e também com a cor da pele.”* Ouvindo essa diretriz, B respondeu que, quando ela decidiu fazer Engenharia, já tinha ouvido algumas pessoas falarem de faculdades particulares, mas “não tinha a menor ideia do que era a UnB realmente”. Foi a escola onde fez o Ensino Médio que lhe permitiu conhecer um pouco a UnB, os programas que podem ser feitos... Fora disso, ela nunca tinha ouvido falar da UnB.

Depois, contou que sua irmã, seis anos mais velha, já tinha feito um curso de Administração e um curso de Enfermagem (Ensino Médio) numa faculdade de Taguatinga, que ela pagava trabalhando numa panificadora na Asa Norte. Agora, ela estava trabalhando na enfermagem. B acrescentou que ela mesma tinha a ideia de obter uma bolsa 100% para poder se dedicar aos estudos, sabendo que, na área das exatas, os estudos são muito difíceis e precisam de dedicação total. Como a irmã estudou e trabalhou ao mesmo tempo, ela já sabia que era muito difícil, assim como já sabia que, nas engenharias, teria de estudar muito, sem chance de trabalhar ao mesmo tempo.

B tinha um outro irmão mais velho, três anos a mais, que fez curso técnico na área de logística, com bolsa no Instituto Federal de Brasília. Hoje, ele trabalha na parte administrativa de uma empresa, fazendo planejamento.

Vendo sua irmã mais velha sofrer trabalhando e estudando, percebeu que fazer isso na Engenharia, era inviável. Ela teria preferido largar a faculdade, nesse caso. Hoje, não sabe se largaria, mas seria extremamente complicado, difícil.

Ela ria, falando que já estava certa de conseguir, e conseguiu finalmente. Nesse momento, a pesquisadora acrescentou que ela estava realizando um curso de inglês à noite. B confirmou, falando que conseguiu uma bolsa para isso numa chamada do governo para estudar outro idioma. Não paga por esse curso de inglês.

Admitiu que era muito independente, sempre buscando complementar o que sabia, como fez com essa bolsa do curso de inglês. Ela achava que isso vinha de sua mãe, que sempre a incentivou, falando de sua história e dizendo para os filhos correrem atrás de seus sonhos. A mãe sempre foi muito incentivadora.

B acrescentou que a mãe, no começo, dizia que ela estava estudando demais, porque não tinha a menor ideia do que era estudar na Engenharia da UnB. Mas agora ela entendia que tinha de focar no estudo. Sua irmã dizia que se sentia muito orgulhosa dela, e tudo isso a incentivava ainda mais.

Os sobrinhos também se orgulhavam de ter uma tia estudando na UnB, especialmente quando um deles fez uma visita à universidade com a escola, por exemplo. Os irmãos dela também vieram com frequência à UnB, mas sua mãe não.

Sua cunhada, a namorada de seu irmão mais velho, acabava de se formar em Odontologia na UnB, quando ela entrou. Então, sua mãe se sentou com essa cunhada e perguntou tudo sobre a UnB, na frente dela. Então, ela entrou com todas essas recomendações também. Por exemplo, ela recomendou para não se deixar levar por pessoas que não têm os mesmos princípios que ela, de seguir fiel a suas crenças. A mãe tinha ouvido falar de festas onde havia brigas, bagunças, e ela tinha muito medo que a filha participasse desse tipo de festas.

Quando a pesquisadora perguntou se ela tinha realmente de tomar cuidado nessa vivência que teve na universidade, **B** falou que tinha medo, sobretudo à noite, porque não tinha como se sentir segura em todos os lugares da UnB, que é muito grande. Então, disse que tinha receio das pessoas com quem estava conversando por não as conhecer. Isso era à noite, não durante o dia.

O que lhe dava segurança era ficar com esse grupinho de amigos, informando-se onde cada um estava para procurar se encontrar, apoiando-se sempre. Essa amizade foi conquistada aleatoriamente no começo, com as meninas que faziam Engenharia como ela. Foram almoçar juntas e, depois, resolveram ficar juntas, pegar tal matéria juntas... Era um grupo de nove pessoas, na verdade, meninas e meninos espalhados na periferia. Não eram todos de sua região, Santa Maria. Só um menino desse grupo morava perto de sua casa.

Sua cunhada, que fez Odontologia, estudou o Ensino Médio na Asa Sul, numa escola boa, para poder se preparar bem para entrar na UnB. E, hoje, trabalhava na área dela. A cunhada contou que, para ela, foi bem gritante a diferença econômica entre os estudantes, na Odontologia. As matérias custavam indiretamente, devido aos gastos com livros, objetos próprios do curso etc., e a mãe tinha de fazer trabalho extra para pagar todo o material necessário. Ela falou também que os estudantes falavam de suas viagens fora do país durante as férias, e ela não tinha nada para contar...

Para ela, na Engenharia, foi um pouco a mesma coisa. Do ponto de vista do gênero, era bem mesclada, menos num curso, o de Física 2, em que ela era a única mulher, com uma outra, menina, apesar de a professora ser mulher. Ela se sentia “meio estranha, meio oprimida assim”, nesse contexto. Eles a olhavam de um jeito que fazia com que ela “não

interagisse com o resto da turma”, fazendo o mínimo dos requisitos. A professora nunca fez nenhuma coisa para relaxar esse ambiente da turma. Foi a única experiência assim, na UnB, em que ela sentiu realmente essa diferença.

A única vez em que ela ouviu falar dessa diferença de gênero foi a partir de uma amiga que trabalhava numa empresa de construção, na venda de materiais, onde os clientes preferiam falar com os homens dos projetos, achando que eles iam entender melhor que ela. Essa mesma amiga falou também que, num curso relacionado à construção civil, que era bem braçal, todas as meninas do curso desistiram, menos ela. Os homens desse curso falavam: "Aí, acho que você não vai conseguir...". Isso ocorreu antes de ela entrar no Meninas Velozes e na UnB.

Quando a pesquisadora procurou saber se algumas outras meninas próximas falaram de vivências de discriminação de gênero na universidade, B falou que sua irmã, estudando e trabalhando no meio da saúde, que é bem feminino, não encontrou esse tipo de situação. Quanto a sua cunhada, achava que ela encontrou situação de racismo porque era negra, mas informou que sua cunhada jamais chegou a comentar em relação a isso. Ela falava da questão econômica só. Essa cunhada falava de voltar a estudar, fazer um mestrado, mas não falava inglês, e isso a impediu de fazê-lo até agora.

B encontrou essa cunhada pela primeira vez quando cursava o terceiro ano do Ensino Médio, e ela começou a namorar seu irmão. Relatou como foi sua experiência na UnB, e B contou que isso a incentivou a não desistir de entrar também. Ela dizia sempre: "Você vai conseguir, vai conseguir".

Depois, a pesquisadora retomou o assunto da ausência dela nas festas familiares para desenvolver seus sentimentos, e ela repetiu que sentia muita falta dessa convivência com a família, sobretudo com seus sobrinhos, aos quais tinha muito apego. Quando estava estudando durante uma festa familiar, tinha de dizer a cada um dos sobrinhos: "Não fique aqui, eu não posso ficar com você, não posso brincar com você agora." E isso doía em seu coração, porque não tinha muitas oportunidades de conviver com eles fora dessas festas familiares.

Acrescentou que era a mesma coisa com a irmã mais velha de todos (uma diferença grande de anos entre as duas) e a filha dela, das quais era muito próxima. Ela as considerava como sua mãe e sua irmã. A maioria das vezes em que a sobrinha (que tem apenas um ano a menos que B) fazia uma proposta de encontro, ela não podia, por ter de estudar. Essa sobrinha-irmã estava acabando o Ensino Médio e tentando ingressar na UnB, quando B entrou na UnB.

B se queixou de estar em casa sem estar realmente, porque ficava em seu quarto estudando o tempo todo, ou voltava para casa quando todo mundo já estava dormindo. O

pouco tempo em que tinha convivência com a mãe era para assistir qualquer coisa, conversar sobre as histórias da família. Com seu pai, a relação era mais distante desde criança, por causa do trabalho dele, que não permitia disponibilidades. Eles iam junto fazer as compras, conversando e só.

Os dois pais nasceram no Piauí e vieram para Brasília. A mãe, com 12 anos mais ou menos, veio encontrar a tia que morava aqui. O pai não sabia direito. Ela não tinha muito contato com a família do pai, que era muito espalhada. Ela não tinha vontade de conhecer o Piauí, devido ao que a mãe falava de lá, da comida sobretudo. Sua mãe admitiu que tinha muita dificuldade financeira lá para as pessoas comerem.

Na verdade, ela admitiu que não tinha muito contato com a família de sua mãe também não desde o falecimento da avó, alguns anos atrás. Ela era próxima só dessa avó, e sua mãe era filha única.

Depois, a pesquisadora perguntou se havia alguma crença religiosa na família. Ela respondeu que sua mãe ia à igreja evangélica da Assembleia de Deus, enquanto ela ia a outra igreja: o Ministério Manancial.

Contou que sua mãe levava todos os filhos à igreja quando eram crianças, mas deixando as coisas em aberto. Hoje em dia, por exemplo, os irmãos de B não frequentavam nenhuma igreja, e os que continuam indo à igreja não vão sempre.

Depois, a pesquisadora quis saber se havia alguns comentários contraditórios vindos da igreja em relação à sua escolha de fazer Engenharia. Respondeu que, na igreja havia a ideia de que a mulher tem de ficar submissa, mas ela não tinha essa interpretação da bíblia. Ela não achava que a bíblia estava dizendo à mulher: "Aí, você não vai fazer nada da sua vida, você vai ficar apenas me servindo." Para ela, o casamento era "os dois juntos, trabalham juntos para construir as coisas juntos". Ela quer se casar e contou que, dentro da igreja, ela se sentia mais uma fonte de inspiração para os meninos (os garotos) do que objeto de rejeição por fazer Engenharia. As meninas tinham mais curiosidade sobre a UnB, não sobre o fazer Engenharia. Acrescentou que, antes de ingressar na UnB, ela ia todo fim de semana à igreja, mas, hoje em dia, a frequência é menor. Dentro da igreja, sempre houve incentivo para que fizesse o curso e a apoiavam por entender que não seria tão frequente como antes do ingresso na UnB.

Foi posta uma questão complementar que surgiu a partir da entrevista: "O que a UnB poderia fazer para ajudar estudantes na sua situação?"

Segundo ela, devia organizar mais apoio pedagógico nas matérias mais difíceis, ou divulgar mais sobre o que já existe. Melhorar a rede de apoio institucional, não apenas por iniciativa de alguns docentes, individualmente. No geral, vê-se que as pessoas de renda baixa e que precisam trabalhar acabam saindo da UnB. A rede de apoio institucional faria

toda a diferença. Nos cursos de exatas, seria importante oferecer conteúdo básico para seguir os estudos na UnB. Também, nessa rede de apoio, é necessária a existência de conversas sobre o dia a dia da universidade, o ritmo de estudo, a compreensão da nova realidade com que têm de lidar. Apoio também com bolsas para as pessoas de renda baixa e que vieram de outros estados do país etc.

Comentários

O que é específico, no relato dessa menina, é que ela contou de seu sofrimento por ter de sacrificar sua convivência com a família estendida para estudar. Ela demonstrou também uma força de trabalho impressionante, crescendo sua carga de trabalho na universidade com o curso de inglês.

SÍNTESE ENTREVISTA COM C

Ao ouvir a pergunta inicial, **C** respondeu que era engraçado, porque não teve influência de ninguém de exatas em sua vida, já que nenhuma pessoa de sua família era de exatas. Então, ela se achou “um ponto fora da curva” na hora de escolher sua profissão. Acrescentou que sempre gostou das ciências, da Engenharia, e que as mulheres de sua família sempre foram muito independentes.

Falou que tinha uma tia que se tornou funcionária pública, e que sua mãe criou os dois primeiros filhos sozinha. Sempre “fez o que tinha de fazer” e sempre foi um exemplo para sua filha. Por isso, ela apoiou 100% a escolha de sua filha de fazer Engenharia. E, como ninguém tinha conexão com essa profissão, seja homem ou mulher, ninguém falou para ela “Meu Deus, como a mulher vai ser da área de exatas?”

Depois, destacou que foram mais os professores que a desincentivaram, pensando que ela não seria capaz, humilhando-a por besteiras, como quando ela se levantou para jogar algo no lixo, e o professor falou que seus pais deveriam ter vergonha dela por esse tipo de comportamento. Mas ela se lembrou de uma professora que a incentivou nos seus estudos, e até acreditava que **C** poderia entrar em Medicina.

Quando a pesquisadora perguntou se o comportamento desse professor não tinha a ver com seu gênero, ela respondeu que não, que ele não acreditava em ninguém na turma, porque todos eram pobres e ele acreditava que todos iam ficar nessa condição.

Hoje em dia, na universidade, também ela estava consciente de sua condição econômica bem menor que a de seus colegas de turma. Por exemplo, quando o professor pergunta com quanto tempo eles trocam de celular, e eles respondem dois anos, ou quando ela sabe que, na casa deles, cada um tem seu computador. Uma realidade bem longe da sua, que compartilha seu computador com a irmã, que está fazendo um curso de Medicina.

Essa escolha das duas irmãs, de estudarem Medicina e Engenharia, surpreendeu muito as pessoas, porque elas estão saindo de uma condição pobre, e todo mundo achava que iam ficar nesse lugar. C explicou que sua mãe começou a trabalhar com 15 anos e, por isso, ela incentivava muito suas filhas a estudarem para sair de sua condição. E seu pai também. Ele tinha ensinado às filhas a leitura antes de entrar na escola, contando a história dos livros para elas, por exemplo.

Depois, lembrou-se de que sua mãe tinha educado os dois primeiros irmãos, uma mulher e um homem, na ausência do pai, mas que ela e sua irmã mais velha foram criadas com o pai. Ela era a caçula. Segundo C, sua mãe tinha criado os quatro para melhorar de vida, em comparação com a sua e a de seus próprios pais, os avós de C, inclusive os dois primeiros filhos, criados sem pai. A prova, segundo ela, era que seu irmão era policial e sua irmã enfermeira, enquanto o avô materno de C era agricultor.

C sempre percebeu essa resolução de sua mãe, de permitir os filhos terem uma vida melhor, e ela sempre falava disso com eles dizendo, por exemplo: “Se você sabe o que você quer, então você tem de correr atrás.”

Contou que seu pai não ficou surpreso com sua decisão de fazer Engenharia, porque, quando ele estava trabalhando na casa, arrumando ferro de passar roupa, por exemplo, ela sempre o ajudava... Então, a seus olhos, essa escolha foi natural.

Acrescentou que, quando ela e sua irmã eram muito pequenas, era o pai que cuidava delas, enquanto a mãe trabalhava como empregada doméstica. Depois, ele voltou a trabalhar como motorista de carreta, e a mãe as levava a seu trabalho. Quando cresceram, elas começaram a ajudar na casa também.

O lugar onde sua mãe as levava quando fazia o trabalho de empregada doméstica era na casa de sua professora. Então, de lá, depois, ia para a escola. Nessa época era sua mãe que fazia todo o trabalho doméstico em casa.

Depois, incentivada pela pesquisadora, ela aprofundou um pouco a diferença de realidade entre ela e os outros alunos da turma. Muitos vieram de escola particular, tendo computador e celular desde o Ensino Fundamental... Mas, logo depois, ela apontou que fez escola particular também, como bolsista, mas não era uma escola com um nível tão alto quanto a dos outros da turma. Assim, os professores falavam: “Ah, isso aqui que vocês viram no Ensino Fundamental, no Ensino Médio...” Mas, pessoas como ela, ou pior, as que saem de escola pública, não viram isso por conta das greves, por exemplo, ou outras coisas assim.

Quando a pesquisadora quis saber o que foi mais difícil para C nesse contexto, ela falou que foram suas dificuldades em exatas, das quais ela gosta, mas que não são seu forte. Tinha de fazer muito esforço para entender, em comparação com quem tem mais

facilidade. Falando isso, ela se lembrou ser difícil também o fato de que, nos grupos, os meninos sempre tinham a ideia de que as meninas não estavam entendendo o conteúdo, falando: “Pode deixar que eu faço...” Isso a deixava com raiva no começo, porque ela pensava: “Eu também consigo fazer isso...”. Com o tempo, ela conseguiu ter a coragem de falar: “Não, deixe que eu faço, isso eu faço. Isso eu sei fazer, vamos dividir...”

Ela falava “meninos” porque, frequentemente, em uma turma de 20 pessoas, só 5 eram meninas, em seu curso. Com isso, era raro que, nos grupinhos, houvessem duas meninas.

Quando a pesquisadora quis saber onde ela acha a força de falar assim, embora esteja sozinha, falou que era pensando em quem vinha na sua frente, suas sobrinhas, primas... “Eu não posso deixar que as outras pessoas passem por cima de mim”. Ela não queria mais se colocar em segundo plano, deixando-os continuar a fazer isso com ela, senão, no final do dia, não ia se sentir bem.

Quando a pesquisadora quis saber se ela identificava uma fonte de inspiração para adotar tal comportamento, respondeu que vinha de sua família. Sua mãe e sua avó sempre falavam para não depender de homem. Sua mãe dizia: “Não deixe ninguém passar por cima de você”. Que, se algo desse tipo acontecesse, ela mesma iria brigar para defender sua filha.

Voltando sobre suas dificuldades em entender as exatas, ela explicou que, por falta de um método de aprendizado, demorava para entender o que os professores falavam. A aula expositiva não era suficiente para ela: precisava sentar-se, ler, remoer, até conseguir entender realmente. No começo, ela achava que era o seu jeito de aprender mesmo, mas, pensando sobre o assunto, percebeu que teve de aprender sozinha, pela prática, que não tinha essa longa convivência com a teoria, nem alguém para se sentar com ela e lhe explicar da forma adequada por conhecê-la como filha, como era o caso dos alunos da classe média.

Em relação ao fato de ter de dividir um computador com sua irmã, ela contou que não se importava muito, porque tinha um sistema de trabalho muito bom, que acabava por não as prejudicar muito. Quando ela os ouvia falar que havia um computador só para eles, isso a incentivava a trabalhar mais para construir uma vida melhor para seus próprios filhos. Afirmou ter uma convivência boa com os outros alunos, aceitando essa outra realidade e se inserindo nela.

Quando a pesquisadora quis saber se ela conseguiu fazer amizade com os outros alunos de seu curso, contou que começou no outro *campus* da UnB, no da região do Gama, com todo mundo, e que, assim, lá foi mais fácil, porque todos tinham as mesmas matérias. Mas, desde que mudou de curso, chegou no *campus* da UnB chamado Darcy Ribeiro e

pegou matérias de três semestres diferentes para finalizar sua graduação, acabou não tendo pessoas conhecidas presentes em todas as turmas.

Com isso, ela teve contato com muitas pessoas, mas não fez muitas amizades. Achava que era também porque já tinha um grupo de amigas do Ensino Médio, das quais é amiga há dez anos e que estão se apoiando mutuamente. Embora cada uma tenha ido para um curso diferente da UnB, elas podiam se encontrar, almoçar juntas...

Graças a isso, podia conversar com todas as pessoas de suas turmas sem esperar delas um apoio ou que se tornassem suas amigas, porque já tinha esse grupo de amigas.

Confessou sempre ter gostado muito de estar sozinha e, por isso, também não sofreu muita solidão como outras meninas entrevistadas. Ela achava que isso decorria de fazer parte de uma grande família barulhenta. Ela se lembrava, quando criança, de ter pensado: “Queria estar sozinha...”

Quando a pesquisadora lhe perguntou se ela queria sublinhar outras dificuldades encontradas em sua trajetória, C respondeu que foi o contrário: ela encontrou muitas coisas maravilhosas que a ajudaram, como entrar no projeto Meninas Velozes. Isso curou seu medo dos professores, porque ela sempre tinha a sensação de que os professores a estavam olhando e pensando, como seu professor da 5ª série: “Meu Deus, essa daí não vai muito longe...” Convivendo com os professores dentro do projeto, ela acabou por se curar desse medo. Inclusive, nesse semestre, ela tinha começado a fazer um programa de iniciação científica com um de seus professores.

Procurando identificar outros obstáculos, a pesquisadora quis saber se ela não encontrava problema de ter de usar o transporte público. Ela admitiu que demorava muito para chegar, mas que aproveitava esse tempo para ler o que gostava. Então, falou que isso lhe permitia descansar no fim do dia.

Depois disso, a pesquisadora percebeu que elas não tinham conversado sobre a questão da cor da pele e procurou saber algo sobre sua experiência em relação a isso. Ela respondeu que sua mãe era negra e seu pai branco e que então, tecnicamente, ela era parda, mas que era a “clarinha” da família. Assim, segundo afirmou, sua mãe e seus irmãos sofreram racismo muito mais do que ela, a tal ponto que, quando sua mãe vinha buscá-la na escola, as pessoas perguntavam se ela era sua babá, pela diferença de cor de pele. Então, se ela sofreu racismo foi de maneira indireta, assistindo ao sofrimento das pessoas ao seu redor.

Sua irmã que fazia Medicina, por exemplo, era mais escura que ela, e as pessoas duvidavam que elas fossem irmãs. Mas afirmou que sua irmã não contou nenhum incidente vivenciado em relação a isso, na faculdade. A única lembrança a que ela se referia foi quando sua mãe tinha vindo buscá-la na escola e o pessoal não tinha querido

entregá-la, porque achavam que ela era sua babá... Dessa vez, sua mãe tinha brigado muito com eles, pois não deixava esse tipo de coisa acontecer: se fosse o caso começava a brigar.

Comentários

Essa entrevistada se mostrou muito positiva sobre sua situação em geral, seja na sua família ou na universidade. Ela até confessou gostar de estar sozinha, por ter nascido numa família numerosa e barulhenta, onde sonhava estar sozinha.

Talvez isso possa ser explicado pelo fato de ser a primeira entrevistada do ano de 2024 ou devido à presença da aluna de PIBIC. Posteriormente, percebemos que a presença dessa estudante teve um efeito sobre as meninas, as quais ficavam com receio de confessar suas fraquezas e dificuldades na frente dela.

SÍNTESE DA ENTREVISTA COM D

Ao ouvir a questão inicial, **D** respondeu que sabia que o número de mulheres iria ser inferior em seu curso, mas não imaginava como seria experimentar fazer parte da minoria e se sentir inferior pelo fato de que os homens do lugar, tanto professores quanto alunos, sempre duvidassem de sua capacidade, por ser mulher. Ela sabia que as professoras tinham a mesma experiência, porque uma delas organizou uma oficina sobre o assunto durante a semana universitária do ano anterior (2023).

Quando a pesquisadora pediu exemplos de situações que geravam esse sentimento de ser inferior, ela deu o exemplo de um trabalho em grupo de estudantes no qual ela era a única menina. Os outros a aconselharam conferir se ela estava certa olhando o que fez um outro, quando isso não era pedido a nenhum outro aluno. Acrescentou que, nesses grupos, era muito difícil para uma mulher estar à frente, organizar o trabalho. Os outros meninos vão demorar para responder sua mensagem. Mas, quando é entre eles, respondiam na hora, pois são amigos...

Quando a pesquisadora perguntou como funcionava a construção dos grupos de trabalho nas matérias, ela respondeu que dependia muito do professor. Ela sublinhou o caso dessa professora que organizou a oficina durante a semana universitária, em que ela mesma organizava os grupos, cuidando de sempre ter, pelo menos, 2 meninas nos grupos, para evitar passar por esse tipo de problema. Se ela não conseguisse um grupo no início, poderia montar um grupo com todos que sobraram. Segundo ela, era bem difícil nesse caso, mas isso aconteceu só no primeiro semestre. Hoje em dia, ela conhecia mais pessoas, graças a sua integração na Atlética, e pegava as mesmas matérias que seus colegas de lá. Assim, podia constituir grupos com amigos, embora homens, o que facilitava muito o trabalho em relação a quando tinha de trabalhar só com homens desconhecidos.

No começo, era sozinha, porque morava muito longe de Gama, e era quase impossível que alguém que estava com ela, no Ensino Médio, fosse para essa região. Assim, precisava pegar ônibus todos os dias e demorava duas horas para chegar.

Nos primeiros dias, contou que gostava, tudo era novo para ela... Mas, com o tempo, a situação se tornou horrível: não conseguia um bom desempenho nas matérias, por ter um nível muito mais baixo do que o dos outros que saíam de escola militar ou particular, enquanto ela tinha feito toda sua escolaridade em escola pública.

Quando os outros já conheciam tudo da matéria, ela tinha de “correr atrás do atraso”. Mas, atualmente, pensa ter conseguido suprir sua carência, e é bem mais tranquilo.

A pesquisadora quis saber como conseguiu fazer isso, e ela respondeu que foi na internet, assistindo vídeos no *youtube*, e comprando um curso de cálculo na internet também.

A UnB organizava um curso de Pré-cálculo para os alunos como ela, mas, por não saber que seria oferecido durante as férias, antes do primeiro semestre, ela o perdeu.

Contou que, no começo, não fez amizade alguma na universidade. Conhecia pessoas nos trabalhos em grupo das matérias, que via no corredor, nada mais. A única amizade que fez foi com um menino que estudava com ela no Ensino Médio, mas que tinha entrado um semestre antes. Então, eles não estavam nas mesmas matérias, e se encontravam apenas no corredor. Não era amizade de verdade.

Começou a fazer amizade de verdade entrando na Atlética em 2023, para fazer a gestão. Lá, em três meses, conseguiu criar amizades. Eles almoçavam juntos, saíam nos fins de semana, conversavam de forma mais íntima, não só das matérias...

Quando a pesquisadora procurou entender por que ela demorou tanto para entrar na Atlética e fazer amizade, **D** percebeu que, entre sua chegada na universidade, em 2019, e esse ano de 2023, tinha acontecido a pandemia. Contou que, durante esse período, ela pegou poucas matérias, e mais as optativas, porque sabia que não ia ter um ensino muito bom e porque também sua mãe, sendo enfermeira, estava muito envolvida no cuidado dos pacientes, e foi à Amazônia, onde houve falta de oxigênio em um momento... Então, **D** ficou com os três irmãos e o padrasto, e tinha de cuidar dos irmãos, o que não lhe deixava muito tempo para estudar.

Contou ainda que era a segunda mais velha e que tinha dois irmãos mais novos que, na época, eram bem pequenos, entre seis e nove anos, bem menos independentes do que hoje. Então, era bem complicado: tinha de cozinhar, arrumar a casa que estava em obra, cuidar dos irmãos...

Quando a pesquisadora se mostrou surpresa por, mesmo assim, ela ter conseguido passar nas matérias, ela falou que conseguiu em todas que ela tentou, pois tinha a flexibilidade de estudar na hora em que queria, o que a ajudou. Segundo ela, era muito mais cansativo fazer duas horas de ônibus para chegar na universidade e duas para voltar e continuar a estudar, chegando em casa para acompanhar as matérias... Embora tivesse o trabalho doméstico a fazer em casa, ele não ocupava as quatro horas que ela gastava no ônibus. Por isso, preferia as aulas *on-line*.

Ouvindo isso, a pesquisadora procurou saber se essa grande duração do transporte se explicava por falta de ônibus ou pela distância muito longa a percorrer. Ela respondeu que era um pouco dos dois. De fato, havia só um ônibus que estava parando muito entre sua cidade e a rodoviária do Plano Piloto, quando, de lá para ir ao Gama, havia um ônibus BRT expresso, que era muito mais rápido. Segundo ela, se houvesse esse tipo de ônibus rápido para chegar no Plano Piloto, ajudaria. Queixou-se também que a UnB tinha tirado um ônibus *Intercampi* grátis, que existia antes da pandemia. Segundo ela esse ônibus ajudava muito. Deu o exemplo da segunda-feira: tinha aula até 10 horas, lá no Gama, e tinha aula 14 horas, aqui no *campus* de Darcy Ribeiro, e depois tinha de voltar às 18 horas para Gama. Então, nesse dia, na ausência do *Intercampi*, ela tinha de pegar ônibus oito vezes. Na verdade, ela não conseguiu usá-lo porque não precisava no primeiro semestre de 2019, quando entrou.

Quando a pesquisadora lhe perguntou sobre os professores, ela falou que eles não se importavam muito com os alunos. Havia professores mais velhos, com a mente patriarcal. Um, em particular, foi acusado de assédio, mas nada aconteceu até hoje. Há outros que, segundo ela, são legais e conscientes dessa questão do gênero. Quando ocorria problema de assédio sexual na Atlética, onde tinha um pouco de poder, ela fazia tudo o que podia para expulsar o assediador, orientar a menina para fazer boletim de ocorrência. Mas, quando a culpa era de professores, ela observava que quase nada era feito.

Quanto aos meninos do curso, queixou-se de que eles eram muito “incel”, o que significa ter intelecto muito grande, mas falavam das mulheres como objetos e se comportavam mal com elas. E ela estava no meio desses tipos de homens que faziam brincadeiras machistas, sem poder falar nada, por ser minoria. Mas, no Gama, ela tinha um grupo só de meninas. Precisava de uma carteirinha para entrar, e lá se compartilhavam informações específicas para mulheres, inclusive sobre os problemas de assédio... Nesse grupo, circulavam as fotos dos meninos acusados de assédio, para que elas ficassem espertas. Havia meninos que estavam criticando essa rede, mas elas preferiam rir deles do que tentar se explicar.

Ouvindo isso, a pesquisadora quis saber se, no começo, esses comportamentos dos meninos do curso não a desanimaram. Ela respondeu que realmente, no começo, queria mudar de curso por conta disso. Achava que passar nas matérias era muito difícil, mas afrontar esses comportamentos era realmente mais difícil. Parecia-lhe um castigo. Ela contou que ocorreu chegar até a rodoviária e voltar para casa para não ter de suportar isso. Nessa época, sua mãe a ajudou, e ela entrou na Atlético. A partir desse momento, começou a gostar da faculdade.

Depois, ela voltou a dizer que sua mãe sempre a apoiou para que pudesse estudar bem, como os outros quatro filhos. Embora não tivesse muita condição, ela pagou um cursinho para que D conseguisse passar no PAS. Ela “fazia o possível e o impossível” para seus filhos, para que jamais lhes faltasse nada. E é por isso que precisa de uma bolsa para ajudar à mãe.

Contou ainda que sua mãe, além disso, sempre estudou muito, passou a vida inteira estudando, por gostar muito do conhecimento, do saber. E assim, incentivava muito as crianças também.

Para ilustrar, contou que, na semana anterior, tinha visto um curso de tecnólogo barato, oferecido por uma faculdade, numa área perto da sua, e pediu à mãe explicando que, com a greve, ela tinha medo de demorar para se formar e poderia ser certificada antes com esse curso. A mãe aceitou pagar os R\$100,00 por mês cobrados pelo curso.

Informou que, na família de seu pai, ninguém fez curso superior. Então, eles ficaram encantados de vê-las estudando, ela e a irmã, que se formou em Pedagogia no semestre anterior. Por seu turno, hoje, ela estava incentivando os primos da família do pai, dando-lhes o exemplo, mostrando que é possível.

Contou que a vida dessa família, por parte do pai, era uma outra realidade, com brigas pesadas. Ela sempre tentou fazer o possível por eles, embora faltasse tempo para isso. Em seguida, acrescentou que a família da parte de sua mãe estava vivendo no mesmo lugar, mas sempre correu atrás de uma vida melhor, em comparação com a família do pai, que se contentava em conseguir se sustentar. Tinha um tio materno estudando Arquitetura e um outro que acabava de se formar em Administração, por exemplo. Assim, a família materna sempre a incentivou a “correr atrás” também, a se formar. Ela admite que não podia reclamar disso.

Ouvindo isso, a pesquisadora sugeriu que a D, menina, observando as duas famílias, tinha escolhido o jeito da família da mãe. Mas D contestou, dizendo que a mãe dela não lhe tinha dado essa escolha: tinha de estudar, e ponto final. Ela incentivava, mas cobrava também, olhando o boletim, questionando quando D tirava notas baixas...

Mas sublinhou que sempre entendeu esse jeito de sua mãe de incentivar e cobrar dos filhos que estudassem. Ela até brigou com uma tia que dizia que sua mãe a tinha criado errado. Confessou que virava outra pessoa quando alguém falava mal de sua mãe.

Em sua relação com a escola, no Ensino Médio, ela se lembrou que o fez na escola pública que tinha mais aprovação do Distrito Federal. Ela achava as matérias fáceis nessa época, era até representante da sala, não precisava se esforçar. Para passar na UnB, sua mãe pagou esse curso. Então, nesse momento, fez muito esforço, consciente de que sua mãe estava investindo para seu futuro, e conseguiu passar.

Em relação à cor da pele, estava constatando que a “cara” do curso dela era a do homem branco rico, mas não se importava. Sabia que tudo isso era muito longe da realidade dela, das pessoas com que ela estava convivendo, mas não se deixava abater com isso: fazia como se isso não interferisse em nada. Durante a segunda entrevista, a pesquisadora perguntou: como ela conseguiu isso? Quando, no começo, ela contou que se sentia inferior, o que mudou? Ela respondeu que não sofreu muito de discriminação em relação à cor de sua pele, por ser “passável”, ou seja, parda.

Na escola, contou que sempre recebeu incentivo positivo, mas tinha medo de não passar, porque não era o tipo de aluna que se sentava na frente. Sentava-se no fundo, mas nunca deixou de estudar. Tinha um grupo de amigas, uma em particular, com a qual havia um incentivo mútuo, e as duas passaram, embora em cursos diferentes.

Em relação aos meninos, no Ensino Médio, ela falou que foi tranquilo, porque tinha uma personalidade forte, era capaz de ser brava, se precisasse. Era representante da sala... Por tudo isso, ela era respeitada.

Ela não podia ficar calada ouvindo algo de que não gostava: até podia “tornar-se outra pessoa”. Por isso, segundo ela, “as pessoas não montam em cima dela porque sabe que, se falar, vai escutar também.” Contou que aplicava isso com todo mundo, inclusive com o padrasto. Contou ainda que, quando ela e sua irmã eram pequenas, com 5 e 6 anos, ele batia nelas na ausência da mãe, que estava trabalhando o tempo todo. Ela não se lembrava bem disso, mas sua irmã sim. Essa última contou para uma tia, os vizinhos fizeram uma denúncia e ele foi procurado pela polícia... Anos depois, esse padrasto voltou a morar com elas e, nesse momento, ela tinha a certeza de que ele não tinha direito de bater, nem nela, nem nos irmãos e ficava brava com ele, provocando-o. Hoje em dia, ela acha que esse episódio contribuiu para a construção de sua personalidade muito forte.

Concluiu dizendo que foi mais decisivo para ela encarar as dificuldades citadas, ligadas ao gênero e ao transporte com o apoio familiar que recebeu. Sem isso, se tivesse dependido só da faculdade, ela confessou que teria desistido. Acrescentou que, depois de

conhecer pessoas, de poder ter uma vida fora da universidade com amigos, através da Atlética, mudou muito sua vivência da faculdade, também.

Tentando explicar o que experimentou, contou que o mais difícil foi estar sozinha em um ambiente cheio de grupinhos fechados, que se conheciam, e onde era muito difícil entrar. Declarou que estava sozinha uma grande parte de sua vida, e gostava disso. Mas estar sozinha num ambiente onde os outros estão em grupo era difícil, no começo da universidade. Foi por isso que entrar na Atlética lhe deu a oportunidade de formar sua própria “panelinha”, pois os participantes pegavam matérias juntos. Assim, se um tirava uma nota insatisfatória, por exemplo, “era menos difícil suportar estando juntos”.

Procurando saber como era que as camaradas da Atlética pegavam as mesmas matérias que ela, D respondeu que foi por acaso. Quando entrou, havia vários outros alunos de seu curso que entraram também. Ela contou que, quando entrou no projeto Meninas Velozes, foi bem diferente, pois não conhecia ninguém, nem professoras, nem alunas, e não se sentiu acolhida. Tinha muitas ideias de oficina, mas não se sentia autorizada a exprimi-las, e logo decidiu ficar calada e “seguir o baile”. Concluiu que chegar depois, quando o grupo de meninas já estava constituído, dificultou sua integração como novata. Não tinha também contatos com as outras novas como ela: era estranho. Mas, de qualquer jeito, achava determinante conseguir entrar num grupo qualquer, como foi o caso, para ela, com a Atlética, ou na empresa júnior, ou num projeto qualquer, para fazer amizade.

Comentários

Essa menina se destaca por sua capacidade de não ficar calada na frente de algo de que não gosta, de se impor em relação aos outros. Ela acha que essa atitude foi construída na oposição a seu padrasto violento.

SÍNTESE DA ENTREVISTA COM E

Em resposta à primeira pergunta, ela relatou que, durante a infância e adolescência, embora tivesse bom desempenho nas disciplinas da área de exatas, não nutria grande apreço por elas. Por volta dos 15 ou 16 anos, participou de um curso técnico de automação industrial, experiência na qual se sentiu, segundo suas próprias palavras, “cabisbaixa” e sem relevância no ambiente. Enfrentou dificuldades significativas para conseguir o estágio obrigatório. Nas empresas, ouviu de diversos empregadores que aceitavam somente meninos, excluindo explicitamente meninas. Quando, finalmente, conseguiu ingressar em um estágio, era a única mulher entre homens significativamente mais velhos, muitos dos quais ocupavam cargos operacionais, desejando colocá-la no lugar do trabalho doméstico. Essas experiências cumulativas geraram nela sentimento de insegurança e certo receio em seguir carreira na área de exatas.

Apesar de seu bom desempenho nas matérias do curso, ela constantemente sentia que não era suficientemente boa para estar ali. Embora a maioria da turma fosse constituída por meninas, a sensação de pertencimento ao curso e as palavras de incentivo eram mais frequentes entre os colegas do sexo masculino. Além disso, o número reduzido de professoras reforçava seu sentimento de deslocamento, contribuindo para a dúvida sobre continuar na área de exatas. Em determinado momento, chegou a considerar a mudança para a área de Letras, na graduação, tendo, inclusive, se inscrito nesse curso. Contudo, acabou optando por uma Engenharia que não estivesse diretamente ligada à indústria, na esperança de que as questões de gênero fossem menos acentuadas nesse novo contexto.

Posteriormente, ao tratar das dimensões econômicas e sociais de sua trajetória, ela destacou que sempre estudou em escolas públicas e que somente por volta dos 15 anos, ao ingressar no Instituto Federal, começou a se engajar na ideia de cursar o Ensino Superior. Foi durante uma visita à Universidade de Brasília (UnB) que, pela primeira vez, ouviu falar sobre pesquisa acadêmica. Antes disso, afirmou que não tinha conhecimento sobre as formas de ingresso na universidade, já que grande parte de sua família nunca havia frequentado o Ensino Superior. Ela foi a primeira a trilhar esse caminho, o que atribui, em grande medida, à ausência de subsídios e apoio adequados no ambiente familiar e social.

Ela contextualizou esse ponto de vista relatando que, no início de sua infância, sua mãe trabalhava como empregada doméstica. Posteriormente, passou a atuar em uma padaria. Em razão dessas condições, a família sempre enfrentou dificuldades econômicas, o que impossibilitou um apoio mais efetivo em sua trajetória educacional. Dessa forma, ingressar na universidade representou um desafio significativo. Nos primeiros anos, enfrentava uma rotina exaustiva de deslocamento: precisava pegar quatro ônibus para chegar até a instituição, sendo que, apenas para alcançar a Rodoviária do Plano Piloto, já eram necessárias cerca de duas horas.

Ela relatou precisar acordar diariamente às 4 e 30min da manhã, para sair de casa às 5 e 30min, e esperar o ônibus. O custo com transporte também era elevado: somente o trajeto até a Rodoviária do Plano Piloto custava R\$ 7,50. Na volta, chegava em casa tarde da noite, o que comprometia seu tempo de estudo fora da UnB. Além da exaustiva rotina de deslocamento, enfrentava disciplinas difíceis e em grande número, o que tornava o período ainda mais desafiador. Essa foi sua realidade ao longo de todo o primeiro semestre. A situação só começou a mudar quando ela obteve uma bolsa da UnB, o que lhe permitiu mudar-se para o Plano Piloto. Isso a levou a se dedicar integralmente aos estudos e a se concentrar em sua formação.

Desde o final de 2019, passou a residir na L2, em Brasília, com seu namorado, que também é estudante da UnB. Com o apoio dos auxílios moradia e socioeconômico oferecidos pela universidade, conseguia arcar com o aluguel e demais despesas domésticas, algo que, segundo ela, só era viável por dividir os custos com o parceiro.

Essa nova configuração trouxe uma melhoria significativa em sua qualidade de vida. A estabilidade proporcionada permitiu que se dedicasse mais às atividades acadêmicas, incluindo a pesquisa e os projetos de extensão universitária.

Ao abordar a questão racial, ela relatou que toda a família materna é negra, composta majoritariamente por pessoas que exerceram ocupações como empregadas domésticas ou outras funções de baixa remuneração e baixo prestígio social. Segundo ela, nenhum dos membros dessa parte da família havia cursado o Ensino Superior ou manifestado ambições de desenvolvimento profissional mais amplo. Ela acrescentou que não conheceu o pai nem teve contato com a família paterna, que representa o lado branco de sua ancestralidade.

Em relação a essa questão racial, queixou-se de sempre ter dificuldades ligadas ao fato de ter a pele clara, mas com outros traços que manifestavam sua afrodescendência, como seu cabelo, seu nariz, sua boca, por exemplo.

Ela acrescentou que “por ser da periferia, já estar numa situação socioeconômica vulnerável, e também ter uma família majoritariamente negra [...] há certos espaços em que ela não se sente pertencente, ou igual às outras pessoas.” Depois, incentivada pela pesquisadora que não tinha entendido de forma certa, acrescentou que não se sentia pertencer a nenhum ambiente: “clara demais para ser negra, mas também com questões fenotípicas que não me inserem dentro da comunidade branca”.

Depois, acrescentou que era a mais velha do grupo de irmãos e que sua irmã era branca, não compartilhando de suas características, já o caçula, negro, é quem carrega os mesmos traços que ela. Eles eram de pais diferentes. Além da questão da cor da pele, ela queria sublinhar que sofreu também de preconceito linguístico, porque chegou em Brasília, vindo do Nordeste, com cinco anos. O que não era o caso dos irmãos, que nasceram aqui. Assim, no começo, não somente era mais escura: tinha também o sotaque e o jeito de falar nordestino. As pessoas não a entendiam, riam de seu jeito de falar, as professoras a corrigiam...

Apesar de não ter sido tão incentivada por sua família a estudar ou a construir uma carreira, e mesmo diante dos preconceitos, inclusive linguísticos, que enfrentou ao longo de sua trajetória, ela afirmou que sempre teve apreço pelos estudos. O gosto pelo aprendizado se manteve constante, independentemente das adversidades sociais e culturais às quais foi submetida.

A pesquisadora buscou compreender como sua motivação pelos estudos foi possível, mesmo diante da ausência de incentivo familiar. Explicou que a escola representava, para ela, uma espécie de refúgio. Era um ambiente no qual conseguia se afastar dos problemas enfrentados em casa e onde se sentia mais confortável e acolhida. Nesse espaço, encontrou uma forma de estabilidade emocional que, segundo relatou, contribuiu significativamente para sua relação positiva com o aprendizado.

Ao ouvir esse relato, a pesquisadora perguntou quais eram os problemas enfrentados na família. Ela explicou que essas dificuldades persistem até hoje, pois sua mãe estava saindo de um relacionamento para iniciar outro, o que resultou em irmãos com pais diferentes, além de não conhecer seu próprio pai. Ademais, sua mãe enfrentava constantes dificuldades econômicas, já que os padrastos raramente contribuíam financeiramente para o sustento da casa, causando mais problemas do que auxílio, conforme relatou. Nesse contexto, estar longe de casa significava, para ela, afastar-se dessas pessoas que não trabalhavam, mas que impunham a ela a rotina de uma dona de casa, exigindo que assumisse a limpeza e o cuidado do lar. Com apenas 10 anos, ela já precisava preparar comida para pessoas com cerca de 30 anos, por exemplo. Essas experiências faziam com que nunca se sentisse confortável na casa da mãe e geravam um temor de que a mesma situação pudesse se repetir para sua irmã e seu irmão.

Acrescentou que havia uma grande diferença entre ela e seus irmãos, o que fazia com que, como a mais velha, assumisse a responsabilidade de cuidar deles. Em particular, mencionou que, em relação à irmã, sentia-se como uma figura materna, já que sua mãe estava frequentemente ocupada com o trabalho. Cabia-lhe levá-la e buscá-la na escola, além de cuidar das tarefas domésticas.

Quando a pesquisadora perguntou se os padrastos haviam exercido violência contra ela, respondeu que a mãe não permitia abusos físicos, mas que, ainda assim, sofria com uma forma de violência moral. Relatou episódios como a remoção da porta de seu quarto, a retirada da televisão e punições semelhantes, além de brigarem frequentemente com a irmã de propósito, cientes de que ela interviria para protegê-la. Essas situações a deixavam extremamente estressada.

Esses padrastos esperavam que ela assumisse o papel tradicional da mulher na casa, uma responsabilidade que ela se recusa cumprir atualmente. Por esse motivo, relatou que não mantém contato com seu atual padrasto desde 2016.

Nesse contexto, parecia não poder contar com a proteção da mãe diante dessas atitudes dos padrastos. Foi justamente por isso que a escola, e posteriormente a universidade, se tornaram ambientes acolhedores e seguros para ela, proporcionando uma alternativa ao convívio difícil na casa materna.

Nesse contexto, ela acreditava que os padrastos não desejavam vê-la estudar, esperando que ela dedicasse seu tempo somente para a realização de tarefas domésticas, como limpar e cozinhar. Além disso, queixava-se da falta de reconhecimento por parte de sua mãe em relação a suas conquistas. Para ilustrar esse ponto, contou que, embora tivesse feito um curso técnico em automação industrial no Instituto Federal, quando ocorria algum problema elétrico em casa, sua mãe preferia solicitar ajuda a seu namorado, e não a ela, que possuía maior qualificação para tal.

Quando a pesquisadora quis saber o que a motivou a ingressar em um curso de Engenharia na Universidade de Brasília, ela respondeu que a mudança decisiva foi ter saído da escola pública convencional para ingressar no Instituto Federal, um Ensino Médio técnico e específico.

Esse caminho começou graças a um professor do Ensino Fundamental, que organizou um cursinho preparatório e divulgou a possibilidade de ingresso no Instituto Federal, que acabara de ser inaugurado próximo a sua residência.

O curso de preparação para entrada no Instituto Federal ocorria no período da tarde, após as aulas matutinas em sua escola regular. Dessa forma, ela pôde participar e ser aprovada no processo seletivo para ingressar nessa instituição pública, reconhecida por sua maior qualidade, com professores de formação superior e concursados. Segundo ela, essa mudança representou uma transformação significativa em sua trajetória educacional.

Os professores do Instituto Federal, formados em universidades, compartilhavam com os alunos suas experiências acadêmicas e profissionais, além de informar sobre a existência de bolsas que auxiliavam os estudantes a se manterem financeiramente. Ela participou do programa PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) e de ações de extensão, atividades que a incentivaram a permanecer no meio acadêmico.

Destacou que, com a bolsa do PIBIC, conseguiu comprar seu primeiro computador, um marco importante em sua trajetória. Antes disso, ela relatou não ter consciência de que a faculdade poderia proporcionar uma oportunidade de salário melhor e o desenvolvimento de uma carreira profissional. Também afirmou que, até então, não havia se questionado sobre a profissão que desejaria seguir ao crescer.

Segundo ela, isso se devia ao fato de ter vindo de um meio no qual a melhor profissão que se podia imaginar era trabalhar em um *shopping* ou em uma loja qualquer. A entrada no Instituto Federal ampliou significativamente sua visão sobre as oportunidades que a universidade pública poderia lhe oferecer, mesmo enfrentando dificuldades financeiras e morando na periferia.

Foi a partir desse momento que ela afirma ter se apaixonado verdadeiramente pelos estudos e desenvolvido o desejo de sair do lugar onde vivia, não apenas para alcançar novas oportunidades, mas também para, futuramente, retornar e contribuir para a melhoria de sua comunidade.

Quando a pesquisadora perguntou o que a motivou a ingressar no curso do Instituto Federal, mesmo sabendo que as profissões oferecidas não eram tradicionalmente consideradas “de menina”, ela respondeu que seu interesse estava relacionado à promessa de um bom suporte educacional naquela instituição. Diferentemente do colégio em que estudava, que enfrentava sérias deficiências, como falta de professores, ausência de livros e turmas com cerca de 50 alunos, o Instituto Federal oferecia estrutura mais adequada para seu desenvolvimento acadêmico.

Acrescentou que outro fator que a incentivou foi o fato de o Instituto Federal ser uma escola de período integral, o que lhe proporcionava a oportunidade de passar mais tempo longe de casa.

Além disso, por já gostar das ciências exatas, ao iniciar o curso técnico no Instituto, passou a apreciar ainda mais as disciplinas oferecidas, como circuitos elétricos, programação e empreendedorismo.

Entretanto, ressaltou que enfrentou muitas dificuldades no primeiro ano, especialmente nas disciplinas gerais, devido à defasagem do ensino recebido na escola pública anterior, que não oferecia o nível adequado. Como exemplo, mencionou ter sido reprovada em Matemática, pois não dominava conceitos básicos, como a regra de três, que já eram conhecidos pelos demais alunos.

Ela relatou se sentir “deslocada” no início e que demorou a compreender que poderia interromper as aulas para tirar dúvidas, conversar com os professores ao final das aulas ou recorrer à biblioteca, recursos que não estavam disponíveis em sua escola de origem. Concluiu, a partir dessa experiência, que foi no Instituto Federal que aprendeu a estudar, de fato.

Em seguida, a pesquisadora quis entender como surgiu seu interesse pelas ciências exatas desde cedo. Ela explicou que algumas professoras foram fontes importantes de inspiração e que o ato de buscar e encontrar o valor de “X” nas equações lhe causava grande satisfação, motivando-a a seguir estudando. Sentia que estava aprendendo algo novo, algo que lhe daria a oportunidade de aplicar esse conhecimento para realizar coisas novas. Além disso, valorizava o fato de poder, por conta própria, verificar a correção dos resultados obtidos, sem precisar da confirmação de terceiros.

Para superar a lacuna entre seu nível de conhecimento e as exigências do Instituto Federal, ela relatou ter recebido grande apoio dos colegas. Com eles, criou vínculos,

estudava, trabalhava e convivia, formando uma rede de suporte importante. Além disso, destacou que os professores também foram essenciais nesse processo.

Ela ressaltou, em particular, o papel dos coordenadores de curso, que supriam as necessidades individuais dos alunos e a incentivavam fortemente. Para exemplificar, mencionou uma dúvida que teve, no terceiro ano, sobre continuar na Engenharia, após uma experiência difícil durante o estágio. Nesse momento, o coordenador a encorajou a não desistir e valorizou seu potencial, o que foi fundamental para sua motivação.

Durante seu primeiro estágio, ela foi a primeira mulher a atuar na empresa, além das funcionárias responsáveis pela limpeza e pelos uniformes. Nesse contexto, relata que, certa vez, um colega solicitou que ela digitalizasse dados, tratando-a como se fosse uma secretária. Segundo ela, não recebia respeito nem dos operários, nem dos funcionários do escritório. Sentia-se em desvantagem em relação aos outros estagiários homens, cujos conhecimentos eram mais valorizados e, quando não sabiam algo, eram simplesmente encorajados a aprender.

Após essa experiência negativa, ela considerou ingressar no curso de Letras, ao prestar o ENEM. No entanto, um professor a incentivou a permanecer na Engenharia. Assim, optou por uma Engenharia com menor vinculação industrial, acreditando que esse curso seria mais acolhedor, tendo sido aprovada.

Ela também relatou que, apesar de o Instituto Federal oferecer cursos técnicos, a maioria das turmas era composta por meninas. Ela supôs que isso poderia estar relacionado ao fato de que muitos meninos desistiam mais frequentemente devido à pressão para exercer cargos de trabalho e contribuir na geração de renda de suas famílias.

Acreditava que, para as meninas, o Instituto Federal representava, assim como para ela, uma forma de escapar das expectativas tradicionais impostas no ambiente doméstico, além de oferecer uma oportunidade para sua independência e sustentação.

Em relação a sua entrada na UnB, ela recordou que foi um período muito difícil, principalmente devido à falta de recursos financeiros. Não tinha condições de se sustentar nem de adquirir os livros e equipamentos necessários para as disciplinas. Para suprir essa carência, recorria a livros doados, buscava materiais na internet e na biblioteca. Enquanto isso, alguns colegas de turma chegaram a receber até mesmo um carro como presente pela entrada na universidade.

Ela expressou sua decepção, mas ressaltou que não tinha com quem compartilhar suas dificuldades, pois seus colegas não conseguiam compreender sua situação econômica. Além disso, mencionou que, se tivesse desabafado com sua mãe, ouviria provavelmente a frase: “Tá vendo? Era melhor ter entrado em um emprego.”

Relatou que não tinha muitos amigos na universidade. Os colegas do Instituto Federal, que ingressaram na UnB, seguiram outros cursos, o que dificultava os encontros, uma vez que as rotinas e os horários diferentes impediam a convivência frequente. O único contato constante era com seu namorado, que conheceu em 2016 no Instituto e que também cursava uma área das ciências exatas. Eles costumavam voltar juntos para casa, permanecerem juntos e, eventualmente, passaram a morar juntos.

No entanto, segundo ela, esse suporte não era suficiente. No início do curso, não havia ninguém dentro de sua própria turma com quem pudesse conversar de forma autêntica, pois os demais não compreendiam plenamente suas vivências, tanto do ponto de vista econômico quanto das dificuldades acadêmicas. Muitos colegas já tinham familiaridade prévia com os conteúdos ou tinham condições financeiras para pagar reforço escolar, enquanto ela precisava aprender tudo sozinha. A lacuna entre seu nível e o dos outros estudantes tornou-se ainda mais evidente do que na sua entrada no Instituto Federal.

Em sua turma, aproximadamente 50% eram meninas. Algumas se aproximaram dela, porém ela confessou que, inicialmente, mantinha-se muito reservada, pois não se sentia parte daquele universo da UnB e acreditava que ninguém a acolheria. Por isso, preferia ficar isolada, evitando contato, para não sofrer. Apesar disso, algumas dessas colegas com quem conviveu, no primeiro semestre, tornaram-se suas amigas atualmente. Ela revelou que só conseguiu se abrir verdadeiramente aos outros a partir do quinto ou sexto semestre, quando iniciou um tratamento para ansiedade e depressão, com o auxílio do programa de saúde mental da universidade.

Esses sintomas se agravaram durante a pandemia, o que, de certa forma, a impedia de se expor nas aulas presenciais. Mas, por outro lado, o isolamento também a fazia temer sair de casa. Com o tratamento, ela relatou que o medo de interagir diminuiu. Além disso, percebeu que não estava sozinha nesse isolamento, o que lhe deu maior abertura para retomar o contato social, motivada pela saudade das amigas e o desejo de conhecer lugares como museus, *shows* e parques, ausentes no bairro onde morava.

O período pandêmico durou cerca de quatro semestres. No início, ela retornou à casa da mãe, que exigia sua ajuda nas tarefas domésticas e desconfiava de seu compromisso com os estudos, uma vez que a via frequentemente no computador. Para escapar dessas interrupções e dedicar-se adequadamente às atividades acadêmicas, ela passou a estudar na casa do namorado, que morava nas proximidades, onde encontrava um ambiente mais propício e tranquilo, especialmente diante da incompreensão da mãe sobre as exigências e a dinâmica do estudo remoto durante a pandemia. Posteriormente, conseguiu voltar a Brasília com o auxílio moradia e acompanhar as aulas remotamente.

Quando a pesquisadora perguntou sobre o apoio dos professores da UnB, ela comentou que, em geral, eles ofereciam pouco suporte e não demonstravam grande interesse em compreender sua realidade, especialmente em relação ao atraso ocasionado pela longa distância que percorria e pelas falhas do transporte público. Segundo ela, a interação entre docentes e alunos era bastante limitada.

Acrescentou que os apoios oferecidos pela UnB aos estudantes oriundos da periferia e do ensino público não eram amplamente divulgados. Inicialmente, ela não sabia como solicitá-los, tendo de buscar informações por conta própria, uma vez que muitos colegas não precisavam desses auxílios e, portanto, desconheciam sua existência. Ao compreender seus direitos e os procedimentos para obtê-los, passou a divulgar essas informações para seus amigos. Destacou que enfrentar a burocracia era uma tarefa difícil, especialmente na obtenção de documentos junto a sua mãe e ao padrasto, exigidos para a comprovação.

Quando, finalmente, conseguiu o auxílio moradia, manifestou grande satisfação, pois não sabia como continuaria a arcar com os custos das passagens de ônibus e o tempo perdido nos deslocamentos entre a casa da mãe e a universidade.

Ela relatou ainda que sua participação no projeto Meninas Velozes foi fundamental para ampliar seu convívio social e para que pudesse se abrir mais às pessoas. As atividades de extensão e o PIBIC também foram muito importantes, tanto pelo suporte financeiro quanto pela experiência prática, que incluía trabalho de campo, algo que ela apreciava muito.

Atualmente, ao concluir a graduação, ela manifesta interesse em ingressar no mestrado. A experiência acadêmica adquirida na UnB a faz se sentir capaz de enfrentar a competição do processo seletivo, embora admita carregar certo receio quanto a possíveis fracassos.

Comentários

A especificidade do caso de **E** reside no fato de que ela enfrentou dificuldades relacionadas a sua raça, o que lhe gerava uma sensação de não pertencimento tanto nos ambientes predominantemente negros quanto nos predominantemente brancos. Além disso, ela sofreu discriminação linguística ao chegar em Brasília, vindo do Nordeste, aos cinco anos. Essa barreira comunicativa, especialmente com os professores, configurou-se como uma experiência bastante desafiadora para ela.

SÍNTESE DA ENTREVISTA COM F

Ao ouvir a primeira pergunta, **F** falou que sempre gostou das ciências exatas porque, com elas, não tem nada subjetivo: é preto e branco. E isso encaixou muito com sua personalidade. Mas, hoje em dia, se sente um pouco frustrada com a universidade devido ao fato de que ela queria construir máquinas e se deu conta de que a Engenharia consiste mais em “fazer as contas para que alguém construa”. Falta muito prática. Além disso, ela se queixou de não “se ver” nas pessoas da universidade.

Essa formulação de “não se ver nas pessoas” pode se aplicar tanto em relação ao fato de ela ser mulher como ao fato de ser negra, porque, no *campus* onde ela está no Gama, há 80% de homens brancos, por ter somente cursos de Engenharia. Depois de três semestres comuns, cada aluno vai escolher seu curso dentro de cinco possibilidades: Engenharia Aeroespacial, Engenharia de *Software*, Engenharia Eletrônica, Engenharia da Energia e Engenharia Automotiva. E, segundo as estatísticas da UnB que ela consultou, haveria só 10 % de negros nesse *campus*. Assim, os outros alunos não têm os mesmos assuntos de conversação, pois, quando ela está falando com eles, não se sente atraente, e tudo isso acaba por mexer em sua saúde mental. Segundo ela, isso ocorre porque não se sente “tão inteligente” e se sente “1000 quilômetros atrás, em relação a várias coisas”.

Depois, acrescentou que, dentre todos os professores do *campus* só havia dois negros e que os alunos eram muito “duros” com eles. Um desses dois era criticado por ser muito rígido, mas, segundo ela, se ele fosse branco, os alunos achariam isso legal, mas por ser negro e estrangeiro, era visto com outro olhar. Segundo ela, todos os professores do *campus* são rígidos, até as mulheres, porque, nesse ambiente, segundo ela não seria possível estar de um outro jeito. Ela acha que o ambiente muda as pessoas, e o ambiente de homem branco do campo das exatas obrigaria as professoras e os professores negros, por exemplo, a serem muito mais ríspidos do que são realmente, para obter respeito tanto da parte dos alunos quanto dos outros professores.

É nesse sentido que acha que isso afeta a saúde mental, porque, nesse contexto, ela acaba por se perguntar se é boa o suficiente, com suas ideias sendo questionadas pelos professores, em particular. Se um menino apresentasse a mesma ideia que ela, o professor iria dizer, “Oh, que inteligente!” Se fosse ela que falasse, iria perguntar: “Você tem certeza disso? De onde você tirou esse conhecimento?” Ela sublinhou que as professoras, até agora, foram muito mais compreensivas em relação a ela e “tentaram muito mais lhe dar oportunidades dentro da engenharia”. Com isso, ela está sempre pensando em tudo que tem de fazer, com a pressão de fazer melhor que os outros, por ser mulher negra. E isso é difícil para ela. Para além disso, recentemente foi diagnosticada com TDAH. Hoje em dia, ela toma remédio e se sente muito melhor. Não é ligado à Faculdade de Tecnologia só, mas é um fator agravante, segundo ela.

Quando a pesquisadora lhe perguntou sobre o que ela chamava de TDAH, ela contou que tinha problema para se concentrar por mais de 30 minutos, e tinha crises de ansiedade durante as provas. Assim, segundo ela, foi o último semestre. Quando tomou remédio pela primeira vez, conseguiu se concentrar melhor nas matérias. No dia da entrevista, ela estava na UnB há sete semestres, mas, no seu curso, estava no 4º semestre, por conta disso, segundo ela. Fora desse problema de saúde, ela se dava conta de que não tinha a mesma facilidade de quem “nasce para as exatas”, que devia se dedicar muito para conseguir a mesma coisa que esse tipo de pessoa. Mas percebeu, falando assim, que ela também não tinha recebido a mesma educação que os outros.

Quando a pesquisadora perguntou se ela fazia uma relação entre o TDAH e esse ambiente hostil que ela descrevia, devido ao fato de a grande maioria dos alunos serem homens que não a entendiam de jeito nenhum, ela respondeu que havia vários fatores, mas que isso piorou um pouco. Fazendo uma síntese do que era o mais difícil para ela, foi destacado o fato de ficar sozinha, de não “se ver nos outros” no *campus* e de não receber atenção e compreensão de quase ninguém. Acrescentou que os professores homens estavam sempre duvidando de sua inteligência também. Era isso o pior, segundo ela, porque poderia ser entendido que os professores não podiam se preocupar pelos problemas de cada aluno, que eram numerosos demais para isso. E sublinhou que a UnB tinha serviços de atendimento para quem tinha dificuldades de acesso e que ela era até tutora nesse contexto. Entretanto, destacava que isso poderia ter sido mais divulgado.

Mas sublinhou também que as professoras eram diferentes, estavam mais abertas à conversa com os alunos, eram capazes de entender as dificuldades das alunas, de acreditar nelas, por terem conhecido os mesmos problemas nessa situação. Assim, a presença dessas professoras lhe parecia muito importante para o desenvolvimento das alunas nesse ambiente das exatas.

Até então, **F** não tinha falado da lacuna entre o nível das escolas da periferia e o nível das escolas particulares do centro, de onde vinha a maioria dos estudantes da UnB. A pesquisadora lhe perguntou se isso foi um problema para ela. Nesse momento, ela contou que seus pais que não eram de uma classe rica. Seu pai era operário e se tornou depois gerente distrital de uma empresa de água, antes de se formar em Enfermagem e trabalhar nessa área à noite, quando sua mãe fazia a limpeza numa creche. No entanto, ela sempre tinha frequentado escola particular com bolsa e tinha acabado o Ensino Médio numa escola particular de uma região nobre, onde havia só pessoas brancas e ricas, que oferecia muitas oportunidades de prosseguir os estudos universitários. Ela contou que queria entrar nessa escola porque sempre queria sair do interior, viver sozinha, “criar sua própria personalidade”.

Nessa escola, ela estudava das 6 horas da manhã, às 10 horas da noite. Seus pais se esforçaram para pagar os 30% que a bolsa não cobria, e tinha de levá-la e buscá-la nessa escola... Se sentia boba em comparação com os outros alunos, pois o menos inteligente passou no segundo ano de Medicina. Quando ela se sentia tão inteligente em sua outra escola... Além do mais, contou que, nessa escola, também não se via nos outros como pior do que na UnB. Os únicos alunos com nível pior que o dela eram os que estavam vindo do interior, onde as escolas particulares não têm o nível das da capital. Fez muito esforço para preencher a lacuna entre o nível dela e o dos outros e passar na UnB. Seus pais nunca lhe cobraram. Quando ela estava mal, eles falavam que podia desistir e se inscrever-se numa faculdade do interior e pronto. Ela era uma das únicas da família a fazer faculdade. Seu pai fez, mas quando já era velho.

O maior esforço que tinha de fazer era em redação, em que ela sempre tinha dificuldades. Mas, nessa escola, ela conseguiu melhorar, aprendendo de uma forma mais prática, graças ao macete que os professores deram para ajudar os alunos, com palavras-chave, por exemplo. Na UnB, foi a mesma coisa: ela sofreu muito, chorou sozinha, mas jamais viu o fato de desistir como uma opção, embora seja muito pesado estudar o tempo todo assim, desde o Fundamental, com bolsa, o que exige ser excelente, porque não tem como pagar... E se sentia muito cansada, seguia um tratamento psiquiátrico há cinco anos, que a tinha ajudado. Já conseguiu sair do interior, morar em Brasília... Se desistisse, seus pais não a iriam obrigar, mas o sonho dela é sair formada... Queria parar um momento para trabalhar sem estudar, mas os professores da UnB falam para ela que não era possível. Então, toda quebrada e cansada como ela estava, tinha de continuar...

Quando a pesquisadora perguntou se ela estava percebendo uma melhora em sua situação na UnB, respondeu que sim, que o medicamento psiquiátrico que estava tomando a ajudava a não pensar e duvidar dela mesma o tempo todo, a concentrar-se mais nas matérias. Nesse nível, achava que esse ano era o melhor que passou. Não queria desistir de jeito nenhum. Embora esse mundo fosse muito cruel, ela queria lutar contra ele, e sabia que, nessa luta, devia contar consigo mesma. Então, está indo em frente, seguindo os conselhos do psicólogo, e esse ano se tornou o melhor desde sua chegada na UnB.

Com o tempo, aprendeu a diferenciar o que é dela, de seu conhecimento, ou da sociedade, que está “tentando matá-la”... É difícil fazer essa distinção. Quando encontra um problema, saber se realmente é ela que tem um problema ou se é porque ela é uma mulher, por exemplo. Não é possível sempre jogar a culpa nos outros ou na sociedade também. Essas questões a estão preocupando muito. Mas percebeu, falando assim, que, nos dois casos, ela não tem outra opção senão tentar de novo, trabalhar mais...

Quando a pesquisadora perguntou para F se gostava de seu curso, embora com todas essas dificuldades, ela admitiu que queria mudar de curso para ciências humanas, por exemplo, onde o ambiente é menos competitivo que o da Engenharia, onde tanto professores como alunos são competitivos demais. Mas, depois de tantos esforços, ela não quer desistir, porque, em realidade, ela gosta de seu curso, das exatas, onde tudo é preto no branco. Ela acha que não tem muita sensibilidade para questões subjetivas. “Seu sentimento é que ela gosta de seu curso, mas que ele não gosta dela...”

E contou que continua apaixonada pela Engenharia, embora fique preocupada com as perspectivas de emprego, que parecem poucas. O que poderia desmotivá-la um pouco, mas ela continua correndo atrás, procurando estágio...

Quando a pesquisadora a instigou a falar mais sobre sua família, F contou que o pai dela era negro, mas adotado por uma família branca. Na família, ela ficou muito tempo como a única negra, porque suas irmãs nasceram quando ela tinha 9 e 14 anos.

E fez toda sua escolaridade em escola particular, porque o pai dela e o avô paterno, em particular, davam uma grande importância à educação. Segundo eles, era a única maneira segura de sair da pobreza, e ela concordava com isso. Então, nessas escolas particulares, de novo, ela era sozinha como negra. Mas ela queria sublinhar que os pais não a cobravam para fazer tal ou tal coisa; embora passassem dificuldades, pagavam escola boa para ela, a fim que ela avançasse. Só isso.

Entretanto, desde o nono ano, ela tinha crise de ansiedade, gastrite nervosa, saúde fraca, pegava gripe, tinha crise de sinusite... Com isso, faltava muito, mas tinha boas notas. Sempre tinha consciência da importância de estudar e, então, seus pais não se preocupavam. Eles a entendiam e a aconselhavam a ficar na cama para dormir, quando adoecia.

Ela admite que essas crises de ansiedade, que provocavam todas essas somatizações, tinham a ver com essa vontade de estudar para conseguir. E descreveu que estava pensando sempre no antes, no depois, no agora, o que a prejudicava no momento das provas, e seu corpo não aguentava passar o tempo todo assim.

Depois, a pesquisadora quis saber como ela tinha vivido esse fato de ser a única pessoa negra em todos os lugares, quando era criança. Ela respondeu que foi muito cruel, e que, no Fundamental, sofreu muito racismo com relação com seu cabelo, por exemplo. Quis alisar o cabelo muito cedo. Ela contou que sua mãe, que era branca com cabelo liso, não sabia lidar com isso e aprendeu com ela. Isso fez com que ela fosse mais capaz, depois, de ajudar suas irmãs mais jovens. Mas no momento do Fundamental, ela não sabia como ajudar. Era muito amorosa, fazia seu possível, mas sem conseguir dar a sua filha um real suporte. Seu pai, nesse momento, estava muito ausente, trabalhando o tempo todo. Mas

ela contou que uma vez, no nono ano, as amigas dela estavam zombando de seu cabelo, que estava soltando, e isso a machucou muito. Chorou muito, tremia, não tinha condição de ficar na aula assim, e o diretor chamou o pai dela, que foi fazer um boletim na polícia. Dessa vez, ela se queixou que o diretor da escola, que era negro, “... foi muito omissos em relação às coisas. Ele nem puniu de jeito nenhum, nem conversou. Ele não fez nada”.

Finalmente, depois desse acontecimento, ela não foi mais zombada pelas colegas da história. Contou que entendeu, nesse momento, que não devia deixar passar esse tipo de coisas, para que não se repetissem. Como ela destacava a reação dela, nesse momento, de crise de ansiedade, a pesquisadora sugeriu que, talvez, fosse uma reação normal de uma menina insultada por amigas na escola, e que isso não era patológico, como ela parecia pensar. Estruturando a transcrição, a pesquisadora até percebeu que, finalmente, essa reação foi eficaz, no sentido de que permitiu que as amigas não recomeçassem. Segundo a pesquisadora, essas crises de ansiedade, TDAH, problemas de concentração teriam tudo a ver com as circunstâncias do começo da vida dela, quando era a única negra cercada de brancos, na família ou na escola, e quando nenhum adulto a estava apoiando, explicando para ela o porquê do racismo. Isso, para uma criança, era fonte de ansiedade, com certeza. A pesquisadora insistiu sobre o fato de que eram circunstâncias muito difíceis para ela, nesse contexto, mas que a ideia não era culpar nem seu pai, que estava ausente para trabalhar e pagar a escola particular, pois, segundo ele, era o único meio de sair da pobreza, nem sua mãe que, não tendo experimentado o racismo, não era capaz ajudá-la, nessa época.

Ela concordou com essa análise e contou que, num momento, teve raiva da mãe, em particular, que estava vendo seu sofrimento sem fazer nada. Com o tempo, ela conseguiu entender que os pais estavam fazendo o que eles conseguiam fazer, mas admite que demorou para entender isso.

Contou ainda que, quando começou a se ver como uma pessoa negra, percebeu que teria de ser mais dura com as pessoas ao seu redor. Então, começou a se fechar e a aprofundar seu conhecimento sobre o racismo. Com o tempo, começou a perceber que, como filha mais velha, ela foi um teste para sua mãe, que batia nela porque, quando criança e até hoje, **F** tinha a convicção de estar sempre certa e o resto estava errado. E sua mãe era bem diferente hoje com suas irmãs mais novas.

O pai nunca bateu nela, porque a mãe não deixava. Mas ela batia em **F**, porque ela mesma apanhou desse jeito, quando era criança. Eram tapinhas leves, e não foi traumático, segundo ela. Mas as irmãs mais novas nunca apanharam e se beneficiaram de uma educação muito baseada na conversa, pois a mãe se mostrava muito paciente com elas. **F** está observando isso, percebendo que ela foi realmente a criança-teste e, no final

das contas, declarou que estava feliz porque suas irmãs não iam precisar passar pelo que ela passou.

Depois, F contou que, além de ser a primeira a nascer e de se tornar, assim, uma criança-teste para os pais, as circunstâncias do nascimento dela foram difíceis para eles. A gravidez de sua mãe não foi planejada, e o casal não tinha lugar para morar. Foram obrigados a morar na casa da avó materna, que julgava muito a filha por ter engravidado assim... Tudo isso tornava a situação ainda mais difícil para F quando era neném e criança, sem que isso fosse uma escolha dos pais, nem dela. A essa altura da entrevista, estava percebendo isso claramente. Achava que era por isso também que seus pais tinham sempre insistido para que ela estudasse antes de tudo, antes de namorar, de se casar ou de ter filhos, por exemplo. F sempre concordou com isso.

Nessa fase da discussão, a pesquisadora se permitiu explicar as crises de ansiedade e de TDAH em relação a essa situação que ela viveu, de nascer num momento em que as circunstâncias eram desfavoráveis, sozinha como negra, sem real apoio dos adultos, não preparados também para essa situação. Segundo ela, isso podia estar na origem dos problemas de ansiedade e de atenção que F tinha, sugerindo que entender e admitir isso poderia ser terapêutico para ela. O que ela gostou de ouvir, falando que dava para pensar assim.

Depois dessa conversa, a pesquisadora perguntou se ela tinha algo a acrescentar, algo positivo em relação à ajuda que recebeu. Ela respondeu que o que a ajudou mais foi sua mãe. Nessa ocasião, ela contou que, quando começou na universidade, foi muito difícil, pois tinha muitas crises de ansiedade “em relação a não ser boa o suficiente”, a tal ponto que entrou num estado depressivo forte, o que a levou a pensamentos suicidas. Nessas circunstâncias, contou, que, no começo, sua mãe não entendia, todo mundo se afastou. Mas num momento, sua mãe acabou por entender a gravidade da situação e a aprender um jeito de ajudar, aceitando que ela fosse medicada, falando para ela que ia melhorar, não lhe cobrando por não ser excelente. Ela sempre “estava ali”, o que, segundo F foi essencial... Quando o pai ficava ausente, ele estava fazendo estudos sobre saúde mental e trabalhando num hospital psiquiátrico à noite.

Acrescentou que ela sempre tinha a possibilidade de voltar na casa da família, se precisasse. Era importante, porque, embora morasse em Brasília e conhecesse algumas pessoas, ela jamais se sentiu em casa nessa cidade. Às vezes, seus pais lhe perguntavam: “Você não quer sair do curso?”. No começo, ela achava que era porque eles duvidavam dela, mas, depois, percebeu que, na verdade, eles estavam preocupados com sua saúde. Atualmente, sabe que era um incentivo e sente que pode acertar ou errar que sua mãe, em particular, sempre estará lá para ela, e isso lhe dá muito segurança.

Depois, a pesquisadora pediu para ela contar um pouco sobre suas amizades no bairro, na escola, no colégio, na universidade... E ela contou que o lugar onde fez mais amizade foi só nesse colégio onde havia brancos ricos. Ela achava isso irônico, mas devia admitir que era a verdade. Quando a pesquisadora a pediu para explicar o porquê dessa situação, ela respondeu que era algo aleatório: chegou no momento certo, no lugar certo. Nesse ano, aconteceu o suicídio de uma colega da turma e a morte de um professor. Talvez essa situação muito dura tivesse gerado cooperação no seio da classe. Mas, segundo ela, foi uma das meninas da turma que gostou dela, integrou-a em seu grupinho e se tornou sua melhor amiga até hoje. Falando disso, ela sublinha que a presença desse grupinho a seu lado era também algo essencial para superar todas as dificuldades.

Na UnB não era assim. Ela chegou em meio à pandemia, e isso não a ajudou a fazer amizade, o que geralmente ocorre no primeiro dia presencial, segundo ela... Não gostava de conversar no *WhatsApp*, não era muito extrovertida, e grupinhos desse tipo já existiam, feitos no Ensino Médio... Ela se integrou na empresa júnior, o que ajudou um pouco, mas lá havia um ambiente muito competitivo, e ela estava “tentando sobreviver só” naquele ambiente. Hoje, ela tem colegas, mas não os considera como amigos. Mas admite que foi sempre assim, que seus pais são assim, um pouco introvertidos, não tendo muitos amigos frequentando a casa... Ela se esforçava e tentava ter mais amigos, mas não conseguia, se esquecia de contactar com eles... Não se importava de ir a qualquer lugar sozinha. Contou que sua psicóloga a incentivava a fazer mais amizades, a fim de não ficar dependente de sua melhor amiga, em caso de algo acontecer com ela, senão ficaria sem amiga...

Em termos de amor, contou que sofreu muito quando terminou com seu namorado anterior, porque era muito dependente dele. Então, aprendeu, com sua terapia, a não ficar dependente demais de namorado, a não fazer de uma pessoa sua vida, e ter sua vida também. Ela contou que o encontrou no meio da pandemia. Eles se tornaram melhores amigos, mas, quando essa relação terminou, porque não dava certo, ela perdeu tudo: seu namorado e seu melhor amigo, e ficou com sua mãe como melhor amiga, o que é bom, mas...

Ela percebia que tinha esse jeito de se apegar a uma pessoa só e se esquecer de fazer amizade com outras pessoas. Estava se esforçando para fazer amizade com outras pessoas além de seu atual namorado, por exemplo.

Na faculdade, ela lembrou, só havia homens brancos, que não entendiam o jeito de ela chorar frente aos problemas. Então, convivendo com homens brancos, ela aprendeu a endurecer-se e constatava que não tinha apego a seus colegas homens: era uma convivência amigável, sem nada mais. Ela achava que, para os amigos da faculdade, bem como para os homens em geral, tudo era momentâneo, pois eles não se preocupavam com

ela, realmente. Com as mulheres era diferente. Ela concluiu dizendo que fez amizade com colegas da faculdade “pela necessidade, para não ficar tão sozinha”

Depois, a pesquisadora perguntou se o projeto *Meninas Velozes* foi uma fonte de amizades para ela. F contou que achava que iria fazer muito amizade, mas, como chegou depois, não se sentiu muito acolhida: sentia um ambiente bastante competitivo como é sempre o caso na Engenharia. Por isso também, para não entrar realmente nessa competição, ela acabou por não se aproximar muito das professoras, não chamar a atenção delas. Nesse ambiente individualista, ela, que já era introvertida, não conseguiu fazer amizades. Tinha consciência de que deveria melhorar esse lado de sua personalidade também. Mas ficava claro que, nesse grupo, segundo ela, faltava cooperação. Existia isso entre as meninas que chegaram antes do ano passado, mas não com as novatas, segundo ela. Esse grupo de meninas antigas era muito ativo, mas não se integrava com as outras, e isso era um pouco desmotivador para as novatas. Com o tempo a lacuna entre os dois grupos foi aumentando: as antigas ficaram muito envolvidas, enquanto as novatas ficavam mais retraídas, em seu canto. Segundo ela, isso ficou bem claro no momento da atribuição das bolsas. As antigas as receberam, o que era totalmente merecido em relação ao compromisso delas no projeto. Mas elas e as professoras estão tão acostumadas que, mesmo sem querer, deixavam pouco espaço para as novatas. Havia esse grupo de *WhatsApp*, mas, se a pessoa errasse uma vez, depois era mal-vista... Ela não sabia dizer se o problema vinha dela ou dos colegas ou das professoras. Com certeza, vinha um pouco de cada uma. Por isso, gostou muito da dinâmica da seleção coletiva das bolsistas, que foi feita porque elas se uniram para fazer algo coletivo, e dava para conhecer melhor as meninas, as professoras... Antes, era algo em que faltava muito, segundo ela.

Comentários

F se apresenta como uma menina com saúde mental debilitada devido a sua história difícil como única negra tanto no ambiente familiar quanto escolar, sem que os adultos a apoiassem, explicando o racismo estrutural, por exemplo. Isso gerava muita ansiedade, o que ela estava tratando com remédios e parecia estar dando certo, nesse ano. Além disso, nascida numa família “sem amigos”, ela tem dificuldades em fazer amizade, tem tendência a se apegar a uma pessoa só. Tudo isso dificulta ainda mais sua integração no mundo competitivo da Engenharia na UnB.

SÍNTESE DA ENTREVISTA COM G

A primeira fala de **G**, em resposta à pergunta inicial da entrevista, foi relacionada a sua situação financeira, pois precisava trabalhar e estudar ao mesmo tempo, coisa que a sobrecarregava, mas foi o caminho que encontrou para se manter em Brasília. Ela ressaltou que a universidade tem apoiado bastante, com bolsas de várias modalidades, inclusive de pesquisa e extensão, o que ajuda na permanência dos estudantes que precisam se sustentar. Acrescentou também que foi difícil lidar com suas emoções e sentimentos de desidentificação com o ambiente universitário nas exatas, pelo fato de se sentir inferior aos outros estudantes, além dos desafios das disciplinas. Era uma constante luta interior para não desistir e refutar a voz da autossabotagem, que soprava em seu ouvido que “estava querendo demais” e que deveria ter escolhido um curso mais fácil.

Segundo ela, somente após alguns semestres é que poderá se adaptar ao meio universitário, conseguindo entender que, com dedicação, paciência e amor-próprio, poderá, sim, entender as disciplinas e ter um bom desempenho acadêmico, sem sofrer tanto. Os projetos de extensão desempenharam um papel fundamental, pois permitiram um desenvolvimento profissional, socialização com outros estudantes e bolsas que a ajudaram a se manter melhor na universidade.

Voltando ao “choque” que é de entrar num meio onde você “não se vê” nos outros, ela sublinhou que, quando ingressou em seu curso, de 55 alunos apenas 3 pessoas eram negras. Além disso, a faixa socioeconômica dos outros estudantes era totalmente diferente da sua. Atualmente, ela pensa que é importante conhecer pessoas de outras realidades e ter visibilidade de outras trajetórias de vida. Além disso, pode-se entender que pessoas oriundas de uma família funcional e com estabilidade financeira não passavam por tantas dificuldades como ela (sobrecarga por trabalhar e estudar ao mesmo tempo, cansaço do transporte público, crenças limitantes). Logo, se comparar com os demais não fazia sentido algum. Concluindo a fala, disse que, para ter um bom desempenho nas matérias, deve-se estar bem psicologicamente, a fim de lidar com as dificuldades.

Depois, a pesquisadora pediu para confirmar o que havia entendido, sobre a ausência de informações sobre as bolsas e projeto de extensão, além do pouco apoio em caso de dificuldade nas matérias. Ela confirmou o entendimento, ressaltando que ingressou na universidade um semestre antes da pandemia, o que explicava a situação, visto que, normalmente, essas informações são transmitidas durante encontros presenciais informais pelos estudantes. Atualmente, ela sublinhou que existe um sistema de monitoria no curso, com o objetivo de apoiar alunos que estão iniciando e precisam de auxílio nas matérias. Esse sistema existia antes, mas de uma forma menos acessível e

pouco divulgada. Atualmente, há editais publicados semestralmente, o monitor vai nas salas se apresentar e tudo é mais divulgado.

Ela insistiu sobre a necessidade desse apoio, sobretudo para quem está chegando de um outro estado. Na UnB, há muitas siglas para se entender, por exemplo. No primeiro semestre, ela contou que estava muito perdida para achar a sala, os prédios, por causa das siglas... Contou que perdeu aula por não ter encontrado a sala certa. Esse tipo de acontecimento acrescentava muito o sentimento de estar deslocada, segundo ela.

Outro fator que dificultava acessar as informações era o fato de não usar muito as redes sociais. Assim, criou uma conta no *Instagram* alguns meses depois da pandemia, pois boa parte da comunicação era feita nas redes sociais.

As pessoas que conheceu num cursinho que fez em Brasília, de preparação para passar no vestibular, foram as que compartilharam informações importantes sobre a existência de bolsas de permanência para pessoas em vulnerabilidade econômica, ofertadas pela universidade.

Depois, ela contou que trabalhava desde os 14 anos. Aos 18 anos, começou a juntar dinheiro para vir morar em Brasília, a fim de fazer o cursinho. E depois, quando passou no vestibular, trabalhava com uma ex-sogra como auxiliar de cozinha, para vender marmitas. Isso a ajudou a se manter no primeiro semestre, enquanto preparava os documentos solicitados pelo edital. Tudo isso demora, mas ela participou e conseguiu uma bolsa de assistência estudantil, que ajudava no aluguel. Tinha a alimentação no Restaurante Universitário gratuitamente, pois era estudante de escola pública do Ensino Básico. Atualmente, ela tem a bolsa socioeconômica, auxílio moradia, além de estagiar e participar do projeto.

Depois, a pesquisadora procurou saber como era a questão do transporte público, e **G** falou que pegava dois ônibus, porque a região onde mora é longe da UnB, e isso é muito cansativo, mas é muito caro pagar um aluguel na Asa Norte onde se encontra o *campus* Darcy Ribeiro.

Em seguida, a pesquisadora quis saber mais sobre as relações de **G** com os outros alunos de sua turma, lá na universidade, já que ela ainda não tinha tocado no assunto. Sobre esse assunto, ela falou que não tinha entrosamento no primeiro semestre e que isso piorou com a chegada da pandemia. Por conta disso, ela ficava muito sozinha, mas não tinha como forçar o contato.

Admitiu que foram difíceis esses primeiros momentos, mas foi se adaptando. No momento da pandemia, tinha dificuldade para acompanhar o ritmo e resolveu diminuir as matérias. Ela “aprendeu a estudar”, não queria desistir e, uma vez passadas as primeiras etapas, entrou nos projetos e fez amizade. Ela percebeu, a essa altura da

entrevista, que era amizade mais fora do seu curso do que dentro dele. Ela apenas aproveitava a dinâmica do trabalho coletivo, em caso de trabalho em grupo, dentro das matérias. E isso acontecia até agora.

Em relação à questão do gênero, ela não tinha nada a dizer, porque, em seu curso, havia muitas mulheres, mais que a metade. Entretanto, em relação aos docentes, a maioria era masculina. Ela contou que um professor, em particular, utilizava exemplos de estereótipos de gênero para ilustrar sua aula.

Quando a pesquisadora lhe perguntou como foi acolhida pelos professores como menina negra da periferia, ela respondeu que geralmente os professores não tinham muito contato com os alunos, exceto dentro dos projetos. Eles vinham dar a aula e saíam sem conversar com os alunos. Uma vez só, no primeiro semestre, um professor substituto negro a incentivou, e, graças a isso, passou de primeira em Cálculo, quando, no começo, ela não entendia nada. Mas afirmou que nunca se sentiu discriminada pelos professores: eles tratavam todos os alunos do mesmo jeito, segundo ela.

Quando a pesquisadora perguntou o que lhe dava força de não desistir frente a todas essas dificuldades, ela respondeu que seu sonho de entrar na faculdade federal vinha de longe. Por isso, era a única da família a fazer faculdade. Tinha deixado tudo para isso, não dava para desistir. Além disso, via o estudo como a única forma de prosperar financeiramente, visto que veio de uma origem muito humilde.

Quando a pesquisadora lhe perguntou se, no cursinho, elas foram avisadas das dificuldades que iam encontrar, inclusive psicologicamente, ela falou que os professores eram alunos voluntários da UnB. Eles falavam que era importante fazer amizade, porque era um caminho longo. Mas, em relação ao que é psicológico, segundo ela, não tinha como se preparar: era chegando na universidade que eles podiam se dar conta da realidade do estudo na UnB.

Depois, a pesquisadora quis conhecer a reação de sua família em relação a sua escolha de entrar no curso de Engenharia na UnB. Ela falou que, no momento dessa escolha, morava com sua irmã e seu sobrinho, desde os 13 anos. Não conheceu seu pai, sua mãe não era alfabetizada e tinha um pouco de receio, mas sabia que, se a filha quisesse ser bem-sucedida na vida, ganhar dinheiro, deveria estudar e sair da pequena cidade onde morava. G tinha sete irmãos, foi a sexta a nascer, e, depois dela, havia mais duas gêmeas. Os três mais velhos foram embora da casa da mãe bem cedo, e ela ficou com os outros quatro, inclusive a quarta filha, sua irmã mais velha, com quem foi morar aos 13 anos de idade. Essa última trabalhava na limpeza de um hospital.

Quando sua mãe se apaixonou por mais um homem de que nem ela nem a irmã mais velha gostavam, porque era preguiçoso, e a mãe deixava todo o trabalho doméstico nas costas da filha mais velha, as duas tomaram a decisão de morar sozinhas.

A mãe não entendeu, reclamou, falou que ia na justiça para que G ficasse com ela, mas acabou por não ir e, posteriormente, se acostumou com a ideia de que G ia morar com a irmã e o sobrinho. Essa irmã entendeu que G queria ir estudar em Brasília, mudar sua vida, ganhar dinheiro, não ficar a vida toda na sorveteria onde trabalhava desde os 14 anos para comprar suas coisas e ajudar nas despesas da casa. No começo, G tentou fazer um curso técnico, fazer outra coisa, mas não deu certo. Isso mostra, segundo ela, que seu destino era ir estudar na UnB mesmo.

Quando a pesquisadora quis saber como era sua experiência na escola, ela contou que fez toda a formação escolar em escola pública. Foi tranquilo para ela, pois tinha muita facilidade de aprendizado. Aprendeu a ler com seis anos na creche, com os livrinhos que estavam disponíveis lá, quando normalmente a aprendizagem da leitura começava no momento da entrada no Fundamental, com sete anos.

Quando a pesquisadora perguntou o que gerou esse seu gosto pelo estudo, essa vontade de aprender a ler, ela respondeu que não aprendeu isso em casa, mas contou que sempre teve essa vontade de ganhar dinheiro, de ter uma boa qualidade de vida. Tinha uma biblioteca perto de sua casa, e ela sempre ia lá. Tinha facilidade para aprender também, coragem, disponibilidade para sair de sua zona de conforto. Contou que, durante a primeira infância na família, a comida era curta, e podia ir à escola sem tomar café da manhã, e as roupas eram doadas... Não era fácil, mas ela sempre tinha a curiosidade de conhecer outras coisas. Uma vez, já no Ensino Médio, viu, na TV, que a UnB estava organizando o vestibular, e que ofertava auxílios para os alunos estudarem, e pensou : “É para lá que eu vou!”.

Depois, contou que a biblioteca era do Serviço Social da Indústria (SESI), financiada pela empresa mineradora estabelecida no município. Nessa empresa, também participou de um programa Jovem Aprendiz. Com o desejo de ter dinheiro, participou da seleção e obteve o segundo lugar, fez o curso de assistente administrativa, recebendo remuneração para isso.

Depois, falou que não tinha muitos amigos na escola, pois não era alguém que socializasse muito. Das amigas da infância, apenas uma sua amiga chegou a fazer faculdade.

Quando a pesquisadora lhe perguntou se ela e essa amiga se incentivaram uma à outra para estudar, ela respondeu que não: era no Ensino Fundamental e, nessa época, os alunos não se preocupavam com o futuro. Segundo ela, era no Ensino Médio que começava

a reflexão sobre os estudos, a universidade. Logo, percebemos que não havia nenhuma preparação no Ensino Fundamental sobre essa questão da orientação, do destino profissional... Assim, foi concluído que realmente esse desejo de estudar veio dela mesma, ninguém a incentivou. No grupo dos irmãos mais velhos, ninguém finalizou o Ensino Médio. Depois dela, as duas gêmeas também finalizaram.

Em relação a sua condição econômica, não sofreu mal tratamento na escola. No Fundamental, todo mundo era do mesmo meio social, e, no Ensino Médio, embora houvesse diferença, os alunos estavam juntos, sem esse tipo de distinção. Ela experimentou só um episódio de racismo, que não demorou, com dois meninos que a atrapalham. O primeiro ela o enfrentou e ele parou; e o segundo mudou da escola.

Na UnB, contou que jamais sentiu rejeição da parte dos outros alunos. Quando a pesquisadora perguntou para ela o porquê, segundo ela, ela percebeu que evitava qualquer tipo de interação com os outros alunos e que isso era uma forma de proteção. Outro fator importante era a questão financeira: não tinha dinheiro para ir aos eventos que os outros estudantes organizavam, mesmo que fosse apenas um barzinho.

Atualmente, ela comentou que as coisas melhoraram muito: ela socializa mais, entendeu como a UnB funciona, até ajuda os outros. Entrou em projeto, estagiou, conseguiu plano de saúde, fez terapia para trabalhar seus bloqueios. Por exemplo, ela se lembrou que tinha muito receio de aparecer em público, o que ela conseguiu superar enfrentando essas situações.

Outra coisa que ela trabalhou durante a terapia foi a questão de se ver pequena demais na UnB em relação às outras pessoas, pensar que elas tiveram tudo melhor do que ela, de se sentir diminuída. Conseguiu desconstruir essa percepção e ver que não é essa a realidade, como quando ela passou em Cálculo quando pessoas que já tinham visto o conteúdo no Ensino Médio não passaram.

Fazia terapia há um ano e pouco, mas sublinhou que se autoquestionava, desde sempre, para entender como as coisas funcionavam. Na falta do apoio externo, escrevia em caderninhos, construindo um diário pessoal. A ideia de fazer isso surgiu dela mesma: foi uma intuição. Depois, integrando a Umbanda, ela entendeu que essas intuições eram uma forma de percepção externa que a orientava. Não queria voltar para sua cidade, então, tinha de achar um jeito de ir em frente, de qualquer forma. E, assim, terminava por solucionar as adversidades.

Na Umbanda, ela contou que fez amizade, aumentou suas intuições, recebeu orientações e conseguiu entender melhor como as coisas funcionam. Abriu sua cabeça sobre o mundo, que é “muito mais abrangente do que a gente pensa”.

Comentários

G saiu de uma família muito humilde e não se beneficiou de nenhum apoio real dos adultos. Mas, logo gostou dos estudos, enxergou sozinha que tinha possibilidade de sair de sua condição por meio dos estudos e fez todo o possível para alcançar seu sonho.

É a única que fala que a religião, em si, a ajuda a se virar na vida.

SÍNTESE ENTREVISTA COM H

Em resposta à pergunta inicial, **H** contou que sempre gostou da área de exatas. Desde pequena, tinha muita afinidade e facilidade para realizar rapidamente atividades de Matemática, por exemplo, muito mais do que atividades de outras áreas, como História ou Português. Embora isso fosse muito distante de sua realidade de vida: morar na periferia, estudar em escola pública e não ter quase ninguém ao seu redor para motivá-la a seguir os estudos.

Mesmo quando um professor percebeu sua afinidade em relação às exatas e procurava incentivá-la, não imaginava que seria possível chegar ao nível superior de ensino. Pensando sobre esse assunto, achava que partiu dela mesma essa vontade de ir atrás, para entender o que seria a área da Engenharia. **H** relata que foi no cursinho que fez para se preparar para o PAS que confirmou sua escolha de curso.

Segundo ela, as ciências exatas e o gênero feminino eram uma questão bem “discrepante”, porque a maioria das meninas, nas escolas por onde passou, queriam trabalhar na administração, na saúde, mas não na área das exatas ou da Engenharia, embora em seu curso de Engenharia da UnB, atualmente, haja muitas meninas.

Como ela não foi incentivada por outras meninas de suas turmas na escola, ressaltou que foi incentivada por sua irmã mais velha um ano e meio, que fez um outro curso de Engenharia. Depois de ter falado isso, ela percebeu que se espelhou na irmã, optando por ir também para a área das exatas.

Quando a pesquisadora procurou entender como poderia explicar que duas meninas pudessem gostar tanto assim das exatas, ao contrário do que era convencional, ela começou dizendo que não sabia. Contou que ela e sua irmã sempre tinham tido essa afinidade desde cedo. Pensando mais sobre o assunto, percebeu que “Não precisava ter uma presença ali”. Os pais trabalhavam muito, eram muito ausentes e, assim, elas tinham conseguido desenvolver essa habilidade por si mesmas. Hoje em dia, a irmã do meio odeia Matemática, a caçula até gostava, mas ainda não sabia se queria seguir nessa área.

Para explicar melhor, contou que ela e sua irmã foram sempre muito responsáveis. Quando tinham mais ou menos 13 anos, ficavam sozinhas cuidando uma da outra e da

casa, e, assim, desenvolveram essa “independência e responsabilidade de estudar por si próprias”.

Falando assim, ela percebeu que não foi introduzida no hábito da leitura, por exemplo, o que explicaria o pouco gosto que ela teria por Português ou História, enquanto era mais fácil saber se o problema de Matemática era resolvido de certa forma ou não.

Depois, a pesquisadora pediu para ela falar mais da professora que a incentivou em um certo momento. Ela contou que foi no Fundamental 2, no oitavo ano. Essa professora tinha uma habilidade interessante de mostrar a Matemática de forma prática e isso, segundo H, despertou seu interesse por essa matéria. Ela acrescentou que um outro professor, do último ano do Fundamental e dos dois primeiros anos do Ensino Médio, a incentivou muito, ensinando-lhe alguns “macetes” para aplicar no vestibular, por exemplo.

Quando a pesquisadora procurou entender por que as outras meninas de sua turma não gostavam das exatas, H falou que umas das possibilidades seria o déficit que haveria nessa matéria desde a infância, e que, de forma geral, isso futuramente atrapalharia na resolução de problemas mais complexos. Esse seria o grande problema da escola pública, segundo ela: muitos alunos não adquiriam a base necessária de conhecimento.

Nesse momento, admitiu que tinha a sorte de ter sua irmã mais velha para ajudá-la em casa. Ela lembrou que sua irmã mais velha, cada vez aprendia algo, passava para ela. Assim, a irmã lhe ensinou a escrever seu nome antes mesmo de ela entrar na escola, por exemplo, e, assim, elas sempre seguiam “juntas nessa”.

Contou que quando chegou na universidade, achava que sabia de tudo, mas não era o caso. Havia um “baque” muito grande entre o nível dela e o dos outros alunos oriundos das escolas particulares do Plano Piloto. Foi muito difícil encarar essa realidade, mas a irmã a ajudou, e ela se dedicou noite e dia para conseguir desenvolver seu nível, acompanhar as matérias... O cálculo em particular.

Quando a pesquisadora procurou saber se os professores e os outros alunos a ajudaram ou não, ela contou que entrou na pandemia em 2020. As aulas eram remotas, não tinha como fazer amizade. Eles tinham um grupo onde faziam e compartilhavam as matérias juntos, mas ela não sabia. Ela não tinha ninguém de sua escola que tivesse entrado na Engenharia que escolheu. Foi depois, no segundo semestre, entrando com todo mundo, que ela foi conhecendo mais o pessoal e começou a compartilhar ajuda com os outros alunos.

Incitada pela pesquisadora, ela contou que, para sua irmã, foi bem pior. Na realidade, começar remotamente tinha a vantagem de permitir consultar os livros

durante as provas, por exemplo. Sua irmã contou que, no começo da graduação, uma professora avisou, na frente da turma inteira, que, dentre todos os alunos, só quatro conseguiriam se formar em Engenharia. Esse tipo de discurso gerou muita pressão sobre sua irmã. **H** achava que não era acolhedor, era mais fonte de desmotivação.

Segundo **H**, tudo isso mostrava que sua irmã poderia ter sofrido mais do que ela, mas não tinha desistido e estava acabando sua formação.

Então, sua irmã tinha avisado a **H** que iria ser difícil, que ela ia chorar, desabafar, mas que não poderia desistir. Embora fosse reprovada em alguma matéria, teria de fazer de novo até conseguir. No final das contas, ela foi reprovada duas vezes só com um professor, que era conhecido por reprovar muitos alunos. Ela achava que sua irmã poderia ter sido reprovada em mais de uma matéria. Mas, frente a essas dificuldades em casa, as duas irmãs se apoiavam muito. Toda família sempre foi muito unida, segundo ela, e isso foi determinante. Sua mãe sempre a apoiava também.

Quando a pesquisadora procurou saber se ela foi apoiada em sua escolha, de fazer um curso em Engenharia, se era também o desejo dos pais, ela respondeu, rindo, que não, que o desejo de todos os pais era de ver os filhos se tornarem médicos. Mas ela falou que eles a apoiaram em sua escolha.

Depois, contou que seu pai veio do interior. A mãe dele morreu quando ele tinha cerca de cinco anos, e ele e a irmã mais nova foram morar com a avó, e ambos começaram a trabalhar cedo. O pai de **H** estudou só até a quarta série, porque, naquela época, nesse lugar onde morava, era necessário custear os estudos a partir da quinta série. Mas o avô de **H** não via interesse dos filhos para estudar e nem tinha condições financeiras, na época.

Quanto à sua mãe, teve um apoio maior, estudou até o oitavo ano e parou para trabalhar. Ela, como seu pai, eram autônomos, tinham comércios em bancas de rua e foram crescendo até conseguirem migrar para uma loja na feira.

Trabalhavam dia e noite, tanto que conseguiram comprar uma casa própria muito jovens, quando sua mãe tinha apenas 25 anos. O objetivo da mãe era ter estabilidade e garantir que os filhos não passassem pelo que ela passou. E **H**, criança, entendeu isso muito cedo. Era por isso também que, segundo ela, tinha muita responsabilidade.

Hoje em dia, o casal tem a própria loja deles. Uma loja de moda praia e outra de *fitness*.

Depois, a pesquisadora quis saber se ela era envolvida no trabalho doméstico da casa. **H** lembrou que, antes de seus 13 anos, tinha alguém que estava cuidando dela e de sua irmã. Mas que, quando sua irmã do meio nasceu e **H** tinha 12 anos, essa pessoa não trabalhava mais na casa deles. E foi **H** e sua irmã mais velha que assumiram essa

responsabilidade de arrumar a casa e de cuidar da irmã mais nova. Atualmente, ela acha que isso não era certo, porque elas eram novas demais para exercer essa função. Mas sua mãe não entendia isso, por ter sido criada assim.

A mãe achava que era a maneira certa de se tornar-se responsável, mas H não concordava. Contou que gostava de brincar na rua como as outras crianças e que não podia, muitas vezes, porque tinha de cuidar da irmã mais nova. Contudo, segundo ela, os pais tinham condições financeiras para pagar alguma ajudante.

Depois, a pesquisadora procurou entender como isso não as atrapalhou no trabalho escolar. Ela contou que era cansativo mesmo, pois tinha de levar as irmãs mais novas com ela quando ia fazer atividades da escola, na casa de uma amiga, por exemplo, e tinha de fazer tudo para elas, a comida, dar banho, levar na escola. Tanto que muitos achavam que eram suas filhas e isso a envergonhava.

Com tudo isso, não havia muito tempo para se divertir. Era só quando sua mãe chegava, no final da tarde, que ela podia brincar um pouco.

Quando a pesquisadora quis saber como é que elas não perderam o incentivo para estudar, nesse contexto, ela falou que sempre tinha muito senso de responsabilidade. O fato de ter de cuidar das pequenas gerou isso, talvez. As irmãs mais novas não tinham tanto sentido de responsabilidade quanto as duas mais velhas, relatou H. A razão pela qual sua mãe nunca tinha cobrado das filhas mais velhas era de que não havia necessidade. Mas, caso elas tivessem tirado notas baixas, sua mãe teria cobrado delas, relata H.

O que leva H a perceber que tinha tanto senso de responsabilidade era também porque seus pais sempre a tinham incentivado a estudar, para ter uma condição financeira melhor e para auxiliar os pais, quando estivessem mais velhos. Assim, ela queria satisfazer seus pais tanto como a si mesma, conseguindo sucesso nos estudos.

Ouvindo isso, a pesquisadora quis saber se seu pai não se chateava de sempre ver sua mãe tomar as decisões. Ela respondeu que sim, que ela o defendeu, dizendo: “Pai, pode falar” e “Deixe ele falar”. Mas, em geral, segundo ela, sempre havia conversas sobre o assunto e não se chegava longe.

Depois, admitiu que essas mulheres batalhadoras da família tinham sido uma fonte de inspiração para ela. Aprendeu, por exemplo, que jamais deveria depender de um homem. Sua mãe lhe dizia: “É bom você estudar, trabalhar, ter seu emprego, ter sua casa, seu carro, porque, se, algum dia, algum homem for falar alguma coisa para você, você tem com que se defender, porque você não vai depender dele.” E, atualmente, a mãe e as irmãs mais velhas incentivaram as mais jovens nesse sentido.

Quando a pesquisadora lhe perguntou se tinha algo para acrescentar, contou que era difícil, para uma pessoa como ela, que estava chegando de escola pública, da periferia, se igualar ao nível de ensino das pessoas do Plano Piloto, de classe média alta. Pois eles viveram uma realidade totalmente diferente e, por mais que você seja inteligente, sempre iria existir outra pessoa que domina mais certo assunto do que você, e isso levaria você a se sentir inferior. E essa comparação seria constante, até o fim do curso, segundo ela.

Frente a esse fato, resolveu dar seu melhor e tirar satisfação disso. No começo, ela se cobrava muito, por não ser a melhor, mas agora, entendeu que sempre teria alguém melhor que ela, devido ao fato de os outros alunos terem tido mais privilégios em termo de educação, de tempo livre para estudar... Então hoje, o que importa é saber que ela se esforça ao máximo na faculdade e parou de se comparar tanto com os outros.

Depois **H** contou que, além dos estudos, trabalhava oito horas por dia. Começou como estagiária em sua atual empresa, trabalhando durante um ano seis horas por dia. No final do estágio, ela foi convidada para ocupar o cargo de assistente no setor da gestão de projetos, que era bem compatível com seu curso. Achando que era uma oportunidade, aceitou a proposta. Mas ressaltou que era muito cansativo conciliar estudo e trabalho, pois acordava às 5 horas e 30 minutos, e voltava para casa à meia noite. Isso de segunda a sexta. Essa amplitude horária se explicava pelo fato de o deslocamento ser por meio de ônibus, o que demorava mais do que o transporte de carro, por exemplo, como a maioria dos alunos se locomovia.

E, nos fins de semana, tinha de preparar as coisas da semana, lavar roupa, arrumar a casa, fazer comida, e estudar, se precisasse. Havia pouco tempo para descansar. Se ela tivesse prova, teria que recusar ir à igreja, que seria sua responsabilidade religiosa, ou desistir de descansar... Nesse caso, sua mãe a auxiliava e se encarregava de arrumar a casa para deixar mais tempo para ela estudar.

Era somente nos finais de semana que **H** deveria contribuir com o trabalho doméstico, devido ao fato de trabalhar durante o dia e estudar no período da noite.

Como sua mãe atualmente estava em casa, suas irmãs mais novas participavam bem menos das tarefas que **H** e sua irmã mais velha tinham, no tempo antigo, sobretudo porque as mais novas não tinham mais irmãs pequenas para cuidar.

Nesse estágio da entrevista, **H** percebeu que esse papel de cuidar da casa e das irmãs a tornava uma pessoa mais forte, mais capaz de enfrentar os problemas, de não desistir. E, assim, ela admitiu que, treinada a fazer um monte de coisas ao mesmo tempo (cuidar da casa, das irmãs, estudar...), ela hoje era capaz de trabalhar e estudar, com esses horários amplos demais. Já sua irmã mais jovem, mais privilegiada, poderia ficar no celular ou assistindo série, o que segundo ela, seria perda de tempo, pois ela poderia fazer

um curso para preparar seu futuro... Mas **H** estava incentivando as irmãs mais novas de alguma forma, avisando da lacuna que tinha entre o nível da escola pública e o das escolas particulares dos alunos da UnB. Assim, conseguiu convencer a irmã do meio a fazer um cursinho e estudar mais para se preparar para o ENEM e o PAS.

Depois, a pesquisadora quis saber se ela trabalhava por necessidade ou não. Ela respondeu que sua mãe a sustentava e que sempre tinha dito que elas não precisavam trabalhar. Mas, como ela começou como estagiária e recebeu essa proposta de assistente, gostou da independência financeira que esse trabalho lhe dava, e, então, continuava. Achava que essa experiência seria determinante para obter um bom emprego, uma vez formada.

Ela contou que estava estudando e trabalhando oito horas desde o ano passado. A pesquisadora quis saber se não tinha vontade de desistir às vezes, e ela respondeu que estava procurando, naquele momento, um estágio ou trabalho menos cansativos, mais próximo da UnB, por exemplo, mas que não teria achado ainda. Além do mais, ela tinha a oportunidade de aproveitar as atividades de seu emprego atual como estágio obrigatório.

Comentários

A grande especificidade dessa menina é que ela trabalha oito horas concomitante aos estudos, o que é muito cansativo. Segundo ela, se consegue fazê-lo, seria por conta de ser treinada desde à infância a estudar e a fazer o trabalho doméstico ao mesmo tempo.

ANÁLISE TRANSVERSAL DAS OITO ENTREVISTAS: AS CIRCUNSTÂNCIAS DESFAVORÁVEIS E FAVORÁVEIS AO NASCIMENTO DO DESEJO DE FAZER ENGENHARIA

Através dessa metodologia de entrevista, Valérie Ganem (2021) queria entender melhor a existência de uma hierarquia dentro da família, que é o reflexo das hierarquias existentes dentro da sociedade (classe, raça, gênero). Segundo ela, os adultos, através do tratamento que dispensam a cada criança, vão lhes atribuir um lugar na hierarquia tanto familiar quanto social. Assim, eles inicialmente preparam, no seio familiar, a criança para o que a espera na sociedade. O problema é que, assim, a criança poderia se convencer de ser dominada, sem esperança de poder mudar esse lugar que lhe foi atribuído. No caso dessas meninas, é interessante ver, através de seus relatos, quais foram as circunstâncias desfavoráveis e favoráveis ao nascimento desse desejo de fazer Engenharia na UnB, saindo, assim, do lugar que lhe foi atribuído.

NO MUNDO ACADÊMICO

Gostar das exatas

O primeiro passo, a primeira condição para se ter uma possibilidade de entrar na Engenharia na UnB é ser boa em ciências exatas e, sobretudo, de gostar delas. Era o caso de quase todas as meninas entrevistadas, o que não é uma novidade. Uma descoberta significativa foi o relato de que, nas ciências exatas, a lógica permite que as alunas validem o acerto de forma autônoma, enquanto, nas humanas, a ausência de um gabarito direto torna a construção do conhecimento mais incerta e dependente de mediação.

... por já gostar das ciências exatas, ao iniciar o curso técnico, passou a apreciar ainda mais as disciplinas oferecidas, como circuitos elétricos, programação e empreendedorismo [...] Em seguida, a pesquisadora quis entender como surgiu seu interesse pelas ciências exatas desde cedo [...] Ela explicou que [...] o ato de buscar e encontrar o valor de “X” nas equações lhe causava grande satisfação, motivando-a a seguir estudando. Sentia que estava aprendendo algo novo, algo que lhe daria a oportunidade de aplicar esse conhecimento para realizar coisas novas. Além disso, valorizava o fato de poder, por conta própria, verificar a correção dos resultados obtidos, sem precisar da confirmação de terceiros. (Entrevistada E)

Ouvindo a primeira pergunta, **F** falou que sempre gostou das ciências exatas porque, com elas, não tem nada subjetivo, é preto e branco. E isso encaixou muito com sua personalidade. (Entrevistada F)

Aparentemente, quando a aluna não aprende os conceitos básicos das disciplinas de exatas ensinados nas escolas, isso a atrapalha no entendimento posterior, o que vai acumulando déficits, podendo desincentivá-la (as alunas do Ensino Médio sublinharam isso).

Quando a pesquisadora procurou entender por que as outras meninas de sua turma não gostavam, então, das exatas, ela falou que era porque tinham déficit desde a infância e que, de forma geral, isso atrapalhava para resolver problemas mais complexos depois. Isso era o grande problema da escola pública: segundo ela, muitos alunos não tinham a base do conhecimento necessário. (Entrevistada H)

Às vezes a menina é boa, gosta em um primeiro momento, mas acaba por não gostar mais, porque sente que é algo reservado aos homens, competitivo demais...

Em resposta à primeira pergunta, ela relatou que, durante a infância e adolescência, embora tivesse bom desempenho nas disciplinas da área de exatas, não nutria grande apreço por elas. Por volta dos 15 ou 16 anos, participou de um curso técnico de automação industrial, experiência na qual se sentiu, segundo suas próprias palavras, “cabisbaixa” e sem relevância no ambiente. Enfrentou dificuldades significativas para conseguir o estágio obrigatório. Nas empresas, ouviu de diversos empregadores que aceitavam somente meninos, excluindo explicitamente meninas. Quando, finalmente, conseguiu ingressar em um estágio, era a única mulher entre homens mais velhos, muitos dos quais ocupavam cargos operacionais, desejando colocá-la no lugar do trabalho doméstico. Essas experiências cumulativas geraram nela sentimento de insegurança e certo receio em seguir carreira nas áreas de exatas. [...] Durante seu primeiro estágio, ela foi a primeira mulher a atuar na empresa, além das funcionárias responsáveis pela limpeza e pelos uniformes. Nesse contexto, relata que, certa vez, um colega solicitou que ela digitalizasse dados, tratando-a como se fosse uma secretária. Segundo ela, não recebia respeito nem dos operários, nem dos funcionários do escritório. Sentia-se em desvantagem em relação aos outros estagiários homens, cujos conhecimentos eram mais valorizados e, quando não

sabiam algo, eram simplesmente encorajados a aprender. Após essa experiência negativa, ela considerou ingressar no curso de Letras, ao prestar o ENEM. No entanto, um professor a incentivou a permanecer na Engenharia. Assim, optou por uma Engenharia com menor vinculação industrial, acreditando que esse curso seria mais acolhedor, tendo sido aprovada. (Entrevistada E)

Quando a pesquisadora perguntou a F se ela gostava de seu curso, embora com todas essas dificuldades, ela admitiu que queria mudar de curso para ciências humanas, por exemplo, onde o ambiente é menos competitivo que o da Engenharia, onde tanto professores como alunos são competitivos demais. Mas, depois de tantos esforços, ela não quer desistir, porque, em realidade, ela gosta de seu curso, das exatas, onde tudo é preto e branco, pois ela acha que não tem muita sensibilidade para questões subjetivas. Seu sentimento é que ela gosta de seu curso, mas que ele não gosta dela. (Entrevistada F)

A importância da possibilidade de essas meninas entrarem nos institutos federais existentes na periferia

Algumas meninas entrevistadas testemunharam que sua entrada no Instituto Federal (IF) permitiu que elas fugissem da escola pública padrão e pudessem pensar em entrar na UnB. Afinal, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, criados pela Lei nº 11.892/2008, são instituições públicas de ensino que oferecem educação profissional e tecnológica gratuita em nível técnico, médio, graduado e de pós-graduação. Articula ensino, pesquisa aplicada e extensão, em uma rede abrangente de todo território nacional, qualificando jovens e adultos para o desenvolvimento socioeconômico por meio da conexão entre teoria e prática para o mundo contemporâneo e o exercício do trabalho.

Quando a pesquisadora quis saber o que a motivou a ingressar em um curso de Engenharia na Universidade de Brasília, ela respondeu que a mudança decisiva foi ter saído da escola pública convencional para ingressar no Instituto Federal, um Ensino Médio técnico e específico. [...] O curso de preparação para entrada no Instituto Federal ocorria no período da tarde, após as aulas matutinas na sua escola regular. Dessa forma, ela pôde participar e ser aprovada no processo seletivo para ingressar nessa instituição pública, reconhecida por sua maior qualidade, com professores de formação superior e concursados. Segundo ela, essa mudança representou uma transformação significativa em sua trajetória educacional. [...] A entrada no Instituto Federal ampliou significativamente sua visão sobre as oportunidades que a universidade

pública poderia lhe oferecer, mesmo enfrentando dificuldades financeiras e morando na periferia. Foi a partir desse momento que ela afirma ter se apaixonado verdadeiramente pelos estudos e desenvolvido o desejo de sair do lugar onde vivia. Quando a pesquisadora perguntou o que a motivou a ingressar no curso do Instituto Federal, mesmo sabendo que as profissões oferecidas não eram tradicionalmente consideradas “de menina”, ela respondeu que seu interesse estava relacionado à promessa de um bom suporte educacional naquela instituição. Diferentemente do colégio em que estudava, que enfrentava sérias deficiências, como falta de professores, ausência de livros e turmas com cerca de 50 alunos, o Instituto Federal oferecia estrutura mais adequada para seu desenvolvimento acadêmico. Ela acrescentou que outro fator que a incentivou foi o fato de o Instituto Federal ser uma escola de período integral, o que lhe proporcionava a oportunidade de passar mais tempo longe de casa. [...] Ela também relatou que, apesar de o Instituto Federal oferecer cursos técnicos, a maioria das turmas era composta por meninas. Ela supôs que isso poderia estar relacionado ao fato de que muitos meninos desistiam mais frequentemente devido à pressão para exercer cargos de trabalho e contribuir na geração de renda de suas famílias. Acreditava que, para as meninas, o Instituto Federal representava, assim como para ela, uma forma de escapar das expectativas tradicionais impostas a elas no ambiente doméstico, além de oferecer uma oportunidade para sua independência e sustentação. (Entrevistada E)

Para algumas meninas, faltam-lhes informações para enxergar a possibilidade de seguir uma carreira

As meninas nascidas nas famílias mais humildes testemunharam que sequer sabiam que tinham a oportunidade de fazer uma carreira, de sair da condição econômica de sua família. Assim, parece que todas as iniciativas que poderiam lhes informar sobre as profissões e as possibilidades de alcançá-las deveriam ser feitas o mais cedo possível, nas escolas da periferia.

Antes disso [Participar de um PIBIC no Ensino Médio¹], ela relatou não ter consciência de que a faculdade poderia proporcionar uma oportunidade de salário melhor e o desenvolvimento de uma carreira profissional. Também afirmou que, até então, não havia se questionado sobre qual profissão desejaria seguir ao crescer. Segundo ela, isso se devia ao fato de ter vindo de um meio no qual a melhor profissão que se

¹ Adaptado pelas autoras

podia imaginar era trabalhar em um *shopping* ou em uma loja qualquer. (Entrevistada E)

Uma vez, ela estava no Ensino Médio e viu na TV que a UnB estava organizando o vestibular, e que ofertava auxílios para os alunos estudarem. [...] Quando a pesquisadora lhe perguntou se ela e essa amiga se incentivaram mutuamente para estudar, ela respondeu que não, que era no Ensino Fundamental e, nessa época, os alunos não se preocupavam com o futuro. Segundo ela, era no Ensino Médio que começava a reflexão sobre os estudos, a universidade... Assim nós percebemos que não havia nenhuma preparação no Ensino Fundamental sobre essa questão da orientação, do destino profissional... (Entrevistada G)

As possibilidades de visitar a UnB e as visitas de pessoas vinculadas à UnB nas escolas também parecem determinantes, bem como a difusão de informações sobre as ajudas pedagógicas e financeiras oferecidas a estudantes de condição econômica difícil...

A escola trazia também os alunos na UnB para que conhecessem e ela foi, o que contribuiu para manter acesa a ideia do projeto de fazer Engenharia. [...] Diante dessas dificuldades, o que a salvou foi estudar. Assim, conseguiu saber as matérias onde ela podia conseguir ajuda, até onde ela podia ir, o que ela podia fazer. Sabendo de suas dificuldades, ela ia nas monitorias para tentar superá-las. (Entrevistada B)

Ela acrescentou que os apoios oferecidos pela UnB aos estudantes oriundos da periferia e do ensino público não eram amplamente divulgados. Inicialmente, não sabia como solicitá-los, tendo de buscar informações por conta própria, uma vez que muitos colegas não precisavam desses auxílios e, portanto, desconheciam sua existência. Ao compreender seus direitos e os procedimentos para obtê-los, passou a divulgar essas informações para seus amigos. Destacou que enfrentar a burocracia era uma tarefa difícil, especialmente na obtenção de documentos junto a sua mãe e ao padrasto, exigidos para a comprovação. (Entrevistada E)

A ausência de divulgação das políticas de assistência estudantil e dos programas de monitoria acontece tanto no Ensino Médio, externo à UnB, quanto na própria graduação, no interior da universidade, onde as alunas levam tempo para ter ciência e delas se beneficiarem. O novo sistema de monitoria parece ser mais eficaz para a difusão dessas informações aos novos estudantes dentro da universidade.

Mas sublinhou que, atualmente, havia um sistema de monitores no curso dela, cujo papel era estar ao lado dos alunos que estão chegando para informar e apoiá-los para dominarem os conteúdos das matérias, por exemplo. Esse sistema de monitoria existia antes, mas de uma forma menos visível. O professor escolhia uma aluna que desempenhava esse papel, mas sem estar realmente presente. Hoje, havia um edital, o monitor vinha na sala para se apresentar, a informação era mais divulgada. [...] Ela insistiu sobre a necessidade desse apoio, sobretudo para quem está chegando de um outro estado. Na UnB, existem muitas siglas para se entender, por exemplo. No primeiro semestre, ela contou que ficava muito perdida para achar a sala, os prédios, as siglas... Contou que perdeu aulas, por não ter encontrado a sala certa. Esse tipo de acontecimento acrescentava muito o sentimento de estar deslocada, segundo ela. Foi difícil achar as informações certas, porque não usava muito as redes sociais. Inclusive, destacou que entrou no Instagram somente alguns meses depois da pandemia, porque toda comunicação era feita nas redes sociais. (Entrevistada G)

A dificuldade de acesso por meio de transportes à UnB

Muitas meninas se queixam da dificuldade de acesso à universidade para quem mora na periferia do Plano Piloto em Brasília (DF), onde se encontra o *campus* mais antigo e com maior número de cursos, o Darcy Ribeiro.

... vindo da periferia, ela tinha de pegar três ônibus, com um tempo considerável de trajeto além dos atrasos recorrentes, e isso a estressava muito. Ela falou que viu muitas pessoas desistirem de estudar na UnB por ter que pegar transporte público. Às vezes, acabava chegando atrasada nas provas, o que a deixava estressada. (Relatório Entrevistada A)

Segundo ela, era muito mais cansativo fazer duas horas de ônibus para chegar na universidade e duas para voltar e continuar a estudar, chegando em casa, para acompanhar as matérias... [...] Ela deu o exemplo da segunda-feira: ela tinha aula até as dez horas, lá no Gama, tinha aula às 14 horas, aqui no *campus* Darcy Ribeiro, e depois tinha de voltar às 18

horas para o Gama. Então, nesse dia, na ausência do “intercampus”, ela tinha de pegar ônibus oito vezes. (Entrevistada D)

Uma menina fez uma proposta para melhorar esse acesso:

Ouvindo isso, a pesquisadora procurou saber se essa grande duração de transporte se explicava por falta de ônibus ou pela distância muito longa a percorrer. Ela respondeu que era um pouco dos dois. De fato, havia só um ônibus que estava parando muito entre sua cidade e a rodoviária do Plano Piloto, quando de lá, para ir em Gama, havia um BRT expresso, que era muito mais rápido. Segundo ela, se houvesse esse tipo de ônibus rápido para chegar no Plano Piloto, ajudaria. Ela se queixou também que a UnB tinha tirado um ônibus intercampus grátis, que existia antes da pandemia. Segundo, ela esse ônibus ajudava muito. (entrevistada D)

Mas algumas não comentaram esse fato. Uma até aproveitava o longo tempo de trajeto no ônibus para descansar ou estudar.

Procurando identificar outros obstáculos, a pesquisadora quis saber se ela não encontrava problema em ter de usar o transporte público. Ela admitiu que demorava muito para chegar, mas que ela aproveitava esse tempo para ler, o que ela gostava, e então falou que isso permitia que ela descansasse do dia. (Entrevistada C)

Ter conhecimento da existência do auxílio moradia e obtê-lo, a fim de morar no Plano Piloto, frequentemente muda a vida dessas meninas.

Além da exaustiva rotina de deslocamento, enfrentava disciplinas difíceis e em grande número, o que tornava o período ainda mais desafiador. Essa foi sua realidade ao longo de todo o primeiro semestre. A situação só começou a mudar quando ela obteve uma bolsa da UnB, o que lhe permitiu mudar-se para o Plano Piloto. Isso a levou a se dedicar integralmente aos estudos e concentrar-se em sua formação. Desde o final de 2019, passou a residir na L2, em Brasília, com seu namorado, que também é estudante da Universidade de Brasília (UnB). Com o apoio dos auxílios moradia e socioeconômico oferecidos pela universidade, conseguia arcar com o aluguel e demais despesas domésticas, algo que, segundo ela, só era viável por dividir os custos com o parceiro. Essa nova configuração trouxe uma melhoria significativa em sua qualidade de vida. A estabilidade proporcionada permitiu que se dedicasse mais às atividades acadêmicas, incluindo a pesquisa e os projetos de extensão universitária. (Entrevistada E)

O fato de ter de trabalhar e estudar ao mesmo tempo poderia atrapalhar meninas da periferia em seus estudos

A maioria das entrevistadas não trabalhava e estudava concomitantemente e achava isso impossível no contexto da Engenharia. Mas duas delas o fazia ou o tinham feito. Para uma delas, era necessário estudar e trabalhar para poder se manter na UnB, enquanto, para a outra, a finalidade era mais para poder ser independente de seus pais.

A primeira fala dela em resposta a essa questão foi relativa à falta de dinheiro, que obrigava aluna da periferia como ela a trabalhar e a estudar concomitantemente, sem ter esse luxo de poder estudar só. [...] Quando passou no vestibular, trabalhava com uma ex-sogra como auxiliar de cozinha para vender marmitas. (Entrevistada G)

Depois, ela contou que, além dos estudos, trabalhava oito horas por dia. Começou como estagiária na sua atual empresa, trabalhando, durante um ano, seis horas por dia. No final do estágio, foi convidada a ocupar o cargo de assistente no setor da gestão de projetos, que era bem compatível com seu curso. Achando que era uma oportunidade para ela, arrumou a possibilidade de faltar por conta de algumas matérias que devia passar e de substituir esse tempo para um outro momento. Mas admitiu que era muito cansativo conciliar estudo e trabalho. Acordava às 5 horas 30 minutos e voltava para casa à meia noite. Isso de segunda a sexta. Essa amplitude horária se explicava pelo fato de ela estar se deslocando de ônibus, o que demorava mais do que se fosse e voltasse de carro. [...] Depois, a pesquisadora quis saber se ela trabalhava por necessidade ou não. Respondeu que sua mãe a sustentava e sempre tinha dito que elas não precisavam trabalhar. Mas, como ela começou, recebeu essa proposta e gostou da independência que esse trabalho lhe dava, continuava até então. Achava que essa experiência que ela estava pegando seria determinante para obter um bom emprego, uma vez formada. Contou que estava estudando e trabalhando 8 horas desde o ano anterior. (Entrevistada H)

A importante lacuna de nível entre elas e os outros estudantes

As entrevistadas insistiram sobre essa importante lacuna que existe entre a escola pública padrão e o Instituto Federal.

... ela ressaltou que enfrentou muitas dificuldades no primeiro ano, especialmente nas disciplinas gerais, devido à defasagem do ensino recebido na escola pública anterior, que não oferecia o nível adequado.

Como exemplo, mencionou ter sido reprovada em Matemática, pois não dominava conceitos básicos, como a regra de três, que já eram conhecidos pelos demais alunos. (Entrevistada E)

Também existem as lacunas entre o ensino em escola particular e em escola pública, que se refletem na UnB.

... na Unb é fácil entrar, mas é difícil sair formado. (Entrevistada A)

... contou que foi na universidade que sentiu diferença, principalmente por ter vindo de escola pública, uma vez que, no ensino público, há muito conteúdo que não se aprende e que já deve ser sabido ao entrar nas engenharias. Nos dois primeiros semestres, então, ela teve de correr atrás do que deveria saber e não sabia “por mais que ela gostasse”. [...] Especificou que, no ENEM, tudo o que os estudantes têm de saber era bem “por cima mesmo”. Assim, entrando na universidade, foi que ela se deu conta de que sua falta de conhecimento era bem profunda. Na escola pública, os conteúdos eram abordados de modo superficial, não aprofundados. Para ilustrar, ela contou que, nas escolas particulares, parece que havia um ensino chamado “pre-cálculo” para preparar quem quer cursar exatas e parece que esse curso ajudava muito a passar no curso de Cálculo 1, do primeiro semestre. Não havia essa preparação na escola pública. A turma do seu primeiro semestre dizia que já chegava tendo noção do que eram esses conteúdos, por terem estudado em escolas particulares. (Entrevistada B)

E ainda devem ser consideradas as diferenças entre as escolas do Plano Piloto e as da periferia.

Os outros estudantes não têm somente a sorte de ter estudado nas melhores escolas particulares: eles podem também contar com adultos para ajudá-los em casa.

Depois, incentivada pela pesquisadora, aprofundou um pouco a diferença de realidade entre ela e os outros alunos da turma. Muitos vieram de escola particular, têm computador e celular desde o Ensino Fundamental... Mas, logo depois, ela apontou que fez escola particular também como bolsista, mas não era uma escola com um nível tão alto quanto a dos outros da turma. Assim, os professores falam: “Ah, isso aqui que vocês viram no Ensino Fundamental, no Ensino Médio”, mas pessoas como ela, ou pior, as que saem de escola pública, não viram isso por conta da greve por exemplo ou outras coisas assim. [...] Voltando sobre suas

dificuldades em entender as exatas, ela explicou que, por conta de seu método de aprendizado, demorava para entender o que os professores falavam. A aula expositiva não era suficiente para ela. Precisava sentar-se, ler, remoer até conseguir entender realmente. No começo, ela achava que era seu jeito de aprender mesmo, mas, pensando sobre o assunto, percebeu que teve de aprender sozinha, pela prática, que não tinha essa longa convivência com a teoria, nem alguém para se sentar com ela e lhe explicar de forma adequada, por conhecê-la como filha, como era o caso dos alunos da classe média. (Entrevistada C)

No início do curso, não havia ninguém dentro da sua própria turma com quem pudesse conversar de forma autêntica, pois os demais não compreendiam plenamente suas vivências, tanto do ponto de vista econômico quanto das dificuldades acadêmicas. Muitos colegas já tinham familiaridade prévia com os conteúdos ou tinham condições financeiras para pagar reforço escolar, enquanto ela precisava aprender tudo sozinha. A lacuna entre seu nível e o dos outros estudantes se tornou ainda mais evidente do que na sua entrada no Instituto Federal. (Entrevistada E)

Para superar essa realidade, as meninas têm de trabalhar muito, “aprender a estudar”. Algumas resolvem não entrar na competição com os outros, ficando na competição só consigo mesma, ou procuram distinguir, em cada situação difícil vivenciada, o que é de sua responsabilidade do que é consequência da sociedade desigual, o que não é fácil.

Ela relatou sentir-se “deslocada” no início e que demorou a compreender que poderia interromper as aulas para tirar dúvidas, conversar com os professores ao final das aulas ou recorrer à biblioteca, recursos que não estavam disponíveis em sua escola de origem. Concluiu, a partir dessa experiência, que foi no Instituto Federal que aprendeu a estudar de fato. (Entrevistada E)

Frente a esse fato, ela resolveu dar seu melhor, e tirar satisfação disso, porque, no começo, ela se cobrava muito por não ser a melhor, mas agora entendeu que sempre haveria alguém melhor que ela, porque os outros alunos tinham mais privilégios que ela em termo de educação, de tempo livre para estudar... Então, hoje, o que importa é saber que se esforça ao máximo para passar nas disciplinas e parou de se comparar aos outros. (Entrevistada H)

No Instituto Federal, a ajuda dos outros alunos e dos professores é igualmente determinante para superar as dificuldades geradas pela deficiência do ensino nas escolas públicas.

Para superar a lacuna entre seu nível de conhecimento e as exigências do Instituto Federal, ela relatou ter recebido grande apoio dos colegas. Com eles, criou vínculos, estudava, trabalhava e convivia, formando uma rede de suporte importante. Além disso, destacou que os professores também foram essenciais nesse processo. (Entrevistada E)

A possibilidade de superação das dificuldades ofertada pelos dispositivos de apoio institucionais, na UnB

A UnB oferece matérias de Pré-cálculo, para estudantes que chegam da escola pública. Mas, através dessas entrevistas, nós vimos que, frequentemente, as meninas não as aproveitam por falta de informação.

A UnB organizava um curso de Pré-cálculo para os alunos como ela, mas ela não sabia que estava durante as férias, antes do primeiro semestre, então, ela o perdeu. (Entrevistada D)

Todas as atividades de extensão e as bolsas de pesquisa parecem determinantes para incentivar as meninas a prosseguirem nos seus esforços, uma vez ingressas na UnB.

As atividades de extensão e o PIBIC também foram muito importantes, tanto pelo suporte financeiro quanto pela experiência prática, que incluía trabalho de campo, algo que ela apreciava muito. Atualmente, ao concluir a graduação, ela manifesta interesse em ingressar no mestrado. A experiência acadêmica adquirida na UnB a faz sentir-se capaz de enfrentar a competição do processo seletivo, embora admita carregar um certo receio quanto a possíveis fracassos. (Entrevistada E)

Em relação a essa questão econômica, ela sublinhou que a UnB estava ajudando bastante com bolsas de todo tipo, inclusive aquelas associadas a pesquisa e extensão. [...] Segundo ela, é só depois de um certo momento que a aluna vai poder se acostumar ao meio universitário, descobrindo os projetos que vão gerar mais confiança e desenvolver seu profissionalismo, descobrindo as bolsas que permitem se manter melhor na Universidade. [...] . Isso [trabalhar preparando marmita com a ex-

sogra²] a ajudou no primeiro semestre, antes de saber dos editais, de fornecer os documentos. Tudo isso demora, mas ela participou e conseguiu uma bolsa da assistência estudantil, que ajudava no aluguel. Tinha a alimentação no Restaurante Universitário grátis também desde o primeiro semestre, já enquanto estudante de escola pública. Hoje, ela tem a bolsa socioeconômica, auxílio moradia, estagia e participa do projeto. [...] Uma vez passadas as primeiras etapas, entrou nos projetos e fez amizade. (Entrevistada G)

A UnB oferece também atendimento psicológico gratuito para seus estudantes, mas, mais uma vez, a existência desses serviços não é divulgada suficientemente, segundo essas meninas.

E ela sublinhou que a UnB tinha serviços de atendimento para quem tinha dificuldades de acessibilidade e que ela era até tutora nesse contexto, embora lamentasse que isso poderia ter sido mais divulgado. (Entrevistada F)

As relações com os professores

Professores têm um papel muito importante no nascimento do desejo de elas cursarem Engenharia, tornando sua aula divertida, apoiando cada menina em sua aprendizagem, acreditando nelas, abrindo oportunidade de entrar num Instituto Federal ou na UnB. Mas nós vimos, com o relato de Janaína de São Paulo (Ganem, 2024), que, pelo contrário, os professores podem também contrariar, às vezes, o desejo das meninas, se mostrando indiferentes, duvidando de seus conhecimentos, de sua capacidade... Parece ser frequentemente o caso dos professores da UnB. As professoras, como mulheres, parecem se mostrar sempre mais atentas e compreensivas em relação a essas meninas.

A respondeu dizendo que teve sorte, no Ensino Fundamental, por ter tido muitas professoras mulheres de Matemática e Ciências. Isso já a incentivava, mas não ocorreu no Ensino Médio, onde havia só uma mulher professora, a de Matemática. Mas, como cresceu vendo essas “mulheres de matemática”, não pensava: “por eu ser mulher eu não poderia fazer nada relacionado a Matemática”. [...] Ela lembrou que decidiu fazer engenharia quando estava no oitavo ano. Uma das professoras da época não conseguia falar com dor de garganta e pediu para B explicar a matéria, porque ela sabia. Depois desse evento, ela começou a pensar que ia fazer algo relacionado à Matemática, porque gostava e tinha facilidade.

² Adaptado pelas autoras

Começou a pesquisar o que podia fazer no futuro e resolveu por alguma Engenharia. Entrou no Ensino Médio com essa certeza e focou em estudar isso. (Entrevistada B)

Foi uma professora de Matemática da universidade que ofereceu um cursinho em que ela ensinava um pouco mais coisas que alunos da escola pública deveriam saber, para conseguir ter bom aproveitamento no Cálculo 1. Foi a professora de Cálculo 1 que ofereceu esse cursinho em um projeto que ela desenvolvia com estudantes de escola pública. (Entrevistada B)

Por meio dessas entrevistas, vimos também a importância que o professor ou a professora possui de promover uma interação entre estudantes sobre essa questão da discriminação, das desigualdades.

Quando a pesquisadora lhe perguntou sobre os professores, ela falou que eles não se importavam muito com os alunos. Dentre eles, havia professores mais velhos com a mente patriarcal, um em particular que foi acusado de assédio, mas nada aconteceu até hoje. e outros que, segundo ela, são legais, conscientes dessa questão do gênero. Quando havia problema de assédio sexual na Atlética, onde ela tinha um pouco de poder, fazia tudo que podia para expulsar o assediador, orientar a menina para fazer boletim de ocorrência. Mas, quando a culpa era de professores, ela observava que quase nada era feito. (Entrevistada D)

... em relação aos docentes, a maioria era masculina. Ela contou que um professor, em particular, utilizava exemplos de estereótipos de gênero para ilustrar sua aula.

Quando a pesquisadora perguntou como foi acolhida pelos professores como menina negra da periferia, ela respondeu que geralmente os professores não tinham muito contato com os alunos exceto dentro dos projetos. Eles estavam vindo dar a aula e saíam sem conversar com os alunos. Uma vez só, no primeiro semestre, um professor substituto negro a incentivou, e, graças a isso, passou de primeira em Cálculo, quando, no começo, ela não entendia nada. Mas afirmou que nunca se tinha sentido discriminada pelos professores, pois eles tratavam todos os alunos do mesmo jeito. (Entrevistada G)

As relações com os outros alunos

E difícil, para essas meninas, “se verem” nos outros alunos, porque a maioria é de uma outra classe social.

Hoje em dia, na Universidade também ela estava consciente de sua condição econômica bem menor que a de seus colegas de turma. Por exemplo, quando o professor pergunta quanto tempo eles trocam de celular e eles respondem 2 anos, ou quando ela sabe que, na casa deles, cada um tem seu computador. Uma realidade bem longe da sua, que compartilha seu computador com sua irmã, que está fazendo um curso de Medicina. (Entrevistada C)

Em relação à sua entrada na UnB, ela recordou que foi um período muito difícil, principalmente devido à falta de recursos financeiros. Não tinha condições de se sustentar nem de adquirir os livros e equipamentos necessários para as disciplinas. Para suprir essa carência, recorria a livros doados, buscava materiais na internet e na biblioteca. Enquanto isso, alguns colegas de turma chegaram a receber até mesmo um carro como presente pela entrada na universidade. (Entrevistada E)

Meninos se achavam frequentemente superiores às meninas.

Ela se lembrou que o que era difícil também é que, nos grupos, os meninos sempre tinham a ideia de que as meninas não estavam entendendo o conteúdo, falando para a menina: “Pode deixar que eu faço”. Isso a deixava com raiva no começo, porque ela pensava: “Eu também consigo fazer isso”. Com o tempo, conseguiu ter a coragem de falar: “Não, deixe que eu faço, isso eu faço. Isso eu sei fazer, vamos dividir [...] Ela falava “meninos” porque, frequentemente, em uma turma com 20 pessoas havia 5 meninas só em seu curso. Com isso, era raro que, nos grupinhos, houvesse 2 meninas. (Entrevistada C)

Quando a pesquisadora pediu exemplos de situações que geravam esse sentimento de ser inferior, ela deu o exemplo de um trabalho em grupo de estudantes que trabalhavam juntos, e ela era a única menina. Os outros a aconselharam a conferir se ela estava certa, olhando o que fez um outro, quando isso não foi pedido a nenhum outro aluno. Ela acrescentou que, nesses grupos, era muito difícil para uma mulher estar na frente, organizar o grupo. Os outros meninos vão demorar para responder sua

mensagem. Quando entre eles respondem agora, são amigos.
(Entrevistada D)

Em relação a isso, algumas meninas conseguem superar essas lacunas e manter boas relações com os outros estudantes.

Em relação ao fato de ter de dividir um computador com sua irmã, ela contou que não se importava muito porque tinha um sistema de trabalho muito bom, que acabava por não as prejudicar muito. Quando ela os ouvia falar que tinha um computador só para eles, isso a incentivava a trabalhar mais para construir uma vida melhor para seus próprios filhos.
(Entrevistada C)

Mas, atualmente, ela pensava que era bom também, permitia ter contacto com pessoas de outros mundos e conhecer a vida delas. [...] Ela aproveitava a dinâmica do trabalho coletivo, em caso de trabalho em grupo dentro das matérias, e só. E isso acontecia até agora. (Entrevistada G)

Mas raramente fazem amizade de verdade com os outros estudantes da UnB, sendo que evitar o contacto com eles parece uma defesa possível para elas não sofrerem rejeição.

Contou que, no começo, não fez nenhuma amizade na Universidade. Ela conhecia pessoas nos trabalhos em grupo das matérias que ela via no corredor, nada mais. A única amizade que fez foi com um menino que estudava com ela no Ensino Médio, mas tinha entrado um semestre antes. Então eles não estavam nas mesmas matérias, se encontravam no corredor só: não era amizade de verdade. (Entrevistada D)

Percebeu, a essa altura da entrevista, que fez amizade mais fora de seu curso que dentro dele. Na UnB, ela contou que jamais sentiu rejeição da parte dos outros alunos. Quando a pesquisadora perguntou o porquê, segundo sua percepção, ela indicou que era porque evitava todo tipo de interações com os outros alunos e que isso era uma forma de se proteger.
(Entrevistada G)

Não se ver nos outros na UnB: uma experiência difícil de superar

Muitas meninas falaram sobre essa experiência de “não se verem” nos outros, ao entrarem na UnB. Para algumas delas, essa experiência de fazer parte da minoria é muito difícil no primeiro tempo, sobretudo quando vem acompanhada do sentimento de ser sistematicamente inferiorizada, quer pelos professores, quer pelos outros alunos. Esse sentimento parece aumentar com o maior número de meninos na turma.

Ouvindo a questão, D respondeu que sabia que o número de mulheres irá ser inferior no seu curso, mas não imaginava como seria experimentar fazer parte da minoria e se sentir inferior pelo fato de que os homens do lugar, tanto professores como alunos, sempre duvidarem de sua capacidade, por ser mulher. (Entrevistada D)

... ela se queixou de não “se ver” nas pessoas da universidade. [...] Essa formulação de “não se ver nas pessoas” pode se aplicar tanto em relação ao fato de ela ser mulher como ao fato de ela ser negra, porque, no *campus* onde ela está em Gama, há 80% de homens brancos, por só ter cursos de Engenharia. [...] Assim, os outros alunos não têm os mesmos assuntos de conversação. Quando está falando com eles, ela não se sente atraente e tudo isso acaba por mexer com sua saúde mental. Porque não se sente “tão inteligente” e se sente “1000 KM atrás em relação a várias coisas.” [...] É nesse sentido que acha que afeta a saúde mental, porque, nesse contexto, ela acaba por se perguntar se é boa o suficiente, pois suas ideias estão sendo questionadas pelos professores, em particular. Se um menino falava a mesma ideia que ela, o professor iria dizer, “Oh, que inteligente!” Se fosse ela que falasse, iria perguntar: “Você tem certeza disso? De onde você tirou esse conhecimento?” Com isso, ela está sempre pensando em tudo que tem de fazer, com a pressão de fazer melhor do que os outros, por ser mulher negra, e isso é difícil para ela. Ainda mais que foi recentemente diagnosticada TDAH. Hoje em dia, ela toma remédio e se sente muito melhor. Não é ligado à faculdade de tecnologia só, mas é um fator agravante, segundo ela. Quando a pesquisadora lhe perguntou sobre o que ela chamava de TDAH, ela contou que tinha problema para se concentrar mais de 30 minutos e tinha crises de ansiedade durante as provas. Assim, segundo ela, foi no último semestre, quando tomou remédio pela primeira vez, que conseguiu se concentrar melhor nas matérias. (Entrevistada F)

A importância da integração num coletivo

Nas falas das meninas entrevistadas, nós enxergamos a importância de se fazer parte de um coletivo. Isso é quase sempre a situação delas no Ensino Médio, mas se torna um desafio na UnB.

O que lhe dava segurança era ficar com esse grupinho de amigos, informando-se onde cada um estava para procurar se encontrar, apoiando-se sempre. Essa amizade foi conquistada aleatoriamente no começo. Achou meninas que faziam a mesma Engenharia como ela foram almoçar juntas e depois resolveram ficar juntas, pegar tal matéria juntas... Era um grupo de nove pessoas, na verdade, meninas e meninos espalhados na periferia, não eram todos de Santa Maria. Só um menino desse grupo mora em Santa Maria e perto da sua casa. (Entrevistada B).

Ela relatou ainda que sua participação no projeto Meninas Velozes foi fundamental para ampliar seu convívio social e para que pudesse se abrir mais às pessoas. (Entrevistada E)

Na falta desse coletivo, cercada de ricos, há um risco psíquico, como menina da periferia

O isolamento leva ao risco psíquico de se culpar por essa situação ou de acrescentar esquivas a esse isolamento, fugindo dos outros julgados incapazes de entender seu sofrimento por conta de todas as diferenças entre eles e si mesma.

Procurando explicar o que queria dizer em relação à convivência na UnB, falou que era muito sozinha na faculdade, não tinha ninguém para almoçar, para andar. Vinha às aulas para estudar, resolver algumas coisas, mas não tinha convivência na Universidade. Quando se dava conta disso, se culpava por essa situação. Contou que, durante o primeiro semestre, havia um grupo de pessoas que fazia os trabalhos, estudava junto com ela. Mas essas pessoas saíram da universidade por várias razões, mudaram, desistiram... E agora, não conseguia mais se relacionar e achava que era por ser uma pessoa meio difícil de interagir com outras pessoas. Ela se culpava por ser uma pessoa fechada, que não conseguia “chegar nas pessoas”. Mas admitia que, no Ensino Médio, era diferente, porque fez os três anos com as mesmas pessoas. Então, nessas condições, conseguiu criar laços com elas até hoje. Como ainda não tinha conseguido construir esses laços na universidade, admitia que, às vezes, estava contribuindo pouco para alterar essa situação, sobretudo quando tinha de fazer trabalho em grupo, em turmas onde não conhecia ninguém. Ela esperava para ver se algum grupo ficava incompleto e, então, dizia que estava sem grupo. O problema era que, a cada semestre, era uma turma diferente e

não conseguia reconstruir aquele grupinho inicial para fazer as matérias juntos. [...] Ela admitiu que conviver com pessoas de condição econômica mais elevada chegava a deixá-la com sentimento de inferioridade. (Entrevistada A)

Tentando explicar o que experimentou, ela contou que o mais difícil foi estar sozinha cercada de grupinhos fechados que se conheciam e onde era muito difícil entrar. Declarou que estava sozinha uma grande parte de sua vida e gostava disso. Mas estar sozinha num ambiente onde os outros estão em grupo é o que era difícil no começo, na Universidade. (Entrevistada D)

Essa culpa e o sentimento de inferioridade, gerados pelo fato de ficarem sozinhas, mesmo que cercadas de alunos ricos, não é fácil, porque, afinal, eles “não demonstravam essa superioridade que a gente coloca neles.”

Ela se inferiorizava também por ter de pegar tantos ônibus. Alguns outros estudantes pobres podiam pegar até 5 ônibus, enquanto os estudantes ricos tinham carro para ir à universidade. Ela se dava conta de que os mais ricos tinham muito mais facilidades e dizia que não ia conseguir chegar no mesmo lugar que eles. Assim, ela se inferiorizava, mesmo que os estudantes ricos não fizessem ou falassem qualquer coisa contra ela. (Entrevistada A).

A importância do papel do projeto Meninas Velozes dentro desse contexto

Dentro desse contexto, o projeto Meninas Velozes tem um papel muito importante, incentivando as meninas a perseguirem seus objetivos, mantendo a esperança de entrar na faculdade, conscientizando-as das dificuldades que irão enfrentar, ajudando-as a entender a aplicabilidade das Matemáticas, apoiando-as financeiramente com a bolsa ofertada.

Falou que, geralmente, as pessoas acham que as mulheres não precisam disso. Mas, desde criança, tinha o sonho de dirigir. Enquanto seus primos, com 18 anos, ganhavam a carteira, ela teve de juntar dinheiro para conseguir a sua. Para a carteira de motorista, seu avô ajudou um pouco e o resto vinha da bolsa do projeto Meninas Velozes, que recebia no Ensino Médio. Ela juntava esse dinheiro e outros que ela ganhava, fazendo a limpeza para sua avó, por exemplo. Acrescentou que, com a bolsa,

também comprava suas roupas, não precisava pedir dinheiro para ir a um cinema, lanchar... (Entrevistada A)

Querendo fazer Engenharia, naturalmente, ficou interessada em participar do projeto Meninas Velozes, no Ensino Médio. Para ela, era uma oportunidade de conhecer, de ver se era isso que ela queria realmente. No primeiro ano, ela fez o processo seletivo, mas não conseguiu entrar, e fez o projeto no segundo e terceiro ano. [...] Ela conversava muito com as monitoras, que eram muito sinceras em relação às matérias, por exemplo. E, assim, ela decidiu que realmente queria fazer Engenharia “independentemente se vai ser difícil ou não”. As monitoras sempre foram muito claras em relação às dificuldades de fazer cursos das exatas na UnB, mas sempre a incentivaram, o que foi muito bom. [...] Ela contou que, no Departamento de Engenharia da UnB, quando se anda pelos corredores, a maioria é de homens. Foi uma diferença gritante em relação à escola pública onde estudou antes. Felizmente, com o projeto Meninas Velozes, ela já sabia disso. (Entrevistada B)

A proximidade com as professoras, nesse projeto, permite a algumas superarem seu medo dos professores.

Quando a pesquisadora a perguntou se ela queria sublinhar outras dificuldades que encarou em sua trajetória, C respondeu que foi o contrário : ela encontrou muitas coisas maravilhosas que a ajudaram a entrar no projeto Meninas Velozes. Isso curou seu medo dos professores, porque ela sempre tinha a sensação de que os professores a estavam olhando e pensando, como seu professor da 5ª série: “Meu Deus, essa daí não vai muito longe...” Convivendo com os professores dentro do projeto, ela acabou por curar-se desse medo. Tanto que, nesse semestre, ela tinha começado a fazer um programa de iniciação científica com um de seus professores. (Entrevistada C)

Ter o papel de monitora dentro desse projeto parece muito importante. Mais relevante ainda é o fato de que algumas ex-participantes do Meninas Velozes, como estudantes de Ensino Médio, se tornaram monitoras, retornando a sua escola secundarista em outra condição, como graduanda da UnB, o que é um incentivo para o desejo de outras jovens de seu mesmo ambiente de origem. Assim, também é necessário sublinhar esse papel de destaque das monitoras no dispositivo, o qual foi muito bem ilustrado por B:

Acrescentou que, nesse projeto, ela se sentia muito acolhida por parte das professoras e das monitoras. As monitoras contavam suas histórias, o que poderia mostrar as dificuldades e como elas as tinham vencido. Elas falavam de como era a UnB e que havia redes de apoio, onde podiam encontrar ajuda. (Entrevistada B)

Para ela, o maior objetivo das oficinas era mostrar às meninas que Matemática e Física têm aplicação na realidade, porque, para ela, é isso: a engenharia está em todos os lugares. Achava que isso não era sempre claro na sala de aula do Ensino Médio e que foi uma estimulação para ela saber que não é fazer cálculo por cálculo só, mas que havia uma aplicação na realidade, e tentava passar isso para as meninas da escola de Ensino Médio. Ela só veio a aprender isso na UnB, pois, na escola, não havia essa visão. (Entrevistada B).

Mas, para as novas meninas ingressantes no projeto, parece que ele fracassou em desempenhar esse papel por não favorecer a integração delas.

Contou que, quando entrou no projeto Meninas Velozes, foi bem diferente: não conhecia ninguém, nem professoras, nem alunas e não se sentiu acolhida. Tinha muitas ideias de oficina, mas não se sentia autorizada a expressá-las e logo decidiu ficar calada e de “seguir o baile”. Ela conclui que chegar depois, quando o grupo de meninas já estava constituído, dificultou sua integração como nova. Também não tinha contatos com as outras novas como ela; era estranho. Mas, de qualquer jeito, achava determinante conseguir entrar num grupo qualquer [...] para fazer amizade. (Entrevistada D)

Depois, a pesquisadora perguntou se o projeto Meninas Velozes foi uma fonte de amizade para ela. Contou que achava que iria fazer muita amizade, mas, como chegou depois, não se sentiu muito acolhida; sentia um ambiente bastante competitivo, como é sempre o caso na Engenharia. Por isso também, para não entrar realmente nessa competição, ela acabou por não se aproximar muito das professoras, não chamar a atenção delas. Nesse ambiente individualista, ela, que já era introvertida, não conseguiu fazer amizade. Tinha consciência de que deveria melhorar esse lado de sua personalidade também. Mas fica claro que, nesse grupo, segundo ela, faltava cooperação. Existia entre as meninas que chegaram antes do ano passado, mas não com as novatas, segundo ela. Esse grupo de meninas antigas era muito ativo, mas não se integrou com as outras, e

isso era um pouco desestimulador para as novatas. Com o tempo, a lacuna entre os dois grupos estava aumentando: as antigas ficaram muito envolvidas, enquanto as novatas ficavam mais no seu canto. Segundo ela, isso ficou bem claro no momento da atribuição das bolsas. As antigas receberam, o que era totalmente merecido em relação ao compromisso delas no projeto. Mas elas e as professoras já estão acostumadas, uma vez que, mesmo sem querer, deixavam pouco espaço para as novatas. Havia esse grupo WhatsApp, mas, se você errava uma vez, depois era mal vista... Ela não sabia dizer se o problema vinha dela, das colegas ou das professoras. Com certeza, um pouco de cada uma. (Entrevistada F)

Nesse contexto, foi sublinhado o interesse pela dinâmica da seleção coletiva das bolsistas desse ano, porque elas se uniram para fazer algo coletivo.

... por isso, ela gostou muito da dinâmica da seleção coletiva das bolsistas que foi feita, porque elas se uniram para fazer algo coletivo. Dava para conhecer melhor as meninas, as professoras... Faltava muito antes, segundo ela. (Entrevistada F)

O impacto da pandemia sobre as dificuldades encontradas por essas meninas para conseguirem se manter na universidade.

Envolvida nas tarefas domésticas, tinha dificuldade para poder se concentrar nas aulas remotas que, além disso, são julgadas de menor qualidade do que as aulas presenciais.

Quando a pesquisadora procurou entender por que ela demorou tanto para entrar na Atlética e fazer amizade, percebeu que, entre a chegada de D na Universidade, em 2019, e esse ano de 2023, tinha ocorrido a pandemia. D contou que, durante esse período, ela pegou poucas matérias, e mais as optativas, porque sabia que não ia ocorrer um ensino muito bom e porque também sua mãe, sendo enfermeira e bombeira, estava muito envolvida no cuidado dos pacientes. Ela até foi à Amazônia, onde faltava oxigênio... Então, D ficou com os 3 irmãos e o padrasto, e tinha de cuidar dos irmãos, o que não deixava muito tempo para estudar. [...] Ela contou que era a segunda mais velha e que tinha dois irmãos mais novos que, na época, eram bem pequenos, 6 e 9 anos, bem menos independentes que hoje. Então, era bem complicado: tinha de cozinhar, arrumar a casa que estava em obra, cuidar dos irmãos... (Entrevistada D)

Esses sintomas [psiquiátricos³] se agravaram durante a pandemia, o que, de certa forma, a impedia de se expor nas aulas presenciais, mas, por outro lado, o isolamento também a fazia temer sair de casa. [...] O período pandêmico durou cerca de quatro semestres. No início, ela retornou à casa da mãe, que exigia sua ajuda nas tarefas domésticas e desconfiava de seu compromisso com os estudos, uma vez que a via frequentemente no computador. Para escapar dessas interrupções e se dedicar adequadamente às atividades acadêmicas, ela passou a estudar na casa do namorado, que morava nas proximidades, onde encontrava um ambiente mais propício e tranquilo, especialmente diante da incompreensão da mãe sobre as exigências e a dinâmica do estudo remoto durante a pandemia. Posteriormente, conseguiu voltar a Brasília com o auxílio moradia e acompanhar as aulas remotamente. (Entrevistada E)

Para encontrar amigas e amigos e se beneficiar da ajuda deles (nas matérias, para conhecer e obter as bolsas...) houve sempre um empecilho.

... ingressou um semestre antes da pandemia o que explicava essa dificuldade, sabendo que geralmente essas informações (sobre as bolsas, as siglas...) são transmitidas para as colegas mais integradas na universidade durante os encontros presenciais informais. [...] Em seguida, a pesquisadora quis saber mais sobre as relações de G com os outros alunos de sua turma lá na Universidade, já que ela ainda não tinha tocado no assunto ainda. Sobre esse assunto, ela falou que não tinha entrosamento no primeiro semestre e que isso piorou com a chegada da pandemia. Por conta disso, ficava muito sozinha, mas não tinha como forçar o contato. Ela admitiu que foi difícil, nesses primeiros momentos, mas foi se adaptando, no momento da pandemia. (Entrevistada G)

Quando a pesquisadora procurou saber se os professores e os outros alunos a ajudaram ou não, ela contou que entrou na pandemia, em 2020. As aulas eram remotas, não tinha como fazer amizade. Eles tinham um grupo onde faziam as coisas juntos, porque estavam na mesma escola no Ensino Médio, por exemplo, mas ela não sabia. Ela não tinha ninguém de sua escola que tivesse entrado na Engenharia. Foi depois, no segundo semestre, entrando com todo mundo, ela foi conhecendo mais o pessoal e começou a se beneficiar da ajuda dos outros alunos. (Entrevistada H)

³ Adaptado pelas autoras.

Mas, às vezes, estar em aula remota podia ajudar.

Em realidade, começar remotamente tinha a vantagem de permitir consultar os livros durante as provas, por exemplo. (Entrevistada H)

Quando a pesquisadora se mostrou surpresa com o fato de que, apesar disso, ela tinha conseguido passar nas matérias, ela falou que conseguiu passar em todas que ela tentou, mas que tinha a flexibilidade de estudar na hora em que queria, o que a ajudou. [...] Embora tivesse o trabalho doméstico a fazer em casa, ele não demorava as 4 horas que ela gastava no ônibus. Por isso, preferia as aulas *on-line*. (Entrevistada D)

NA ESFERA PRIVADA OU CÍRCULO SOCIAL

No livro *Em busca da liberdade*, organizado por Valérie Ganem (2024), em que foi usado o mesmo método desta pesquisa, foi lembrado que o inconsciente constitui nossa força motriz. Por intermédio de pulsões, ele é, para nós, fonte de energia. O inconveniente é que nem sempre conseguimos controlar essa energia que nos chega sob a forma de uma excitação que será preciso tratar (FREUD, 1915). Dada a existência do inconsciente, nós não somos “mestres em nossa casa” (FREUD, 1916).

Segundo Jean Laplanche (1987), nosso inconsciente é constituído de acordo com um processo que Valérie Ganem esquematizou da maneira exposta a seguir (Ganem, 2021).



Ganem, V. (Org.) Em busca da liberdade, p. 17

Então, a “situação antropológica fundamental” se constitui numa experiência fundamental de desigualdade, dependência e dominação. A criança pequena é totalmente dependente dos adultos para sobreviver, não tendo, ao início, o aparelho psicomotor necessário para sobreviver sozinha, mas também porque esses adultos têm um inconsciente, e ela ainda não. É preciso, mesmo assim, sublinhar, desde agora, que, dentro dessa situação aparentemente desfavorável à criança, em matéria de desigualdade, todo seu início da vida é condicionado pelo fato de que os adultos responsáveis devem também “obedecer” à criança, no sentido de satisfazer suas necessidades vitais. Desse modo, desde o início, se exerce, entre o adulto e a criança, uma relação de dominação e obediência, que não é unilateral nesse contexto da situação antropológica fundamental. Segundo J. Laplanche, todas as mensagens verbais e não verbais transmitidas desde o princípio pelos adultos, incluindo os cuidados higiênico-dietéticos, são enigmáticas tanto para eles quanto para a criança que os recebe. Provoca-lhe uma excitação a partir da qual ela vai, então, tentar traduzir, com meios muito limitados, que são os seus, sobretudo no início da infância. Tudo aquilo que a criança “hermenêutica” não poderá traduzir virá a constituir, pouco a pouco, seu inconsciente. Aquilo que não é traduzido, seria, então, específico de cada criança.

Por meio de mensagens transmitidas à criança pelos adultos, eles lhe atribuiriam um posto na hierarquia social, tanto em termos de gênero (feminino ou masculino) quanto de cor de pele (negro ou branco) quanto de classe social (pobre ou rico). Em outras palavras, isso significa que o *habitus* (no sentido sociológico de Bourdieu), ou toda uma outra teoria de “socialização”, não seria suficiente para explicar os incidentes em relação ao gênero, à classe, à cor de pele ao longo de toda uma vida, porque essa relação se enraíza em experiências infantis que mobilizam o desejo inconsciente dos pais e as tentativas de tradução feitas pela criança.

Essas mensagens de atribuição se inserem em todo um sistema de preferências dos adultos diante de diferentes crianças que compõem o grupo de irmãos e outros pares agregados (como primos, irmãos de criação, meio-irmãos etc) em uma família. Elas compreendem, especialmente, a ternura e a instauração de um diálogo com a criança, o encorajamento para ser aprovado na escola, a realização do trabalho doméstico e a violência. Nós nos interessamos mais particularmente por essas mensagens, que são problemáticas para as crianças, pois elas se caracterizam por uma desigualdade não somente entre elas e o adulto, mas também entre as crianças que compõem o grupo de irmãos e outros pares. Essas diferentes mensagens seriam transmitidas às crianças em função de diversos critérios que se articulam uns com os outros de maneira bastante sutil: o lugar ocupado dentro do grupo de irmãos e pares, a cor da pele e o gênero.

Assim, o inconsciente se faz presente por sua resistência ao longo de toda nossa vida, obrigando-nos a perseguir a hermenêutica desencadeada durante a infância, a traduzir e retraduzir, de modo a nos emancipar das atribuições das quais fomos sempre o objeto, para existir como sujeito singular. A alienação seria a primeira, e os adultos que nos cercam, a partir de nossa infância, contribuíram para a reprodução das relações de dominação e de hierarquias na sociedade.

Françoise Héritier nos mostrou muito bem a ligação entre aquilo que ela caracterizava como neotenia (de todas as espécies, nós pertencemos à espécie cujo rebento leva muito mais tempo para ser independente) e a hierarquia que, para a autora, constitui o berço. Ela explica isso pelo fato de que a neotenia “nos acostumou a viver nossa primeira infância, o período decisivo da construção de si, com uma ideia de superioridade daqueles que nasceram antes de nós.” (HERITIER & MOLINIER, 2014, p. 178). E, por isso, para ela, existem superioridades que nos parecem legítimas e irrefutáveis.

O estudo conduzido por Valérie Ganem, em Guadalupe (o território ultramarino francês), havia mostrado que essas superioridades, às quais somos acostumados desde nossa infância, não estão relacionadas unicamente com a diferença de idade e de gênero, mas também com a cor da pele, e são experimentadas através da diferença entre os tratamentos reservados às crianças do grupo de irmãos e outros pares pelo adulto, em função desses critérios.

O trabalho constituiria uma das vias privilegiadas para contribuir com nossa emancipação (DEJOURS, 2009, Vol. 2), frente às atribuições das quais temos sido objeto por parte dos adultos, pois ele implica confrontar o real da tarefa, as relações sociais de trabalho e o inconsciente:

Ao se dar conta do que implica o trabalho – a saber, a confrontação com o real da tarefa, a confrontação com o real do inconsciente e o real das relações de gênero –, pode-se observar, com alguma precisão, o que esse trabalho representa como provocação da subjetividade. (DEJOURS, 2009, trad. 2012. Vol.1, p. 184-185)

No centro das relações sociais de trabalho, vimos que se necessitaria levar em conta não somente as que estão ligadas ao gênero, mas também as que estão ligadas à cor da pele.

As mensagens verbais e não verbais transmitidas pelos adultos e os outros mais velhos, no trabalho em geral, e em seus trabalhos em particular, assim como a maneira que eles utilizariam para se engajar, representariam também um papel na relação subjetiva que a criança, depois de adulta, manterá com seu próprio trabalho e com a dominação inerente ao exercício do trabalho.

As mãos, os corpos das mães, dos pais de todas essas e todos esses que carregam as crianças cheiram a alvejante, a graxa, a farinha, a poeira dos escritórios, a perfume: são mais ou menos fortes, mais ou menos aptos a ninar, a contar histórias para dormir ou a antecipar mimos, ou então têm pressa em grudar os pequenos na cama para poder descansar ou [...] ligar a máquina de lavar ou ainda terminar de responder aos *e-mails* de trabalho. Corpos mais ou menos doces, mais ou menos interessados, disponíveis em função da atividade do trabalho. (GAINARD, 2020, p. 7)

Assim, nós tínhamos visto que a intensidade da atribuição a uma categoria dominada da criança pelos pais faz toda diferença para permitir a essa última ter o desejo de sair de sua condição, seja em termos de gênero, de raça ou de classe social. Ouvindo essas meninas, esses aspectos teóricos foram validados. O apoio da família em sua escolha

de estudar ciências exatas na universidade se torna um incentivador determinante. Isso foi visto também na pesquisa quantitativa com os alunos do Ensino Fundamental.

... [sua mãe⁴ apoiou em 100% a escolha de sua filha de fazer Engenharia]. E como ninguém tinha conexão com essa profissão, seja homem ou mulher, ninguém falou para ela “meu Deus, como a mulher vai ser da área de exatas?” (Entrevistada C)

Toda família sempre foi muito unida, segundo ela, e isso foi determinante. Sua mãe sempre a apoiava também. Quando a pesquisadora procurou saber se ela foi apoiada em sua escolha de fazer um curso em Engenharia, se era também o desejo dos pais, ela respondeu, rindo, que não, que o desejo de todos os pais era de ver os filhos se tornarem médicos. Mas ela falou que sua mãe a apoiou em sua escolha de fazer Engenharia. [...] Quando a pesquisadora quis saber se seu pai não achava estranho que ela, uma mulher, queria ser engenheira, ela respondeu que não. Ela sublinhou que foi mais sua mãe que a incentivava, porque ela era de uma família onde as mulheres eram trabalhadoras, trabalhando muito. Então, se H queria ser engenheira, tudo bem: sua mãe acreditava que seria uma boa engenheira e a incentivava. (Entrevistada H)

Esse apoio é ainda maior quando os pais já conseguiram sair da condição econômica original deles e (ou) querem claramente que os filhos o façam.

Essa escolha das duas irmãs de estudar Medicina e Engenharia surpreendia muito as pessoas, porque elas estão saindo de uma condição pobre, e todo mundo achava que iam ficar nesse lugar. C explicou que sua mãe começou a trabalhar com 15 anos e, por isso, ela incentivava muito suas filhas a estudar, para sair de sua condição. E seu pai também. Ele tinha ensinado às filhas a leitura, antes de entrar na escola, contando a história dos livros para elas, por exemplo. Depois ela lembrou que sua mãe tinha educado os dois primeiros irmãos, uma mulher e um homem, na ausência do pai, mas que ela e sua irmã mais velha foram criadas com o pai. Ela era a caçula. Segundo C, sua mãe tinha criado os quatro para melhorar de vida, em comparação com a sua e a de seus próprios pais, avós de C, inclusive os dois primeiros filhos criados sem pai. A prova, segundo ela, era que seu irmão era policial e sua irmã enfermeira, quando o avô materno de C era agricultor. C sempre sentiu essa resolução de sua

⁴ Adaptado pelas autoras

mãe de permitir os filhos terem uma vida melhor, e ela sempre falava disso com eles dizendo por exemplo: “Se você sabe o que você quer, então você tem de correr atrás.” (Entrevistada C)

Ela fez toda sua escolaridade em escola particular, porque o pai dela e o avô paterno, em particular, deram uma grande importância à educação, pois, segundo eles, era a única maneira segura de sair da pobreza, e ela concordava com isso. Então, nessas escolas particulares, de novo, ela era sozinha, como negra. Mas queria sublinhar que os pais não a cobravam para fazer tal ou qual coisa. Embora passassem dificuldades, pagavam escola boa, para que ela alcançasse. Só isso. (Entrevistada F)

O papel do pai

Quando o pai da menina está presente no lar, seu apoio parece decisivo, e a ausência dele é um sofrimento.

Seu pai, por ter de trabalhar muito, fica mais distante do que acontece em casa. Ele nunca falou nada de sua entrada na faculdade, mas ficou um pouco decepcionado, porque ele queria que ela fosse médica. (Entrevistada A)

Ela contou que seu pai não ficou surpreso com sua decisão de fazer Engenharia, porque, quando ele estava trabalhando na casa, arrumando ferro de passar roupa, por exemplo, ela sempre o ajudava. Então, a seus olhos, essa escolha foi natural. (Entrevistada C)

Às vezes, o pai contribui para entender a injustiça da divisão sexual do trabalho doméstico dentro do lar.

Com essa questão de gênero, seu pai não era seletivo, ele colocava todo mundo para limpar a casa ou fazer a comida. [...] Observava que, quando o pai colocava todo mundo para trabalhar, funcionava melhor, era mais justo. Assim, quando encerrava um serviço, todo mundo podia assistir filme, lanche, não tinha um fazendo as coisas e o outro não fazendo nada. (Entrevistada A)

O papel de mulheres ao redor da menina

Mulheres independentes ao redor da menina podem ser fonte de inspiração, como as avós ou tias, não apenas as mães.

Acrescentou que sempre gostou das ciências, da Engenharia e que as mulheres de sua família sempre foram muito independentes. Ela informou que tinha uma tia que se tornou funcionária pública, e sua mãe criou os dois primeiros filhos sozinha. Sempre “fez o que tinha que fazer” e sempre foi um exemplo para sua filha. (Entrevistada C)

Depois, admitiu que essas mulheres batalhadoras da família [avós, tias⁵] tinham sido uma fonte de inspiração para ela. Aprendeu, por exemplo, que jamais deverá depender de um homem. Sua mãe lhe dizia: “É bom você estudar, trabalhar, ter o seu emprego, ter a sua casa, o seu carro, porque, se algum dia, algum homem for falar alguma coisa para você, você tem com o que se defender, porque você não vai depender dele”. E, hoje em dia, a mãe e as irmãs mais velhas incentivavam as mais jovens nesse sentido. (Entrevistada H)

No caso de A, nós vemos também que a mesma tia que a desencorajava a estudar foi quem deu a ela a oportunidade de praticar a direção do veículo, sendo um modelo de independência como mulher. Assim, sem querer, a mesma pessoa adulta pode transmitir mensagens que vão incentivar a criança. Tanto as mensagens verbais quanto as mensagens não verbais (os atos) vão ser interpretadas pela criança, e é essa interpretação que vai ser fonte de incentivo ou não.

Outras pessoas, que tinham construído uma ideia própria sobre universidade pública, não viam que ela estava caminhando. Depois que a pesquisadora insistiu para saber quem eram essas pessoas que não viam sua trajetória, A falou de uma tia. Essa tia não tem graduação e sempre dizia que não era suficiente ser formado para achar trabalho na área, e que, na empresa terceirizada onde ela trabalhava, havia muitas pessoas formadas, desempregadas e pedindo trabalho. [...] Essa tia falava que, quando era jovem, aprendeu que tinha de conquistar as coisas. Assim, ela sempre trabalhou, fez cursos para conseguir algum trabalho, comprou sua casa, seu carro. Ela foi um exemplo de que não tem de desistir de conquistar as coisas, apesar dessa diferenciação entre homens e mulheres na casa. Ela observou que toda família ficou contente por essa

⁵ Adaptado pelas autoras

tia conseguir juntar dinheiro para ter tudo isso, apesar de ter um trabalho terceirizado e de não receber nem dois salários-mínimos. (Entrevistada A)

O papel das irmãs mais velhas ou da cunhada

Ela (A) ajudou o mais jovem, que quer entrar na universidade, a se preparar para o ingresso na faculdade. (Entrevistada A)

A irmã acima dela se formou em Recursos Humanos, que é um curso superior. [...] Ela e essa irmã sempre foram muito decididas e sabiam o que queriam fazer [...] Depois, ela contou que sua irmã mais velha seis anos já tinha feito um curso de Administração e um curso de Enfermagem (Ensino Médio) numa faculdade de Taguatinga e que ela pagava, trabalhando numa panificadora na Asa Norte. Agora, ela estava trabalhando na Enfermagem. B acrescentou que ela mesma sempre tinha a ideia de obter uma bolsa 100% para poder se dedicar aos estudos, sabendo que, na área das exatas, os estudos são muito difíceis e precisam de dedicação total a eles. Como a irmã estudou e trabalhou ao mesmo tempo, ela já sabia que era muito difícil, assim como já sabia que, nas engenharias, teria de estudar muito, muito, sem chance para trabalhar simultaneamente. [...] Vendo sua irmã mais velha sofrer trabalhando e estudando, concluiu que, para ela fazer isso na Engenharia, era inviável. Ela teria preferido largar a faculdade, nesse caso. Hoje não sabe se largaria, mas seria extremamente complicado, difícil. [...] B encontrou essa cunhada pela primeira vez quando estava no terceiro ano do Ensino Médio, quando a cunhada começou a namorar seu irmão, e contou para ela como foi sua experiência na UnB. B contou que isso a incentivou a não desistir de entrar também. Ela dizia sempre: "Você vai conseguir, vai conseguir". (Entrevistada B)

O padrasto se mostra mais um obstáculo que um apoio no caso das meninas entrevistadas

No caso dessas meninas, frequentemente o pai é ausente, morto ou fugido do lar e das responsabilidades dele. Nesse caso, pode ser substituído por um padrasto, que se mostra mais um obstáculo para essas meninas do que um apoio.

Ela não podia ficar calada ouvindo algo de que não gostava, até podia "se tornar outra pessoa". Por isso, segundo ela, "as pessoas não montam em cima dela porque sabem que, se falar, vai escutar também." Ela contou que aplicava isso com todo mundo, inclusive com o padrasto. Contou

ainda que, quando ela e sua irmã eram pequenas, ela tinha 5 a 6 anos, ele batia nelas na ausência de sua mãe, que estava trabalhando o tempo todo. Ela não se lembrava bem disso, mas sua irmã sim. Essa última contou para uma tia, os vizinhos fizeram uma denúncia e ele foi procurado pela polícia... Anos depois, esse padrasto voltou a morar com elas e, nesse momento, ela tinha a certeza de que ele não tinha direito de bater, nem nela, nem nos irmãos, e ficava brava com ele, provocando-o, assim. Hoje em dia, ela achava que esse episódio contribuiu para a construção de sua personalidade muito forte. (Entrevistada D)

Quando sua mãe se apaixonou por mais um homem do qual nem ela nem a irmã mais velha gostavam, porque ele era preguiçoso, ela deixava todo o trabalho doméstico nas costas da filha mais velha. As duas tomaram a decisão de ir embora para morar sozinhas. (Entrevistada G)

O papel ambíguo do trabalho doméstico

A maioria dessas meninas têm de fazer o trabalho doméstico em casa, quando não têm empregada doméstica, o que é quase sempre o caso para grupos sociais semelhantes aos das entrevistadas. Isso é frequentemente imposto de maneira injusta (os irmãos ou os mais jovens não têm esse dever), ou como um obstáculo para estudar e (ou) se divertir.

Ela tinha dois irmãos e, contrariada, tinha de se levantar para arrumar a cama de todo mundo, lavar a louça no horário certo, quando os irmãos não tinham de fazer isso. Ela tinha a “cabeça dura”, questionava sobre essa situação e a resposta recebida de sua mãe era sempre “Porque você é mulher e eles são homens”. [...] Ela pensava que essa divisão das tarefas domésticas ligada ao gênero era por parte de sua mãe e que isso já vinha das gerações anteriores. Nas festas familiares, era sempre ela e suas primas que tinham de lavar a louça, cuidar da comida enquanto os meninos não precisavam fazer nada. [...] Essa divisão das tarefas domésticas, ligadas ao gênero, dentro de sua família, sempre foi vivenciada por ela como uma injustiça. Nunca aceitou essa diferença. Para ela, os homens também tinham braços para fazer o trabalho doméstico. Ela tinha esse sentimento desde criança, mas tinha de obedecer e, portanto, não deixava de fazer. [...] Toda família de sua mãe achava que, como as mulheres sempre faziam tudo em casa desde sempre, a nova geração de mulheres da família como A também tinha que fazer. É algo que não era questionado nessa família. “Tinha de aceitar”. (Entrevistada A)

Depois a pesquisadora quis saber se ela era envolvida no trabalho doméstico da casa. H lembrou que, antes de seus 13 anos, tinha alguém que estava cuidando dela e de sua irmã, mas que, quando sua irmã mais nova nasceu e H tinha 13 anos, essa pessoa parou e foi H e sua irmã que tinham essa responsabilidade de arrumar a casa e de cuidar da irmã mais nova. Hoje em dia, ela achava que isso não era certo, porque elas eram novas demais por isso. Mas sua mãe não entendia isso, por ter sido criada assim. [...] A mãe achava que era uma maneira certa de tornar-se responsável, mas H não concordava. Contou que gostava de brincar na rua como as outras crianças e que não podia porque tinha de cuidar da irmã mais nova. Quando, segundo ela, os pais tinham o dinheiro suficiente para pagar “alguém para cuidar”. (Entrevistada H)

A possibilidade de ser isenta das tarefas domésticas gera um alívio salutar.

Sua mãe mostrava apoio, deixando-a sem fazer o trabalho doméstico, por exemplo. [...] Às vezes, a mãe lhe dizia que teria de se organizar melhor para contribuir mais em casa, mas, em geral, não ficava mal com isso, tendo consciência que era a escolha dela de se dedicar ao estudo. (Entrevistada A)

Nesse caso, sua mãe também podia resolver e se encarregar de arrumar a casa para deixar mais tempo para ela estudar. Era o sábado só que ela devia contribuir no trabalho doméstico, porque era o único dia da semana em que sua mãe trabalhava. (Entrevistada H)

De outro lado, algumas admitem que isso lhes deu mais autonomia e (ou) sentido de responsabilidade.

Quando a pesquisadora quis saber como é que elas não perdiam o incentivo de estudar nesse contexto, ela falou que sempre tinha muito sentido de responsabilidade, pelo contrário, nesse contexto. O fato de ter de cuidar das pequenas gerou isso talvez, porque essas últimas não tinham tanto sentido de responsabilidade quanto as duas mais velhas. [...] Como sua mãe, atualmente, estava em casa, suas irmãs mais novas participavam bem menos que H e sua irmã mais velha tinham participado no tempo antigo, sobretudo porque não havia mais irmãs pequenas para cuidar. [...] Nesse estágio da entrevista, ela percebeu que esse papel de cuidar da casa e das irmãs a torna uma pessoa mais forte, mais capaz de enfrentar os problemas, de não desistir. E, assim, ela admitiu que,

treinada a fazer um monte de coisas juntas (cuidar da casa, das irmãs, estudar...), ela era capaz hoje de trabalhar e estudar, com esses horários amplos demais. Quando sua irmã mais jovem, mais privilegiada, podia ficar no celular ou assistindo série, perdendo tempo quando, ela podia fazer um curso, para preparar seu futuro... (Entrevistada H)

Em alguns casos raros, a menina é isenta do trabalho doméstico para estudar.

Acrescentou que quando ela e sua irmã eram muito pequenas, era seu pai que cuidava delas, enquanto sua mãe estava trabalhando como empregada doméstica. Depois, ele voltou a trabalhar como motorista de carreta e sua mãe as levava a seu trabalho. Quando cresceram, elas começaram a ajudar na casa também. [...] O lugar onde sua mãe as levava, quando fazia o trabalho de empregada doméstica, era na casa de sua professora. Então de lá, depois, ia para a escola. Nessa época, era sua mãe que fazia todo o trabalho doméstico em casa. (Entrevistada C)

O papel das relações de poder entre os homens e as mulheres dentro da família

Quando as mulheres da família se mostram poderosas frente aos homens da família, isso é fonte de inspiração para as meninas entrevistadas.

Quando a pesquisadora quis saber onde ela acha a força de falar assim, embora esteja sozinha, falou que era para quem vinha na sua frente, suas sobrinhas, primas... “Eu não posso deixar que as outras pessoas passem por cima de mim”. Ela não queria mais se colocar no segundo plano, deixá-los continuar a fazer isso com ela, senão, no final do dia, ela não ia se sentir bem. Quando a pesquisadora quis saber se ela identificava uma fonte de inspiração para adotar tal comportamento, respondeu que vinha de sua família. Sua mãe, sua avó, sempre falavam para não depender de homem. Sua mãe dizia: “Não deixe ninguém passar por cima de você”. Que se algo desse tipo ia acontecer, ela mesma iria brigar para defender sua filha. (Entrevistada C)

Depois, a pesquisadora quis saber mais sobre essas mulheres batalhadoras de sua família. Ela contou que todas (avó, tias) tinham problemas de casamento e se tornaram líderes de sua casa. Para brincar, ela falava com a mãe que era uma maldição das mulheres da família. [...] Tanto que, na casa de H também, como ela era acostumada assim, era sua mãe quem tomava a maioria das decisões. Essas mulheres da família encontraram muitas dificuldades, pois elas tinham de trabalhar muito

cedo (10 ou 11 anos, para sua avó) por falta de recursos. Com tudo isso, quem fez o Ensino Superior dentro da família inteira foram duas primas dela, ela e sua irmã. Mas sua avó e suas tias sempre incentivaram as filhas da família a estudar. [...] Ouvindo isso, a pesquisadora quis saber se seu pai não ficava chateado de sempre ver sua mãe tomar as decisões. Ela respondeu que sim, que ela o estava defendendo, dizendo: “Não, pai, pode falar”, “Deixa ele falar”. Mas, em geral, segundo ela, sempre tinha conversado sobre o assunto e não chegava longe. (Entrevistada H)

Nas famílias muito humildes e conflituosas, parece que estudar se torna a melhor opção para fugir do lar

Nas famílias muito pobres, a menina pode não se beneficiar do apoio familiar.

Ela seguiu falando que, desde o Ensino Médio, queria fazer Engenharia, mas as pessoas não acreditavam nesse seu projeto, inferiorizando-a. [...] Quando a pesquisadora perguntou quem eram as pessoas que falavam assim, respondeu que ouvia isso da família mesmo. Ela explicou depois que, de onde vem, era mais fácil fazer ciências humanas, português e licenciatura, mas para ser engenheira ou médica, havia grande obstáculo, pela classe econômica. De onde vem, achavam que não se ultrapassava esses limites. [...] Quando a pesquisadora perguntou como foi quando ela passou na UnB, contou que, apesar de saber desde muito tempo o que queria fazer – seja na Universidade Católica de Brasília (UCB) ou na UnB –, no terceiro ano do Ensino Médio, começou a duvidar de suas capacidade. Hesitou a indicar essa profissão no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), pois tinha medo de não conseguir, de não ter estudado o bastante. Finalmente, passou na terceira chamada. Quando saíram os resultados, contou que nem foi ver, foi dois dias depois, e não acreditou. Ela demorou muito a acreditar e a falar disso com seus próximos. Apenas quando teve de fazer a inscrição na UnB, falou disso com a mãe. [...] Seu irmão, abaixo dela, com 19 anos, não terminou o Ensino Médio e estava trabalhando com vendas *on-line* de eletrônicos, recebendo bem, e não se importava em não ter diploma, assim como seu pai, que não terminou o Ensino Fundamental e ainda conseguia conquistar as coisas dele, sustentar a família. (Entrevistada A)

Ao abordar a questão racial, ela relatou que toda a família materna é negra, composta majoritariamente por pessoas que exerceram ocupações como empregadas domésticas ou outras funções de baixa remuneração e prestígio social. Segundo ela, nenhum dos membros dessa parte da família havia cursado o Ensino Superior ou manifestado ambições de desenvolvimento profissional mais amplo. [...] Nesse contexto, ela acreditava que os padrastos não desejavam vê-la estudar, esperando que ela dedicasse seu tempo somente para a realização de tarefas domésticas, como limpar e cozinhar. Além disso, queixava-se da falta de reconhecimento por parte de sua mãe em relação a suas conquistas. Para ilustrar esse ponto, contou que, embora tivesse feito um curso técnico em automação industrial no Instituto Federal, quando ocorria algum problema elétrico em casa, sua mãe preferia solicitar ajuda a seu namorado, e não a ela, que possuía maior qualificação para tal. (Entrevistada E)

Nesse caso, parece que a escola se torna um refúgio. Sair da família se tornaria um motivo para estudar e superar a condição social da família original.

Apesar de não ter sido tão incentivada por sua família a estudar ou a construir uma carreira, e mesmo diante dos preconceitos, inclusive linguísticos, que enfrentou ao longo de sua trajetória, ela afirmou que sempre teve apreço pelos estudos. [...] A pesquisadora buscou compreender como sua motivação pelos estudos foi possível, mesmo diante da ausência de incentivo familiar, ela explicou que a escola representava, para ela, uma espécie de refúgio. Era um ambiente no qual conseguia se afastar dos problemas enfrentados em casa e onde se sentia mais confortável e acolhida. [...] Nesse contexto, parecia não poder contar com a proteção da mãe diante dessas atitudes dos padrastos. Foi justamente por isso que a escola, e posteriormente a universidade, se tornaram ambientes acolhedores e seguros para ela, proporcionando uma alternativa ao convívio difícil na casa materna. (Entrevistada E)

Quando a pesquisadora perguntou o que gerou, segundo ela, esse gosto pelo estudo, essa vontade de aprender a ler, ela respondeu que não aprendeu isso na casa, onde não havia essa vontade, mas contou que sempre tinha essa vontade de ganhar dinheiro, de ter uma boa qualidade de vida. Havia uma biblioteca perto de sua casa e ela sempre ia lá, tinha facilidade para aprender também, coragem, disponibilidade para sair de sua zona de conforto, e tudo isso colaborou, segundo ela. Porque contou que, na família, a comida era curta, podia ir à escola sem tomar café da

manhã, as roupas eram doadas... Não era fácil, e ela sempre tinha a curiosidade de conhecer outras coisas. (Entrevistada G)

Às vezes, uma vez tendo ingressado na faculdade, a menina é apoiada pela mãe

A possibilidade de passar na UnB estava longe, tanto para ela quanto para sua família, mas sua mãe acreditou mais rapidamente do que ela e ficou a seu lado todo o tempo. Ela e sua mãe sabiam que não era só ingressar na UnB, era passar nas matérias, conviver em outro espaço etc. Sua mãe mostrava apoio, deixando-a sem fazer o trabalho doméstico, por exemplo e entendia também quando ela se recusava a visitar tal pessoa porque precisava ficar em casa para estudar. Ela a encorajava quando estava em dúvida, porque tinha ido mal numa prova, ou quando duvidava de conseguir terminar um trabalho a tempo. [...] Admitiu que a maioria das pessoas próximas acreditava nela, já que ela chegou onde chegou, embora um ou outro achasse que ela não se formaria no curso de Engenharia Ambiental, por ser algo distante da realidade da família. A mãe não acreditava no começo, mas agora acreditava, vendo que ela estava caminhando. (Entrevistada A)

O papel ambíguo da religião

Duas meninas falaram que a igreja tinha a tendência de incentivar as mulheres a se submeterem aos homens, mas elas não acreditavam nisso e, no caso de uma outra menina, pelo contrário, a pastora a incentivava muito a estudar, por ela mesma ter estudado.

Na igreja, também aprendeu que “a mulher tem de se submeter ao marido como a igreja se submete a Cristo”. Ela achava que era uma interpretação errônea dos textos bíblicos. Toda família da mãe dela era da mesma igreja protestante. (Entrevistada A)

Quando a pesquisadora quis saber se tinha muita gente que estava criticando sua ausência assim, ela respondeu que sempre tinha, mas que a pastora de sua igreja a entendia, por ser professora. Então, ela sublinhou que essa pastora foi muito incentivadora para ela e sua irmã, no curso de graduação. (Entrevistada H)

O estranho silêncio sobre a discriminação racial

Ao final das duas primeiras entrevistas, no começo de 2020, parece que havia um silêncio estranho ao redor da questão da cor da pele que, portanto, esteve presente na pergunta inicial da entrevista. No Brasil, ainda temos poucas palavras à mão para falar sobre a discriminação racial, especialmente quando é mais sutil e se mistura fácil com discriminação econômica e de gênero. Essas são mais visíveis, tanto para o próprio sujeito como para a própria academia e as políticas públicas. Podemos levantar a hipótese de que isso decorre do fato que a discriminação racial não é muito discutida nas famílias (GANEM, 2021). A discriminação, em relação à cor da pele, ainda seria negada mais que a do gênero ou da classe social, pois essas últimas parecem mais aceitas. Talvez isso seja uma das consequências da representação da sociedade brasileira como democracia racial (FREYRE, 1950).

No começo da entrevista, B mencionou a questão da cor da pele como uma diferença entre a escola e a universidade. Então, a pesquisadora retomou o assunto para incentivá-la a falar mais sobre ele. Falou que, na escola, não havia uma diferença tão grande entre as pessoas como na Universidade. Mas, depois, ela especificou que ainda não sofreu muito em relação à pele, mas em relação ao econômico. Sabe que essa questão existe por estudos que fez e por ver, na UnB, essa diferença de tratamento entre brancos e negros, mas ela mesma não passou por isso. [...] Depois, a pesquisadora insistiu para saber se ela se lembrava de uma situação ligada à sua cor da pele, mas ela respondeu que realmente não se lembrava de tal acontecimento e acrescentou que, se tivesse ocorrido, não devia ser tão forte a ponto de ela ter percebido. [...] Quanto a sua cunhada, achava que ela encontrou situação de racismo porque era negra, mas disse que sua cunhada jamais chegou a comentar em relação a isso. Ela falava da questão econômica só. (Entrevistada B)

Mas quando nós retomamos as entrevistas em 2024, as meninas falavam muito mais livremente desse problema, embora continuassem a falar que não tinham vivido discriminação na UnB, mas sim nas escolas anteriores e na sociedade. Talvez o acontecimento da chegada do governo Bolsonaro (nos anos 2019 a 2022) tenha contribuído para que as pessoas deixassem de acreditar no mito da democracia racial:

Depois disso, a pesquisadora percebeu que elas não tinham conversado sobre a questão da cor da pele e procurou saber algo sobre sua experiência em relação a isso. Ela respondeu que sua mãe era negra e seu pai branco e que então, tecnicamente, ela era parda, mas que era a “clarinha” da família. Assim, segundo ela, sua mãe e seus irmãos sofreram

racismo muito mais do que ela. A tal ponto que, quando sua mãe vinha buscá-la na escola, pessoas perguntavam se ela era sua babá pela diferença de cor da pele entre elas. Então, se ela sofreu de racismo foi de maneira indireta, assistindo ao sofrimento das pessoas ao seu redor. Sua irmã, que fazia Medicina, por exemplo, era mais escura que ela, e as pessoas duvidavam que elas eram irmãs. Mas afirmou que sua irmã não contou nenhum incidente que tenha vivenciado em relação a isso, na faculdade. A única lembrança que ela tinha em relação com isso foi uma vez em que sua mãe tinha vindo buscá-la na escola e o pessoal não tinha querido deixar, porque achavam que ela era sua babá... Dessa vez, sua mãe tinha brigado muito com eles. Ela não deixava esse tipo de coisa acontecer : se fosse o caso, começava a brigar. (Entrevistada C)

Em relação à cor da pele, estava constatando que a cara do curso que fazia era a do homem branco rico, mas ela não se importava, sabia que tudo isso era muito longe da realidade dela, das pessoas com que ela estava convivendo. Mas não se deixava abater com isso, fazia como se isso não interferisse em nada. Durante a segunda entrevista, a pesquisadora perguntou: como ela conseguiu isso? Quando, no começo, ela contou que se sentia inferior, o que mudou? Ela respondeu que não sofreu muito de discriminação em relação à cor de sua pele, por ser “passável”, “parda”. (Entrevistada D)

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Nós vimos que os obstáculos para uma menina da periferia entrar nos cursos de Engenharia da UnB e se manter até se formar são numerosos. E que eles encontram suas origens tanto na família e na própria universidade, quanto na falta de transporte público e na sociedade desigualitária em geral. E nós vimos que esses obstáculos foram bastante potencializados pela pandemia de COVID-19. Então, as meninas entrevistadas nesta pesquisa podem ser qualificadas como heroínas, por terem conseguido, até então, superar todos esses obstáculos.

Para incentivar os alunos a estudar, em geral, e nas exatas, em particular, as escolas deveriam promover atividades em que os alunos fossem convidados a pensar sobre seu futuro profissional, dentre elas, com visitas às universidades, visitas de universitários às escolas, por exemplo. Nós vimos, através dos testemunhos dessas meninas, que isso inexistente, e essa reflexão chega tarde demais em suas trajetórias (foi sublinhado tanto pelos alunos do Fundamental quanto pelas Meninas Velozes do Ensino Médio).

Se a UnB institucionalizou muitos auxílios financeiros e pedagógicos para apoiar essas meninas, essas possibilidades ainda não são bastante divulgadas nas escolas. Esse esforço de divulgação parece urgente, embora o novo sistema de monitoria pareça ter melhorado bastante essa difusão.

Parece que os professores da UnB, em particular, deveriam se mostrar mais atentos e compreensivos com essas meninas, acreditar mais em suas capacidades para incentivá-las a superar a lacuna enorme que ainda existe entre as escolas da periferia e as do Plano Piloto. As professoras, por sua vez, parecem já ter mais esse cuidado, provavelmente por terem vivido uma parte das dificuldades delas, como mulheres.

Nós vemos que a lacuna entre essas meninas e os outros alunos da turma não é só cognitiva, mas social, ligada tanto ao gênero como à cor da pele e à classe social. Como essa lacuna existe também com os professores, resulta que essas meninas não conseguem “se ver” nesse meio acadêmico e que se sentem frequentemente desprezadas nesse ambiente, o que as coloca em perigo psíquico, conforme foi visto anteriormente. Seria bom que os professores ficassem atentos a isso, evitando que elas se achem sozinhas nos grupinhos de trabalho, sensibilizando os outros alunos e mostrando o enriquecimento mútuo que poderia ocorrer caso existam mais trocas entre eles. A possibilidade de integrar um coletivo, quer seja um projeto de pesquisa ou a Atlética, por exemplo, se mostrou determinante para superarem essa dificuldade. O projeto Meninas Velozes

deveria estar mais atento em criar, entre todas as meninas, um coletivo tão precioso, limitando a competição entre elas, por exemplo.

A falta de transporte público rápido entre a periferia e a universidade e entre os *campi* da UnB permanece um grande problema para essas meninas, que não têm o privilégio de poder se deslocar de carro. Se o governo quer realmente incentivar os jovens da periferia a estudar na UnB, isso deve ser uma prioridade. O auxílio moradia, que lhes permite morar em Brasília, já é um progresso, mas os preços dos aluguéis, no Plano Piloto, são tão elevados que esse auxílio não é suficiente.

A maioria dessas jovens se beneficiou de uma rede de apoio familiar, composta, majoritariamente, por figuras femininas, como mães, tias, avós e irmãs. Ao demonstrarem autonomia, essas mulheres se tornam modelos de conduta, inspirando as gerações mais novas. A emancipação feminina, nesses contextos, forneceu às meninas o suporte e o exemplo necessários para a construção de suas próprias trajetórias. Por outro lado, há a questão de que algumas figuras maternas podem contribuir na distribuição desigual do trabalho doméstico dentro do lar, colocando essas atividades na responsabilidade das filhas mais velhas. Então, distribuir essas tarefas de uma forma equitativa entre todos os membros da família, independentemente do sexo biológico, seria também uma forma de não sobrecarregar as filhas. Quando o pai está presente e as apoia, isso parece determinante também. Os pais precisam ter consciência disso e se mostrarem mais presentes, pois, na realidade dessas meninas, eles foram frequentemente ausentes. Os padrastos, que os substituíram, por outro lado, se mostraram sempre mais um obstáculo do que um apoio, e é importante que eles tomem consciência disso e parem de ver a filha de sua companheira como sua empregada doméstica.

O que fica nas mãos delas é a determinação de não desistirem de seus sonhos, de estudarem muito, de “correrem atrás”, como elas falam, de parar de se comparar com os outros alunos da UnB, de sempre procurarem distinguir, frente às dificuldades, o que é de sua própria responsabilidade e o que vem da sociedade desigual, para não se culparem do que elas não podem mudar de imediato, ou jamais poderão. E isso tudo não é nada fácil.

REFERÊNCIAS

1. Ayouch, T. (2018). *L'hybride, le psychique et le social* : pour une psychanalyse mineure. *K. Revue trans-européenne de philosophie et arts*, 1, 2/2018, 106-123. En ligne <https://revue-k.univ-lille.fr/data/images/Numero-1/9-Psychanalyse%20mineure%201.pdf>
2. Bello, Alessandro; Estébanez, María Elina. (2022) *Uma equação desequilibrada: aumentar a participação das mulheres na STEM na América Latina e Caribe*. Paris: UNESCO; Montevideu: Escritório Regional da UNESCO para a Ciência na América Latina e Caribe. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/policypapers-cilac-gender-pt.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2025
3. BRASIL, UNESCO. *Decifrar o código: educação de meninas e mulheres em ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM)*. 2018.
4. Bello, A., Blowers, T., & Schneegans, S. a. (2021). *To be smart, the digital revolution will need to be inclusive*. Paris: UNESCO. Science Report: the Race against Time for Smarter Development.
5. Cabanes, R. (2002). *Travail, famille mondialisation*. Paris : Karthala.
6. Chiland, C. (Ed.). (1993). *L'entretien clinique*. Paris: P.U.F.
7. Crenshaw, Kimberlé. (2002) Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-188.
8. Crenshaw, Kimberlé. (2004) A interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, p. 7-16.
9. Dejours, C. (2009). *Le travail vivant. Travail et émancipation* (Vol 2). Paris : Payot.
10. Freire P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987.
11. Freud, S (1915), *Œuvres complètes. 1914-1915. Métapsychologie. Pulsions et destins des pulsions* (Vol. XIII). Paris : PUF, 1994
12. Freud, S (1916). *Œuvres complètes. 1915-1917. Leçon d'introduction à la psychanalyse* (Vol. XIV). Paris : PUF, 2000
13. Freyre, G. (1950). *Casa grande e senzala.*, 6a., Rio de Janeiro.
14. Gaignard, L. (2020). *Le travail n'est pas une affaire personnelle. La cure psychanalytique non plus*. Paris : d'une.
15. Ganem, V. (2021). *Aux Frontières du Travail : Analyse des incidences de l'héritage de l'esclavage transatlantique sur les conduites au travail actuelles. De la Guadeloupe au Brésil*. (Mémoire de synthèse en vue de l'obtention du diplôme d'Habilitation à Diriger des Recherches) Université Sorbonne Paris Nord.
16. Ganem, V. (org), Emilli Azevedo, Evaldo Cesar Cavalcante Rodrigues, Lúcia Helena de Oliveira Neves, Ivete de Souza Yavo, Everton Santana de Souza, Lucineide Santiago de Souza, André Santiago de Jesus, Martha Veras Rodrigues (2024) *Em busca da liberdade. Estudo de ligações entre herança da escravidão, família e trabalho no Brasil*. Belo Horizonte, Editora Poisson, Brasil.
17. Héritier, F. & Molinier P. (2014). La valence différentielle des sexes, création de l'esprit humain archaïque. *Nouvelle revue de psychosociologie*, 17, 167-176.
18. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2024). *Brasil divulga resultados da primeira participação no TIMSS*. Ministério da Educação. <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/acoes-internacionais/brasil-divulga-resultados-da-primeira-participacao-no-timss>
19. Laplanche, J. (1987). *Nouveaux fondements pour la psychanalyse* (2è Ed.). Paris : P.U.F.
20. Mazzetti, Antônio Carlos; Wedig, Josiane Carine; Oliveira, Marlize Rubin. (2025) *Interseccionalidade de gênero, raça e classe: uma análise da Educação Superior no Brasil*. *Cadernos de Pesquisa*, v. 27, n. 4, p. 73-99, dez. 2020. Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/13963>. Acesso em: 29 abr.

21. Pedersen, J. V., & Nielsen, M. W. (2023). Gender, self-efficacy and attrition from STEM programmes: evidence from Danish survey and registry data. *Studies in Higher Education*, 49(1), 47–61.
<https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1080/03075079.2023.2220702>
22. Ribeiro, Djamila. (2017) *O que é lugar de fala?* São Paulo: Letramento; Justificando.
23. UNESCO. (2021). *As aprendizagens fundamentais na América Latina e no Caribe: Informe de resultados do Estudo Regional Comparativo e Explicativo (ERCE 2019)*. Escritório Regional de Educação para a América Latina e o Caribe (OREALC/UNESCO Santiago).
<https://www.unesco.org/es/articles/estudio-regional-comparativo-y-explicativo-erce-2019>
24. WEF. (2018). *Global Gender General Report 2018*. World Economic Forum.

www.poisson.com.br
contato@poisson.com.br

@editorapoisson



<https://www.facebook.com/editorapoisson>



9



786558

666882